

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO ACADÊMICO EM PSICOLOGIA

Karla Patrícia Martins Ferreira

**FICAR OU PARTIR?
AFETIVIDADE E MIGRAÇÃO DE JOVENS DO
SERTÃO SEMI-ÁRIDO CEARENSE.**

Fortaleza

2006

Karla Patrícia Martins Ferreira

FICAR OU PARTIR?
AFETIVIDADE E MIGRAÇÃO DE JOVENS DO SERTÃO
SEMI-ÁRIDO CEARENSE.

Dissertação apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como exigência parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof^a Dra. Zulmira Áurea Cruz Bomfim.

Fortaleza

2006

Karla Patrícia Martins Ferreira

FICAR OU PARTIR?
AFETIVIDADE E MIGRAÇÃO DE JOVENS DO SERTÃO
SEMI-ÁRIDO CEARENSE

Dissertação apresentada à Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como exigência parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof^ª Dra. Zulmira Áurea Cruz Bomfim.

Fortaleza, 20 de abril de 2006.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra Zulmira Áurea Cruz Bomfim (Orientadora)
Departamento de Psicologia - UFC

Prof^ª. Dra. Maria do Carmo Guedes
Departamento de Psicologia Social - PUC- SP

Prf. Dr. João Batista de Albuquerque Figueiredo
Faculdade de Educação - UFC

Aos meus pais José Ferreira e Luzia de Freitas

Ao meu amor Henrique Beltrão

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida, pelos dias de aprendizagem, por aqueles que surgiram no meu caminho durante estes dois anos e por ter podido desfrutar da companhia das pessoas que amo; sou grata também pelo amor que me ampara e fortalece, vindo de várias fontes, todos os dias de minha vida.

Aos meus mestres do Departamento de Psicologia da UFC, que contribuíram para a minha formação tanto durante a graduação como durante o mestrado.

Sou grata em especial à professora Zulmira Bomfim pela valiosa orientação e amizade, pelo acolhimento e incentivo nos momentos de angústia, bem como pelo reconhecimento nos momentos de crescimento.

Aos professores Maria do Carmo Guedes e João Batista de Albuquerque Figueiredo pelas contribuições na banca examinadora.

Sou grata à professora Verônica Moraes Ximenes pelas contribuições na banca de qualificação e ao professor Cezar Wagner de Lima Góis pelas valiosas sugestões.

A CAPES, por subvencionar esta pesquisa.

Aos meus irmãos e sobrinhos pelo carinho constante, pela ajuda sempre que precisei, pelo respeito e por compreenderem as minhas ausências durante o período em que trabalhava na dissertação.

Às minhas amigas de sempre Carol, Geórgia, Paty, Nane, Regina e Gesa, pela torcida constante e por perdoarem as necessárias ausências.

Às grandes amigas que descobri durante o mestrado: Adna, Aline, Delane e Evelyn, pelo apoio dado durante os valiosos encontros do nosso grupo.

Aos meus amigos do LOCUS - Laboratório de Pesquisa em Psicologia Ambiental da UFC, pela troca constante de conhecimento, incentivo, carinho e amizade.

Aos meus amigos da Biodança pelo carinho, respeito e aconchego que sempre me fortalecem e me ajudam a sentir a vida com mais leveza.

Ao Luís Lacerda pela contribuição com a análise estatística.

Ao Júnior e Deilane Martins pela disposição em me ajudar sempre que precisei.

Agradeço em especial aos alunos, diretores e funcionários das escolas que me receberam e contribuíram para a realização desta pesquisa: Escola de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor Odorico de Andrade, Escola de Ensino Médio Liceu de Tauá Lili de Feitosa e Centro de Educação de Jovens e Adultos Luzia Araújo de Freitas do município de Tauá.

MANDALA DAS LETRAS

Cabe um poema a cada instante.
A ponta da pena se faz tinta.
Em versos que aproximam o distante
Se abrange a vida que não finda.

Cada letra tem seus caprichos.
Uma a uma pousam no papel.
De arraias e arreios andarilhos
Serenando aquarelas num dossel.

Alheias e senhoras dos sentidos
em ciranda, tecendo mandalas.
São asas e ventos, ventre e umbigo
Sempre ficando e arrumando as malas.

(Henrique Beltrão e Alan Mendonça).

RESUMO

A história do Brasil é marcada pelo grande fluxo migratório interno, sobretudo das regiões Norte e Nordeste para os grandes centros urbanos, principalmente da região Sudeste. O Ceará, estado situado na área do polígono das secas, tem sua história marcada pela difícil condição climática à qual grande parte da sua população está submetida e pelas estratégias de sobrevivência desenvolvidas por esta para resistir aos impactos causados pelas variações climáticas, principalmente no sertão semi-árido. Apresenta-se nesta pesquisa uma proposta de investigação sobre emigração, destacando a importância do estudo da afetividade para a compreensão das relações sociais. Esta pesquisa teve como objetivo investigar os afetos que marcam a relação de jovens do sertão semi-árido nordestino com seu entorno e com sua decisão entre emigrar ou não, através do estudo da afetividade, que pode nos mostrar, segundo Sawaia (1999), uma nova forma de compreensão da desigualdade social e da dialética inclusão/exclusão social. A pesquisa foi realizada em três escolas públicas localizadas na sede do município de Tauá-CE. A amostra dos sujeitos da pesquisa se constituiu de jovens que estivessem cursando o último ano do ensino médio, maiores de 18 anos, devendo também ser composta de moradores tanto da sede como das comunidades rurais do município e de ambos os sexos. Para a apreensão dos afetos, foi utilizada o método dos mapas afetivos (Bomfim,2003) e, posteriormente, para um aprofundamento de questões relevantes ao tema emigração, captadas através dos mapas afetivos, utilizou-se discussão em grupos focais, o que permitiu conhecer diversos pontos de vista sobre o assunto pesquisado, oferecendo, assim, uma importante contribuição ao trabalho qualitativo. A análise dos dados foi feita de forma qualitativa através da análise de conteúdo e contou com uma análise estatística complementar. Observou-se que a decisão de emigrar sofre a influência de fatores bastante subjetivos, sendo a relação afetiva com a cidade importante nessa decisão, pois as pessoas que apresentam uma estima negativa em relação à sua comunidade estão mais propensas à emigração. Entre os grupos, notou-se que as mulheres e os jovens maiores de 21 anos têm maior tendência à migração. Em relação às oportunidades de trabalho e estudo, fatores importantes para a determinação entre partir ou ficar, mostrou-se clara a situação de opressão em que vive parte dos jovens que trabalham e as poucas oportunidades para os que pretendem continuar os estudos. Tais fatores foram identificados como as principais causas que estimulam os deslocamentos dos jovens entrevistados. A importância do estudo se deve ao fato de que, através da compreensão de como a juventude é afetada emocionalmente pelas contingências sociais, pode-se inferir sobre as ações éticas dos jovens do sertão semi-árido, ações estas que ocasionam a manutenção da realidade existente ou a transformação da mesma.

Palavras- chave: migração; semi-árido; jovens; afetividade.

RÉSUMÉ

L'histoire du Brésil est marquée par le grand flux migratoire interne, surtout des régions *Norte* et *Nordeste* vers les grandes villes, spécialement de la région *Sudeste*. L'histoire de l'Etat du Ceará (CE), situé dans le périmètre du "polygone de la sécheresse", est marquée par les conditions climatiques difficiles auxquelles une grande partie de la population est soumise et par les stratégies pour survivre qu'elle a développées pour résister à l'impact causé par les variations climatiques, principalement au "sertão" semi-aride. Cette recherche présente un abordage de l'émigration qui met en relief l'importance de l'étude de l'affectivité pour la compréhension des relations sociales. L'objectif a été de faire une investigation sur les affections (sentiments et émotions) concernant la relation des jeunes du "sertão" du *Nordeste* avec leur communauté et aussi leur décision entre émigrer ou ne pas émigrer. Selon Sawaia (1999), l'étude de l'affectivité peut nous montrer une nouvelle façon de comprendre les inégalités sociales et la dialectique inclusion/exclusion sociale. La recherche a été réalisée dans trois écoles publiques situées au centre de Tauá – CE. Les participants de cette recherche avaient plus de 18 ans et ils faisaient la dernière année de leurs études secondaires. Quelques-uns habitent le centre de Tauá et d'autres, les communautés rurales reliées à cette ville. Pour l'appréhension des affections, on a utilisé la méthode des cartes affectives (Bomfim, 2003) et, ensuite, pour l'approfondissement des questions importantes qui concernent l'émigration, identifiées dans les cartes affectives, on a utilisé les groupes de discussion, ce qui a permis de connaître plusieurs points de vue sur le sujet de recherche, contribuant ainsi dans le travail qualitatif. L'analyse des données a été faite de façon qualitative, en adoptant l'analyse de contenu, et on a compté sur une analyse statistique complémentaire. On a observé que la décision d'émigrer subit l'influence de facteurs très subjectifs, la relation affective avec la ville étant importante dans cette décision, puisque les personnes qui estiment moins la communauté sont plus inclinées à l'émigration. Parmi les groupes, on a remarqué que les femmes et les jeunes ayant plus de 21 ans ont plus de tendance à la migration. En ce qui concerne l'offre d'emploi et les possibilités d'étudier, on voit de façon claire la situation d'oppression dans laquelle vit une partie des jeunes qui travaillent et la restriction des opportunités de continuer les études. Ces facteurs ont été identifiés comme les causes principales qui motivent les déplacements des jeunes interviewés. L'importance de l'étude est due au fait que, si on comprend comment la jeunesse est touchée affectivement par les contingences sociales, on peut inférer sur les actions éthiques des jeunes du "sertão" semi-aride, et ce sont ces actions qui maintiennent ou transforment la réalité.

Mots-clé : migration ; semi-aride ; jeunes ; affectivité.

SUMÁRIO

1 OS PASSOS PRIMEIROS DESTE ESTUDO	12
2 MIGRAR: DESTINO DO NORDESTINO?	18
2.1 Uma compreensão histórica da migração cearense	18
2.2 Tauá: vulnerabilidade social e emigração no semi-árido	27
3 A AFETIVIDADE COMO CATEGORIA DE INVESTIGAÇÃO DA REALIDADE	36
3.1 O estudo da afetividade na Psicologia.	36
3.2 A afetividade enquanto ética e a dialética da inclusão/exclusão.	40
3.3 Exclusão e migração: uma compreensão a partir da globalização.	44
3.4 Afetividade e o simbolismo do espaço	50
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	55
4.1 Os sujeitos da pesquisa	55
4.2 Os instrumentos utilizados na coleta de dados	56
4.2.1 Os mapas afetivos	56
4.2.2 Os grupos focais	58
4.3 As adaptações feitas no instrumento e o pré-teste	60
4.4 A coleta dos dados	62
4.4.1 A aplicação do instrumento de pesquisa	63
4.4.2 A realização dos grupos focais	63
4.5 Análise dos dados	64
5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	67
5.1 Caracterização dos sujeitos da pesquisa	67
5.2 As Imagens de Tauá	68
5.2.1 A imagem de Pertinência	70
5.2.2 A imagem de Contrastes	76
5.2.3 A imagem de Insegurança	80

5.2.4 A imagem de Agradabilidade	84
5.3 Análise estatística complementar dos mapas afetivos	88
5.4 Partir ou ficar? Discussão em grupo sobre os motivações da migração	92
5.4.1 Motivos que influenciam na decisão de ficar	93
5.4.1.1 Medo do desconhecido	93
5.4.1.2 Apego ao lugar	94
5.4.1.3 Medo de se afastar da família	94
5.4.2 Motivos que influenciam a decisão de partir	95
5.4.2.1 Desemprego	95
5.4.2.2 Subemprego	96
5.4.2.3 O desejo de estudar	99
5.4.2.4 A influência de quem já partiu	101
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	105
ANEXOS	110

LISTA DE QUADROS E TABELAS

QUADRO 1- Síntese do processo de categorização voltado para a elaboração dos mapas afetivos.....	65
QUADRO 2- Caracterização dos sujeitos da pesquisa	67
QUADRO 3- Imagens de Tauá, sentimentos e qualidades referentes às comunidades dos respondentes.....	69
QUADRO 4- Imagens de pertinência, conforme os estudantes do último ano do Ensino Médio (EM) de escolas públicas localizadas na sede de Tauá	71
QUADRO 5- Imagens de contrastes, conforme os estudantes do último ano do EM de escolas públicas localizadas na sede de Tauá.....	76
QUADRO 6- Imagens de insegurança, conforme os estudantes do último ano do EM de escolas públicas localizadas na sede de Tauá.....	80
QUADRO 7- Imagens de agradabilidade, conforme os estudantes do último ano do EM de escolas públicas localizadas na sede de Tauá.....	84

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1- Mapa geográfico do município de Tauá	28
FIGURA 2- Foto 1 do carro escolar.....	29
FIGURA 3- Foto 2 do carro escolar.....	30
FIGURA 3- Organograma de vulnerabilidade relativa à seca.....	33
GRÁFICO 1- Índice das categorias de afetividade em Tauá, conforme os respondentes	88
GRÁFICO 2- Estima em relação à sua comunidade.....	89
GRÁFICO 3- Estima em relação à sua comunidade, de acordo com o lugar e moradia.	89
GRÁFICO 4- Intenção de partir de acordo com a estima à comunidade.....	90
GRÁFICO 5- Intenção de partir, de acordo com o sexo.....	90
GRÁFICO 6- Intenção de partir, de acordo com a idade do respondente.....	91

1 OS PASSOS PRIMEIROS DESTE ESTUDO

A presente pesquisa é resultado da minha experiência junto a comunidades rurais do sertão semi-árido cearense, principalmente em Tauá, município escolhido para a realização deste estudo está localizado no Sertão dos Inhamuns, região semi-árida considerada uma das mais secas do Ceará e que tem sua história e a de seus moradores marcada pela emigração.

Em Tauá, tive a oportunidade de conhecer mais de perto a realidade de famílias que vivem no campo, através do trabalho realizado em equipes interdisciplinares no Projeto WAVES¹, no qual atuei por dois anos como bolsista de IC/CNPq, e no Projeto Arizona/UFC², no qual trabalhei, graças à experiência adquirida no projeto anterior, como pesquisadora. Dessa vivência, resultou também minha monografia de graduação em Psicologia, na qual estudei a afetividade de jovens de Lustal, localizada na área rural do município de Tauá, em relação à sua comunidade. Hoje faço parte do Laboratório de Pesquisa em Psicologia Ambiental – LOCUS – da UFC, onde coordenei por um ano o Grupo de Trabalho sobre Aspectos Psicossociais e de Vulnerabilidade no Semi-Árido.

Ainda durante a realização da monografia, comecei a pensar como poderia fazer um estudo sobre a relação da afetividade (sentimentos e emoções) com o fator emigração para os jovens do município, pois o meu interesse em estudar migração foi surgindo aos poucos a partir do trabalho de campo que realizei em diversas comunidades no interior do estado. Em praticamente todas elas havia alguém que tinha algo a falar sobre o medo de ter de partir, do sonho de ir para a cidade grande, da dor e preocupação por ter um filho longe, da alegria de receber ajuda de um parente que emigrou e que está bem, podendo ampará-lo financeiramente, como também ouvi histórias sobre experiências vividas nas cidades grandes como São Paulo, Fortaleza etc.

Assim, conhecendo as comunidades, participando das festas, andando de casa em casa e no contato com as pessoas, ouvindo suas histórias, expectativas e sonhos, comecei a me perguntar quais seriam os fatores que estão por trás da decisão de sair de seu lugar de origem para ir ao encontro de uma nova cidade, de um novo modo de vida e como essa decisão tão

¹ Water Availability, Vulnerability of Ecosystems and Society in Northeast of Brazil. Projeto de cooperação internacional entre Brasil e Alemanha.

² Parceria entre a Universidade Federal do Ceará e a Universidade do Arizona, contando com o apoio do governo do Estado do Ceará, prefeituras e comunidades envolvidas. Busca identificar as principais vulnerabilidades do homem do campo às variações climáticas para, a partir do planejamento participativo, elaborar planos estratégicos de convívio com a seca.

importante repercute na vida das pessoas. O que faz com que muitos jovens ainda pensem em tentar melhorar de vida em outra cidade? Quem são os atores dos deslocamentos, para onde vão e em busca de quê? Desta forma surgiu o meu interesse em estudar a migração, tão presente no cotidiano das pessoas do sertão, como também na minha história, pois nascida às margens do rio Parnaíba, em Floriano, no interior do Piauí, vim para Fortaleza aos 16 anos de idade, acompanhando a minha família. A idéia dos meus pais era a de oferecer melhores oportunidades de estudo para os filhos, já que na minha cidade não havia faculdade. A escolha por Fortaleza ao invés de Teresina, capital do Piauí e geograficamente mais perto de nós, foi influenciada por meu irmão mais velho, que já havia migrado para o Ceará, através de uma oportunidade de transferência no seu trabalho. Desta forma, sou eu imigrante, vinda de uma família de imigrantes. Fica clara a minha relação com o tema, apesar de só ter me dado conta dessa relação quando já estava no mestrado e após começar a pesquisa. Acredito não haver neutralidade científica, pois as nossas escolhas são permeadas pelos nossos afetos, encontramos em cada trabalho realizado, cada parágrafo escrito um pouco de nós mesmos e de nossos afetos.

Falar em emigração nordestina é lembrar das condições de exclusão em que vive parte da população sertaneja, mas acredito que não se pode pensar no emigrante apenas como um ser que é levado “a reboque” pelas contingências sociais. O emigrante é antes de tudo um sonhador. A emigração não pode ser vista apenas como uma forma de diminuir as penúrias causadas pela fome, miséria e falta de oportunidades, pois o emigrante deve ser visto como sujeito em seu contexto sócio-histórico, sujeito este que, na tentativa de driblar a exclusão, pega as rédeas da própria vida e segue, guiado pelo sentimento de esperança, em busca de sonhos como uma forma de dizer não à condição de exclusão em que vive. Com esta visão sobre o emigrante, não quero justificar a migração desenfreada e cruel à qual muitos sertanejos têm se sujeitado ao longo da nossa história, apenas quero recuperar o seu merecido lugar de sujeito de sua história, pois entendo que migrar em busca de melhores condições de vida é um direito do ser humano, porém, ser obrigado por contingências sócio-econômicas excludentes a sair de sua comunidade é ter os seus direitos desrespeitados. Fazer migrar, portanto, é uma violação dos direitos humanos.

A história do Brasil é marcada pelo grande fluxo migratório interno, sobretudo das regiões Norte e Nordeste para os grandes centros urbanos, principalmente da região Sudeste, como também para as áreas rurais do Sul e Sudeste do país. O Ceará, estado situado na área

do polígono das secas³, tem sua história marcada pela difícil condição climática à qual grande parte da sua população rural está submetida e pelas estratégias de sobrevivência desenvolvidas por esta para resistir aos impactos causados pelas variações climáticas, principalmente no sertão semi-árido.

Segundo Bezerra (2004), o estado do Ceará, com uma área geográfica de 148.016 km², tem 92,1% de seu território inserido no polígono das secas. O Estado é, portanto, sob o ponto de vista natural, caracterizado pela semi-aridez. Segundo os critérios da Sudene⁴(apud BEZERRA, 2004), o semi-árido cearense é composto por 134 municípios, ocupando uma área total de 122.766 km². Em relação à densidade demográfica, 45% dos aproximadamente 7,5 milhões de habitantes do estado vivem em área semi-árida. Temos ainda cerca de 25% da população morando na área rural. Bezerra ainda acrescenta que “o semi-árido cearense, em conformidade com o semi-árido nordestino, é considerado o espaço sujeito a semi-aridez mais povoado do mundo” (BEZERRA,2004, p.34).

Chamamos de semi-árida a região submetida a um clima caracterizado pela insuficiência de precipitações, temperaturas elevadas e fortes taxas de evaporação, onde as precipitações pluviométricas apresentam-se, além de insuficientes, com uma irregularidade temporal e espacial, podendo apresentar, assim, longos períodos de estiagem.

A seca, mesmo sendo um evento climático natural de regiões semi-áridas, acaba por representar um desastre, ocasionando a miséria e o desalento de famílias que sofrem com a perda das safras, desesperança e falta de perspectivas e, periodicamente, pode provocar grande impacto sobre o meio ambiente, sobre a economia e a sociedade, inclusive sobre a saúde da população. E, desta forma, tem evidenciado por décadas as difíceis condições sócio-econômicas em que vivem as pessoas do sertão nordestino, salientando a situação de extrema pobreza e o alto grau de vulnerabilidade aos impactos climáticos aos quais elas estão submetidas.

Além destas condições, o acesso aos fatores básicos de produção, como a terra, o capital e a tecnologia, é extremamente difícil. Tal realidade tem feito com que o sertanejo, ao longo da nossa história, emigrasse para outras regiões, levando à extrapolção da população dos locais de destino, o que contribuiu para o inchaço das cidades e tem deixado o e/imigrante, em muitos casos, vulnerável a várias mazelas sociais, devido à difícil realidade enfrentada nos centros urbanos.

³ É denominado Polígono das Secas uma área de 950mil Km², que compreende mais da metade da região Nordeste, indo do Piauí a Minas Gerais. Essa delimitação foi feita pelo governo federal em 1951, através da lei n° 348.

⁴ Sudene: Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste.

Os fenômenos migratórios internos geraram uma grande mudança social na medida em que as cidades, e aqui no Brasil, algumas cidades, foram efetivamente o pólo de atração de todo este contingente humano, com todas as conseqüências de desenraizamento familiar, marginalização e demais seqüelas sociais de todos conhecidas (ALBUQUERQUE, 2002, p. 2).

A seca, no entanto, mesmo evidenciando a miséria em que vivem muitos agricultores, não pode ser considerada a única causa do sofrimento enfrentado pela população rural, pois em alguns lugares do mundo chove menos que no Nordeste do Brasil e a população não chega a sofrer tantos impactos causados pela seca, por não estar vulnerável a eventos climáticos deste tipo, por contar com uma boa infra-estrutura devido a políticas públicas adequadas, que não a deixa à mercê das condições da natureza. Ainda assim, em relação ao Nordeste, a seca tem sido culpabilizada pela miséria em que vivem muitas famílias rurais, sendo há muito tempo o pretexto utilizado para justificar a preservação de uma lucrativa agricultura parasitária que privilegiou os grandes proprietários na manutenção e reprodução das arcaicas formas de dominação política. O que ocorre é que fatores como difícil acesso ao trabalho remunerado, baixo nível de escolaridade, entre outros, caracterizam a vulnerabilidade dessas pessoas.

O conceito de vulnerabilidade tem sido, de acordo com Liverman (1990 apud MAYORGA, 2002), relacionado com outros como: marginalidade, sustentabilidade, adaptabilidade, fragilidade e risco relacionado com os seres humanos, em regiões agrícolas, como conseqüência de processos biofísicos e uso inadequado de tecnologia e intensidade da exploração dos recursos.

Deve-se estar atento, então, acerca da estreita relação entre vulnerabilidade social, impactos climáticos, emigração no semi-árido e êxodo agrícola⁵. Considera-se que o conceito de vulnerabilidade diz respeito à fragilidade do indivíduo ou sociedade em se proteger contra determinada situação de risco, ameaça ou problema, o que a deixa mais susceptível aos efeitos negativos do fator estressante. Percebe-se que a seca pode ser considerada um fator estressante, pois, apesar de ser um evento climático natural de regiões semi-áridas, agrava e põe em evidência a difícil situação em que vive grande parte da população cearense, devido à falta de políticas adequadas para a região, o que tem, ao longo da nossa história, deixado a população à mercê das condições da natureza.

⁵ Utiliza-se a expressão êxodo agrícola para fazer referência ao abandono do trabalho na agricultura e para diferenciá-lo do êxodo rural, sendo este último considerado o deslocamento de localidades consideradas rurais para áreas urbanas.

Como consequência da falta de perspectivas nas pequenas cidades do interior do estado, mesmo nas sedes dos municípios, o êxodo agrícola e a emigração para a cidade tem se mostrado uma alternativa para muitas famílias e principalmente para os jovens. Em Tauá, área geográfica de estudo desta pesquisa, a migração faz parte da história do município. A cidade que tem, dos seus 51.948 habitantes, 25.227 morando em área rural (IBGE, 2002), tem sofrido com os impactos causados pela seca e muitos jovens almejam ir para a cidade grande em busca de oportunidades de trabalho remunerado e de melhores condições de estudo.

Observa-se uma desvalorização cada vez maior do trabalho agrícola em consequência dos difíceis problemas enfrentados pelos pequenos agricultores para se manterem no campo, devido a políticas que privilegiaram os grandes produtores e a mecanização da agricultura em detrimento de uma agricultura familiar, que desse condições dignas de subsistência e que estimulasse uma continuação da cultura agrícola entre as famílias.

O que se vê hoje são jovens que procuram se distanciar cada vez mais do modelo de vida agrícola. As fronteiras entre urbano e rural têm se estreitado a cada dia e o estilo de vida urbano é cada vez mais valorizado e almejado pelos jovens. Esse anseio pelo que é novo e moderno, modelo urbano levado a todos os lugares através da mídia, quando somado à falta de oportunidade de trabalho remunerado e à desvalorização do trabalhador, mesmo nas sedes dos municípios, faz com que a emigração para as capitais ou para cidades industrializadas seja vista como uma boa opção, sendo ainda muito utilizada pelos jovens.

A decisão de emigrar é tomada quando o sujeito conclui que haverá uma série de vantagens concretas no lugar para onde se dispõe partir, como melhor salário, mais oportunidades de emprego, estudo etc. Entretanto, de acordo com Toniatti (1978) há também um conjunto de fatores subjetivos que influenciam o julgamento do sujeito em relação às vantagens de emigrar.

Sayad e Bourdieu (1998 apud ÉVORA, 2002) afirmam que nos estudos sobre migração se faz necessário estar atento aos fatores que influenciam a decisão de emigrar, os fatores determinantes da partida, a diversidade de condições da origem e das trajetórias devem ser objeto de um mesmo estudo. Para os autores é necessário que se procure a origem do imigrante, que também é emigrante⁶, e todos os fatores que o influenciaram na tomada de decisão.

⁶ Eis o motivo pelo qual adoto por vezes neste estudo a grafia “e/imigrante”.

Diante do que foi dito, dos fatores específicos do meio rural, da constituição da identidade dos jovens do sertão semi-árido, de sua forma de se relacionar com seu entorno em condições sócio-econômicas e ambientais tão adversas e do processo histórico de sua comunidade, marcada pela emigração, faz-se de grande importância um aprofundamento do estudo sobre o papel do fator emigração para esses jovens que são estimulados a deixar suas comunidades e suas famílias em busca de mais oportunidades e de melhores condições de vida. Destaco, ainda, a importância da afetividade para esse estudo como rico eixo norteador para a compreensão da realidade e como orientador das ações, influenciando de forma direta o pensar e o agir desses jovens.

Desta forma, esta pesquisa tem como objetivo investigar os afetos que marcam a relação de jovens estudantes do último ano do ensino médio de escolas públicas localizadas na sede do município de Tauá, sertão semi-árido cearense, com seu entorno e os fatores que influenciam sua decisão entre o partir e o ficar.

Para alcançar estes objetivos seguiremos na apresentação do referencial teórico em busca de uma compreensão histórica da emigração nordestina, seguida de uma exposição entre a estreita relação entre vulnerabilidade social e emigração e, por fim, a importância da afetividade como instrumento de investigação da realidade. Aprofundando o estudo da afetividade, articulo a sua inserção na Psicologia e na Psicologia Ambiental a partir de uma discussão sobre sua presença na dialética exclusão e inclusão social, a afetividade enquanto ética e força transformadora da realidade e, enfim, uma compreensão da relação entre o homem e o meio sócio-físico. Finalmente são mostrados os procedimentos metodológicos, apresentação e discussão dos resultados e as conclusões da pesquisa.

2 MIGRAR: DESTINO DO NORDESTINO?

“Agora pensando segui ôtra tria,
chamando a famia, começa a dizê:
eu vendo meu burro, meu jegue e o cavalo,
nós vamo a São Paulo, vivê ou morrê...
Nós vamo a São Paulo, que a coisa tá feia;
Por terras aleias nós vamo vagá.
Se o nosso destino não fô tão mesquinho,
Pro mêrmo cantinho nós torna a vortá”

(A triste partida. Patativa do Assaré)

2.1 Uma compreensão histórica da migração cearense

Para que se possa estudar o fenômeno migratório hoje, na perspectiva dos afetos de jovens que são identificados como e/imigrantes em potencial e em iminência, precisamos compreender como esse processo se dá na sociedade de origem e quais os aspectos objetivos e subjetivos envolvidos na tomada de decisão. Para que se possa falar sobre a migração é preciso que se pense nesse fenômeno como resultado de um processo histórico de nossa sociedade. A idéia de que a emigração nordestina é algo “natural” deve ser desmistificada e historicizada; faz-se necessário, desta forma, estar atento aos fatos históricos que se relacionam com a migração, pois como salienta Silva: “Nenhum projeto presente se sustenta sem o conhecimento do passado. Na dialética entre presente, passado e futuro estão os elementos para qualquer ação transformadora da realidade social” (SILVA, 2004, p.31).

O Ceará tem sua história marcada pela emigração. Considerado exportador de mão-de-obra, é um dos maiores responsáveis pela emigração nordestina. Falar sobre a migração, portanto, faz parte da própria história do estado e de seu povo, acostumado a se deslocar para outras regiões do Brasil. Sobre os números que atestam o grande fluxo migratório no Ceará, Holanda (2005) afirma:

Os últimos resultados do censo 2000 apresentam números que reforçam o aumento dos fluxos migratórios interestaduais entre os diversos estados, em especial o Ceará que ao longo dos últimos 10 anos foi responsável por “expulsar” milhares de cearenses para diversos estados do país. De fato, os números atestam que 1.592.756 cearenses emigraram, representando uma diferença para mais de 16,8% em relação ao censo de 1991. A posição do Ceará como um dos seis estados maiores responsáveis pela emigração nordestina, não é verificada apenas no censo de 2000. De fato, os censos de 1950, 1960, 1970, 1980 e 1991 também mostram dados sobre a relevância do estado como um dos grandes exportadores de mão-de-obra para as demais regiões e estados (HOLANDA, 2005, p. 13).

Ao estudar os fatos históricos relacionados à migração, observa-se que os deslocamentos de nordestinos para outras regiões do Brasil estiveram a serviço do desenvolvimento econômico das regiões de destino. Observa-se este fator através da relação das atividades econômicas que incentivaram as migrações internas na história do Brasil feita por Menezes (2003 apud HOLANDA, 2005, p. 16) e apresentada abaixo:

- 1- Criação do gado no Sertão do Nordeste, no século XVIII, quando nordestinos deixaram a Zona da Mata, devido à decadência da cana-de-acúcar;
- 2- Mineração, no século XVIII, quando nordestinos e paulistas deslocaram-se para Minas Gerais à procura do ouro;
- 3- Cultura cafeeira na Zona de Terra Roxa, que determinou novo movimento migratório (nordestinos e mineiros) para São Paulo e Paraná, em fins do século XIX e começo do século XX.
- 4- A coleta do látex (borracha natural), em fins do século XIX e começo do século XX, quando nordestinos procuraram a Amazônia e conquistaram o Acre, que antes pertencia à Bolívia;
- 5- Surto algodoeiro, na década de 30, atraindo nordestinos e mineiros para o estado de São Paulo.

Como se pode observar, a história das migrações nordestinas ocorre paralelamente à história do desenvolvimento econômico do país e das suas regiões. É importante que se faça uma breve retrospectiva na história do Brasil até os dias atuais para que possam ser

compreendidos os caminhos e as razões da migração nordestina, no caso deste estudo, da migração cearense.

Durante o período colonial, principalmente no início da colonização, o Nordeste teve grande importância no cenário econômico brasileiro, graças à produção açucareira. A importância do açúcar para a economia vai até meados do século XVIII, período marcado pela decadência da economia nordestina e em que se destaca a atividade de mineração em Minas Gerais.

Na cultura canavieira não havia uma preocupação em se estabelecer uma agricultura voltada para a subsistência, o que acabou gerando uma grave crise de abastecimento, assim a criação de gado emergiu como uma opção para atender às necessidades do engenho e o abastecer de alimentos e couro. O crescimento da atividade pecuária e a necessidade de deslocamentos constantes com os animais contribuíram de forma decisiva para o povoamento dos sertões nordestinos.

Para Prado Jr. (1994), a rapidez com que as fazendas no sertão nordestino se alastraram podia ser explicada pelo consumo crescente do litoral, onde a atividade açucareira e o povoamento eram desenvolvidos, como também pela pequena densidade econômica e pela baixa produtividade da indústria local.

No século XVIII, o Nordeste perde sua importância com a crise da atividade açucareira e todas as atenções, neste período, se voltam para a nova atividade que já era de interesse dos portugueses desde que estes chegaram ao Brasil: a mineração. Como consequência do enfraquecimento da atividade açucareira, há um empobrecimento da região Nordeste.

A mineração do ouro no Brasil ocupará durante três quartos de século o centro das atenções de Portugal, e a maior parte do cenário econômico da colônia. Todas as demais atividades entrarão em decadência e as zonas em que ocorrem se empobrecem e se despovoam. Tudo cede passo ao novo astro que se levanta no horizonte; o próprio açúcar, que por século e meio representara o nervo econômico da colonização e sua própria razão de ser, é desprezado (PRADO JR. 1994, p.56).

Com a mineração, a migração de nordestinos para Minas Gerais ocorreu em grande escala, pessoas de outros estados e portugueses também foram em busca do enriquecimento rápido. A saída de um grande número de trabalhadores livres e também de escravos para as jazidas auríferas acarretou grandes distúrbios nas suas regiões de origem,

tendo sido necessário que fosse solicitada à metrópole medidas de controle para conter a perda de mão-de-obra (HOLANDA, 2005).

O ciclo do ouro de Minas Gerais foi responsável por importantes transformações no contexto social do país, sendo um dos indicadores dessa mudança, a transferência em 1763, da capital do país, da Bahia para o Rio de Janeiro. Estava marcada a perda da hegemonia econômica que o Nordeste manteve durante o século XVIII, graças à cultura canavieira, para o estado de Minas.

Já na metade do século XVIII, a mineração atinge seu auge, seguido do seu declínio. O período de exploração do ouro, apesar de rápido, foi responsável pelo desenvolvimento do centro-sul do Brasil e nessa época já se podia observar uma grande diferença entre o Nordeste e a região Sudeste. A decadência desse período se deve a vários fatores, como explica Holanda (2005).

As causas são inúmeras, dentre elas destaca-se: a) o esgotamento das jazidas; b) deficiência de investimentos para buscar novas áreas de exploração; e c) o tributo da coroa portuguesa denominado de o quinto que colaborou fortemente para a decadência da atividade (HOLANDA, 2005, p 23).

No século XIX, tem início um novo ciclo econômico: o ciclo cafeeiro. A cultura do café começa nos estados do Rio de Janeiro e em São Paulo e, até a segunda metade do século, chega a seu apogeu, graças à grande demanda do mercado externo. O café é, então, o carro-chefe da economia brasileira nesse período. Para o escoamento da safra, foram construídas linhas férreas, em decorrência do movimentado mercado em torno do café.

Nesse período, com o avanço da agricultura cafeeira sobre as outras lavouras e com a grande demanda de mão-de-obra, é estimulado o movimento migratório para São Paulo. Segundo Souza (1980 apud HOLANDA, 2005), podem ser destacados três movimentos migratórios para os cafezais paulistas: o primeiro vinha de Minas Gerais, formado por mineradores decadentes que trouxeram consigo mão-de-obra escrava, gado e tropas; a segunda corrente migratória vinha da Baixada Fluminense, oriunda da mão-de-obra servil excedente, por decorrência da decadência da cultura canavieira; a terceira vinha do Nordeste, composta por escravos vendidos e por homens pobres livres.

O Nordeste passava por crise financeira desde a queda da hegemonia açucareira e a população sertaneja ainda sofria com as diversas secas que assolavam a região. Em 1877, o Ceará enfrentava uma das mais sérias secas registradas na sua história o que levou milhares de

cearenses a se deslocarem para a capital e para outros estados, principalmente para os cafezais paulistas em busca de meios de sobrevivência. Segundo Morais (2003), diversos textos literários e jornalísticos do século XIX classificavam o cearense como um nômade, devido aos seus deslocamentos constantes, em busca de condições de sobrevivência.

[...] boa parte destes fazem menção aos processos migratórios ocorridos após a “grande seca de 1877”, quando teve início uma maior preocupação em registrar o número dos que se deslocaram para fora da Província cearense. Esta classificação também pode ser percebida em textos sociológicos, antropológicos e historiográficos, quando se referem às populações migrantes internas do país, em especial aos “nordestinos” (MORAIS, 2003, p. 20).

A migração para Fortaleza durante a seca de 1877 ocorria em grande escala e, segundo Villa (2000), havia centenas de retirantes famintos, doentes, maltrapilhos e por muitas vezes já moribundos, além dos corpos que permaneciam na estrada para a capital. Desta forma, tantos rostos que recordavam à sociedade a sua dívida de responsabilidade para com o outro precisavam ser afastados, aí as idéias de higienização, que perduravam na época, cabiam perfeitamente. Logo, as prefeituras das cidades maiores do sertão tomaram algumas providências para “limpar” as ruas da “feiúra” da miséria estampada em tantos rostos famintos que incomodavam a sociedade da época.

Em Icó, Quixadá e Quixeramobim, municípios do interior do Ceará, sintomaticamente cadeias passaram a ser construídas. Já em Fortaleza surgiu a idéia de se erguer um asilo para alienados e mendigos, proposta considerada pela imprensa como uma idéia ‘generosa’, pois, além de tudo, ‘sairá a obra por metade do que se podia fazer em tempos normais’ e será possível ‘recolher nele os loucos e mendigos que infelizmente abundam entre nós’ (VILLA, 2000, p.46).

A cidade de Sobral, no interior do estado, foi uma das que recebeu os migrantes que fugiam da seca. À época, um leitor, dessa cidade, escreve para o jornal *O Retirante*, citado por Villa (2000).

Pavorosa é a nossa atual situação! [...] Por toda parte o silêncio; em todos os semblantes, a tristeza! Longos anos serão precisos para a reparação de tamanhos estragos. [...] impossível é contar-se as caravanas de emigrantes que aqui chegam vindos de diversos pontos da província, descalços, andrajosos, imundos, macilentos, desenhados na fisionomia os horrendos sintomas da miséria! [...] Que desespero; que horror; quanta indiferença e desumanidade! [...] O povo quer pão. E o seu clamor é como um grito de socorro da sentinela perdida. Ninguém ouve (Jornal *O Retirante*, apud VILLA, 2000, p.48).

Nos dois trechos citados logo acima, pode-se verificar como era o comportamento da sociedade da época em relação ao imigrante faminto de comida e de oportunidades. Segundo Morais (2003), quando esses imigrantes chegavam à capital geravam espanto, não somente pela sua condição subumana, mas, sobretudo, pela sua resistência “por sua insistência em manterem-se vivos” (MORAIS, 2003, p. 109).

Em seus pés e rostos estavam as marcas das jornadas extenuantes. Seus corpos pareciam inanimados, mas seus olhos contavam uma história que ninguém queria ouvir, por isso os cidadãos não suportavam olhá-los. Sua história envolvia a todos, cidadão da urbe e do campo, comerciantes, padres, proprietários de terras, presidentes, intelectuais e o imperador, mas ela nunca lhes foi perguntada, era quase inapropriado registrá-la (MORAIS, 2003, p. 109).

Apesar de a sociedade preferir fechar os olhos para a história que os imigrantes tinham a lhes contar, a sua saga foi registrada por alguns literatos e intelectuais como Rodolpho Theóphilo, José do Patrocínio e Barão de Studart. A historiadora adverte, entretanto, que, na narrativa desses intelectuais, os dramas vividos por estes sujeitos ganharam um “verniz romantizado” e ainda acrescenta que “as descrições de Theóphilo, por mais profundas que fossem, não pareciam suficientes para fazer os homens de setores políticos de seu período terem sequer dimensão aproximada do flagelo vivido ao Norte do Brasil” (MORAIS, 2003, p. 109).

De acordo com Vieira (1992), com o final da escravidão em 1888, a região Nordeste enfrenta nova crise econômica. Uma vez que a produção regional de cana-de-açúcar se sustentava no sistema escravista de trabalho, a libertação dos escravos provoca um colapso na economia nordestina. Já na região Sudeste, sobretudo em São Paulo, o impacto foi menor, pois esse estado já substituía a mão-de-obra escrava por trabalhadores livres, imigrantes estrangeiros ou nordestinos. Posteriormente, com o desenvolvimento industrial do Sudeste, as disparidades entre esta região e o Nordeste, ficaram ainda maiores.

Com as diferenças regionais aumentando cada vez mais, e o desenvolvimento do complexo industrial do Sudeste, o Nordeste brasileiro começou a ficar cada vez mais pobre e dependente, agravando no decorrer do século XX as condições de fornecedor de mão-de-obra barata e produtos primários e importador de manufaturado [...] (VIEIRA, 1992, p. 11).

No período em que se dava a Primeira Guerra Mundial, o Nordeste foi assolado por uma das mais severas secas de sua história: a seca de 1915. Em maio desse ano, o governador do Ceará, Benjamim Barroso, em um telegrama pede ajuda ao governo federal:

Atos de desespero de chefes de família, recorrendo ao suicídio, são já registrados. Homens, mulheres e crianças, esqueléticos, já se alimentam com cardos silvestres, outros procuram as matas de palmeiras do vizinho estado do Piauí para se alimentarem de coco tão-somente (VILLA, 2000, p. 103).

Em 1916, de acordo com Villa (2000), Fortaleza chegou a abrigar aproximadamente 20 mil retirantes, tendo sido parte destes acomodada em uma das maiores praças da cidade, o Passeio Público. Posteriormente eles foram transferidos para o Alagadiço, onde a reunião de flagelados recebeu o nome de “*Campo de concentração*”.

Durante a Segunda Guerra Mundial, o Brasil incorpora-se ao esforço militar dos Aliados, declarando guerra às nações do Eixo. No período entre 1942 a 1945, milhares de retirantes foram levados para a Amazônia, para “darem sua contribuição à pátria”, fazendo parte da chamada batalha da borracha, sendo por isso chamados de “soldados da borracha”. O deslocamento dos retirantes para a Amazônia também fazia parte do programa do governo federal para a ocupação dos espaços vazios, aproveitando-se o excedente populacional do sertão nordestino. De 1942 até janeiro de 1945, “de acordo com dados oficiais, foram levados 48.765 nordestinos para a extração da borracha na Amazônia” (VILLA, 2000, p. 164). Destes, estima-se que cerca de 10 mil homens tenham morrido ainda durante a Segunda Guerra Mundial. Os soldados da borracha acabaram sendo vencidos por doenças como lepra, tuberculose, beribéri, malária, entre outras, assim como pelo descaso governamental.

Durante o governo de Juscelino Kubitschek (1956 a 1960) foi criado, sob a coordenação do economista Celso Furtado, o Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste (GTDN), que tinha como meta apresentar propostas de soluções para os problemas enfrentados pelos nordestinos.

O GTDN fez uma boa descrição sobre a convivência do sertanejo com a seca. A organização da produção nas zonas semi-áridas foi vista como essencial para que se pudesse ter uma compreensão da relação entre a seca e os movimentos migratórios. Nessa fuga do pequeno agricultor em busca de melhores condições, os grandes fazendeiros continuavam com a segurança de que durante o período em que os pais de família estivessem trabalhando para o governo em frentes de serviço de cunho assistencialista, as suas famílias permaneceriam trabalhando na propriedade, mantendo assim a força de trabalho necessária para a produção (REN, 1987 apud HOLANDA, 2005).

Com a ditadura militar, instaurada em 1964, as propostas voltadas para a solução dos problemas nordestinos foram esquecidas, havendo dificuldades para que se estabelecessem meios de prevenção contra os impactos da seca de 1970. Entretanto, nesse período o governo federal negou a gravidade do que vinha acontecendo no sertão nordestino e, segundo Villa (2000), o Ministério do Interior mostrou-se completamente despreparado para tratar o problema.

Em 1983, a seca no Nordeste ganha páginas dos principais jornais do país e destaque na mídia. Essa seca, na verdade, já durava cinco anos e apresentava a crítica situação das comunidades rurais do sertão onde a fome era a constante companheira e fazia parte do cotidiano das pessoas. O governo do Ceará apresentou medidas emergenciais, os chamados bolsões da seca e as frentes de trabalho que, segundo os agricultores de Tauá, em entrevistas realizadas por nós em 2001 e 2002, como parte do trabalho realizado no Projeto Arizona/UFC, sempre lhes causaram humilhações, pois a seleção durante o alistamento já era aviltante, e o processo continuava, com as péssimas condições de trabalho, o ínfimo pagamento recebido e os alimentos de má qualidade.

Nesse período, ao enfrentar as conseqüências da seca de 1983, o então governador do Ceará, Gonzaga Mota, em entrevista ao Jornal do Brasil, fala da situação do estado:

Estamos dentro de um processo em que a seca chega mesmo a matar pela inanição. Eu diria mesmo que estamos gerando uma sub-raça. A estatística é, sem dúvida, alarmante: temos aproximadamente três milhões de flagelados pela seca, dos quais somente 600 mil estão trabalhando e ganhando o salário de Cr\$ 15.300,00. A população de Fortaleza é, neste momento, de mais ou menos 1,5 milhão de pessoas e, em outubro ou novembro, chegará a 1,8 milhão. O que fazer? Minha sensação é a de quem está enterrando, diariamente, muitos irmãos cearenses. Eu não tenho condições de, sozinho, enfrentar e resolver o problema, que é um problema de dar água e comida para quem está faminto e com sede. E são milhões (Jornal do Brasil, apud PAULA E BENJAMIM, 1986).

Observa-se que a seca tem marcado a história do Estado e de seu povo, entretanto faz-se necessário reforçar a fato de que a seca é apenas um evento climático natural de regiões semi-áridas e que, portanto, já deve ser esperada, mesmo que não se saiba exatamente quando virá e quanto tempo durará, apesar de atualmente se poder contar com tecnologia avançada para o estudo sobre variações climáticas. A FUNCEME⁷ tem apresentado regularmente informações climáticas que devem ser utilizadas pelos governantes para que possam ser estabelecidas políticas de curto, médio e longo prazo para o convívio com os períodos de estiagem.

Em pesquisa recente, Holanda (2005) verifica os fatores que influenciaram a emigração de cearenses para outras regiões do país e para o exterior durante os anos de 1991 a 2003. Através dos resultados obtidos, concluiu que os cearenses estão emigrando independentemente das variações climáticas, ou seja, não é apenas nos períodos de grande estiagem que as pessoas se deslocam para outras regiões, isso tem acontecido de forma independente desse fator. O que mais influenciou o crescimento da emigração cearense durante os anos de 1991 a 2003 foi o desemprego e os empregos com baixos salários. A taxa de emigração no estado, durante esse período, cresceu em 3,132%, enquanto a taxa de desemprego no estado cresceu em 6,080% (HOLANDA, 2005).

Foi verificado, pela equipe do projeto Arizona/UFC, o quanto as informações climáticas eram utilizadas pelos agricultores, pois estes deveriam ser os maiores beneficiados por tais informações. Observou-se, entretanto, que o grau de vulnerabilidade do homem do campo cearense é tão alto que ter as informações meteorológicas não fazia muita diferença, pois mesmo que o agricultor fosse avisado com bastante antecedência que haveria uma seca, ainda assim, ele sofreria com perda da safra, diminuição no seu estoque de alimentos, fome, falta de perspectivas até a conseqüente emigração. Desta forma, mostra-se importante que, além de uma compreensão do processo histórico da emigração cearense, se tenha também uma compreensão da estreita relação entre vulnerabilidade social, impactos climáticos, êxodo agrícola e êxodo rural.

A concentração de terras na mão de poucos, que gera a pobreza de muitos, é outro fator marcante na história do estado que contribui para a situação de fragilidade das populações rurais. Até hoje, grande parte dos pequenos produtores não são donos da terra que cultivam. São trabalhadores sem terra, que cultivam propriedades de terceiros em condições de

⁷ Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos.

meeiros⁸ ou arrendatários⁹ e que se mantêm em uma agricultura de subsistência, de forma ainda muito rudimentar devido ao difícil acesso ao capital¹⁰, à tecnologia e também à informação. Este conjunto de situações faz com que aumente a fragilidade das comunidades rurais diante de eventos ambientais como a seca e as enchentes, caracterizando e marcando a vulnerabilidade social dessas pessoas e contribuindo para que o estado de pobreza seja considerável no sertão cearense, culminando na emigração, na grande maioria das vezes, de jovens que procuram condições de trabalho remunerado tão difíceis no sertão.

2.2 Tauá: vulnerabilidade social e emigração no semi-árido

“Nunca diga, nordestino, / que Deus lhe deu um destino / causador do padecer.
 Nunca diga que é pecado / Que lhe deixa fracassado / Sem condições de viver
 Não guarde no pensamento / Que estamos no sofrimento / É pagando o que devemos
 A providência divina / Não nos deu a triste sina / De sofrermos.
 Deus, o autor da criação / nos dotou com a razão / Bem livres de preconceitos.
 Mas os ingratos da terra / Com opressão e com guerra / Negam os nossos direitos.
 Não é Deus que nos castiga / Nem é a seca que obriga / Sofreremos dura sentença.
 Não somos nordestinados, / Nós somos injustiçados, / Tratados com indiferença.
 Sofremos em nossa vida / Uma batalha renhida / Do irmão contra o irmão.
 Nós somos subordinados, / Nordestinos explorados, / Mas nordestinados, não [...].
 Mas não é o Pai Celeste / Que faz sair do Nordeste/ Legiões de retirantes
 Os grandes mártírios seus/ Não é permissão de Deus/ É culpa dos governantes
 Já sabemos muito bem / De onde nasce e de onde vem/ A raiz do grande mal
 Vem da situação crítica/ Desigualdade política/ Econômica e social [...]”

(Nordestino sim, nordestinado não. Patativa do Assaré)

O município de Tauá encontra-se localizado a 324 km da capital, sendo considerado o principal do Sertão dos Inhamuns. Com uma área total de 4.306 km², é o maior do estado em extensão geográfica e encontra-se inteiramente inserido em área semi-árida, representando uma das regiões mais críticas do Ceará em questões de vulnerabilidade climática, apresentando uma alta concentração fundiária e elevados indicadores de pobreza. A população do município é de

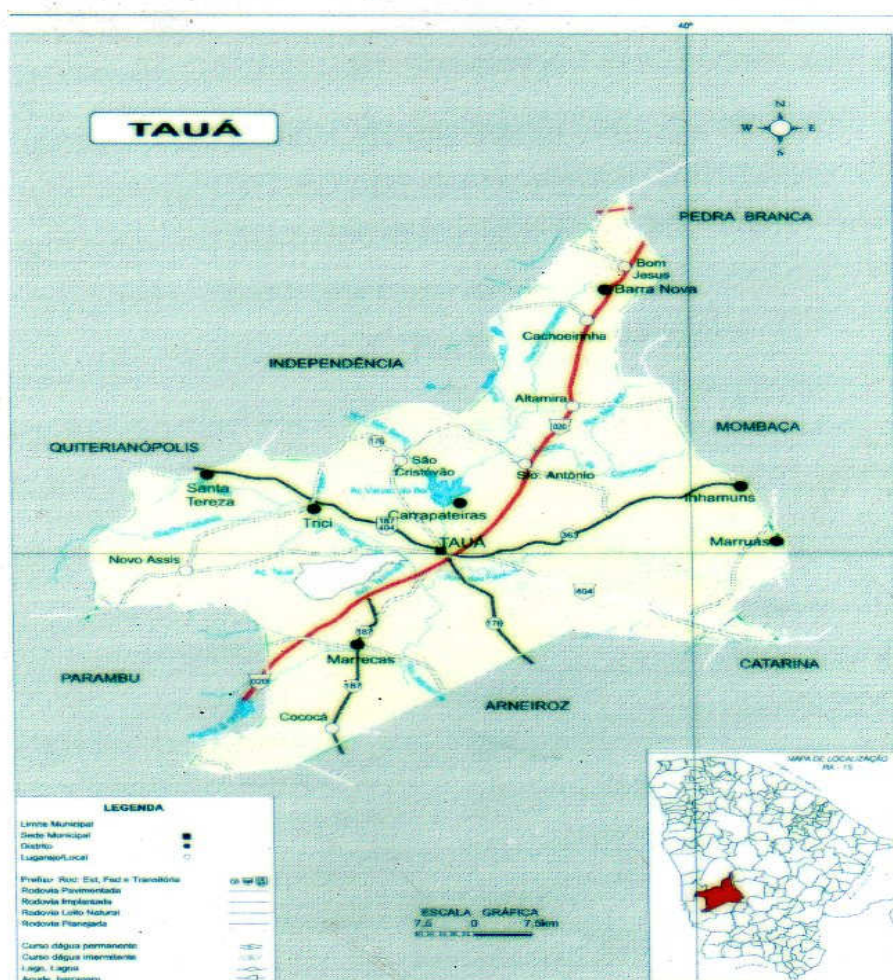
⁸ Trabalhadores rurais sem terra que cultivam terras de terceiros e que entregam parte de colheita, geralmente a metade, como pagamento pelo uso da terra.

⁹ Trabalhadores rurais sem terra que cultivam em terras de terceiros e que pagam ao proprietário uma certa quantia em dinheiro pelo uso da terra.

¹⁰ Segundo Bezerra (2004), a renda encontrada no semi-árido rural é de aproximadamente 1/3 do salário mínimo nacional.

51.948 habitantes e 48,56% destes residem na zona rural, segundo dados do IPLANCE¹¹ (2004). Com relação à renda dos residentes, existe cerca de 15.259 pessoas com idades a partir de dez anos com renda de no máximo um salário mínimo por mês (IBGE,2002).

O município tem como principal atividade econômica a agricultura, sendo possível a produção, de forma satisfatória, de milho, feijão, algodão, melancia e jerimum, nos anos em que, durante os meses chuvosos (janeiro a maio), há uma precipitação de mais de 450 mm, sendo considerado, pelos agricultores, um ano de “bom inverno” (CAMPOS, 2004). O mapa geográfico de Tauá é apresentado a seguir:



FONTE: Perfil Básico Municipal (IPLANCE, 1998).

FIGURA 1 – Mapa Geográfico do Município de Tauá.

¹¹ IPLANCE: Instituto de Pesquisa e Informação do Ceará

Em relação aos dados sociais, observa-se que no município há uma população com baixo nível de escolaridade, com uma taxa de 14,14% de analfabetos e uma taxa de 54,19% de pessoas que são consideradas capazes de ler e escrever algo, mesmo sem nunca ter freqüentado a escola (IPLANCE, 2004). De acordo com o IBGE, com base nos dados do último censo, a previsão de número de matrículas para 2004 no ensino fundamental era de 12.156, para o ensino médio era de 2.015 matrículas e para o ensino superior apenas 228 matrículas, enquanto o número de pessoas com idades de 10 de anos ou mais, que se encontravam sem instrução ou com menos de um ano de estudo, era de 11.099 pessoas (IBGE, 2002).

Ainda em relação à educação, existem poucas escolas de ensino médio, apenas três na sede do município e anexos destas em algumas comunidades rurais. Grande parte dos alunos para ter acesso ao ensino precisa se deslocar de sua comunidade para a escola utilizando, muitas vezes, conduções inapropriadas e inseguras. O carro utilizado para o transporte de alunos que moram nas comunidades rurais é do tipo pau-de-arara, transporte que é um símbolo da história da emigração nordestina. Encontram-se apresentadas a seguir fotos que ilustram a realidade do transporte dos estudantes que moram nas áreas rurais.



Fonte: acervo desta pesquisa



Fonte: acervo desta pesquisa

Segundo dados do Projeto WAVES, em Tauá a maioria dos emigrados é composta por jovens que não avaliam o campo rural de forma negativa em comparação à cidade, mas que, por falta de perspectivas de trabalho e renda no município, foram “obrigados” a sair de seu lugar de origem em busca de mais oportunidades. “O processo de decisão de migrar é doloroso para estes jovens e envolve muito conflito. O jovem não quer largar suas raízes, família e lembranças da infância, mas anseia pelo trabalho e lazer de que não dispõe na comunidade” (LIMA, MAYORGA e MAYORGA, 2003, p. 10).

De acordo com Lima, Mayorga e Mayorga (2003, p. 8), o jovem de Tauá está inserido em um contexto de exclusão, por não dispor de trabalho e lazer à altura do desejado e ainda por sofrer com as dificuldades de um município que é severamente castigado pela seca. Este jovem ainda não está organizado politicamente, nem encontra respaldo em instituições capazes de fazer valerem os seus direitos. Toda essa lógica o “empurra”, com o consentimento da família, para outras cidades em busca de melhores condições de vida.

Os autores afirmam ainda que a lógica de migração de jovens no município sofre a influência de elementos bastante subjetivos em torno de suas aspirações. A desagregação a que estes jovens estão submetidos também fica evidenciada pela falta de grupos organizados no município, pois, por não existir uma entidade representativa de seus interesses na comunidade, eles se vêem sozinhos, sem ter uma instituição a quem possam recorrer para criar forças sinérgicas em busca de atender suas aspirações.

Devemos estar atentos ainda ao fato de que os jovens que formam a grande maioria da força de trabalho que emigra apresentam características bem específicas de seu lugar de moradia e de suas experiências vivenciais como o fato de que alguns são trabalhadores rurais desde muito cedo, além de apresentarem características específicas da juventude. Todos estes fatores devem ser levados em consideração quando pensarmos no planejamento de políticas públicas que busquem atender as demandas da população e quando pensarmos na construção de sua identidade, da sua relação com a sociedade e de suas perspectivas no que diz respeito ao seu próprio futuro e ao de sua comunidade.

Verifica-se a situação de exclusão e vulnerabilidade em que se encontra parte dos jovens de Tauá. Apesar de a atividade agrícola ser ainda muito importante para a economia do município, os jovens se afastam cada vez mais da possibilidade de trabalho com a terra. Por outro lado, estes também não encontram espaço na sede do município, ou seja, não acham formas de trabalho remunerado que lhes proporcionem uma condição digna que permita que se mantenham no local de origem sem precisar recorrer à migração.

Parte dos jovens que participaram desta pesquisa, entretanto, relataram que exerciam algum tipo de trabalho agrícola, mas percebe-se um afastamento em relação a este tipo de atividade. Verifica-se este fator observando que o número de pais e mães trabalhando na agricultura é bem maior que o dos jovens¹². Nota-se também que há entre os pais um número grande de pessoas analfabetas e com escolaridade de até no máximo a 5º série do ensino fundamental.¹³

Relacionado a estes fatores encontra-se o conceito de vulnerabilidade social que tem sido bastante comentado na atualidade e está intimamente ligado às condições de pobreza e exclusão social. Esse termo despontou no cenário mundial há alguns anos, junto com o fortalecimento da economia globalizada e expansão do neoliberalismo. O termo vulnerabilidade faz referência ao fato de determinada pessoa ou grupo social apresentarem-se frágeis, sem subsídios para se defenderem, diante de uma situação de risco, ameaça ou problema.

Para Bole (1994 apud MAYORGA, 2002), consideram-se mais vulneráveis os indivíduos, grupos, classes ou regiões que se encontram com um considerável nível de exposição a perturbações e que possuem uma capacidade de mitigação limitada sofrendo, portanto, mais com os impactos causados por crises socioeconômicas, climáticas e ambientais tendo, também, uma reduzida capacidade de recuperação após essas crises.

¹² Verificar gráficos em anexo.

¹³ Dados desta pesquisa. Verificar anexos.

De acordo com a Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL), o termo vulnerabilidade tem sido utilizado com frequência nos círculos intelectuais e governamentais da América Latina, principalmente relacionado aos setores pobres da população, mas a vulnerabilidade não é fenômeno privativo dessas populações, e sim, um fenômeno generalizado a outros estratos da sociedade. Desta forma, a CEPAL define vulnerabilidade como:

Un fenómeno social multidimensional que da cuenta de los sentimientos de riesgo, inseguridad e indefensión y de la base material que los sustenta (...) La vulnerabilidad está directamente asociada con la cantidad de los recursos o activos que controlan los individuos y familias en el momento de cambio, así como la posibilidad de utilizar-los en las nuevas circunstancias económicas, sociales, políticas y culturales que va definiendo este proceso. En tal sentido, se refiere a los recursos “cuya movilización permite el aprovechamiento de las estructuras de oportunidades existentes en un momento, ya sea para elevar el nivel de bienestar o para mantenerlo ante situaciones que lo amenazan” (CEPAL, 2000, p.52).

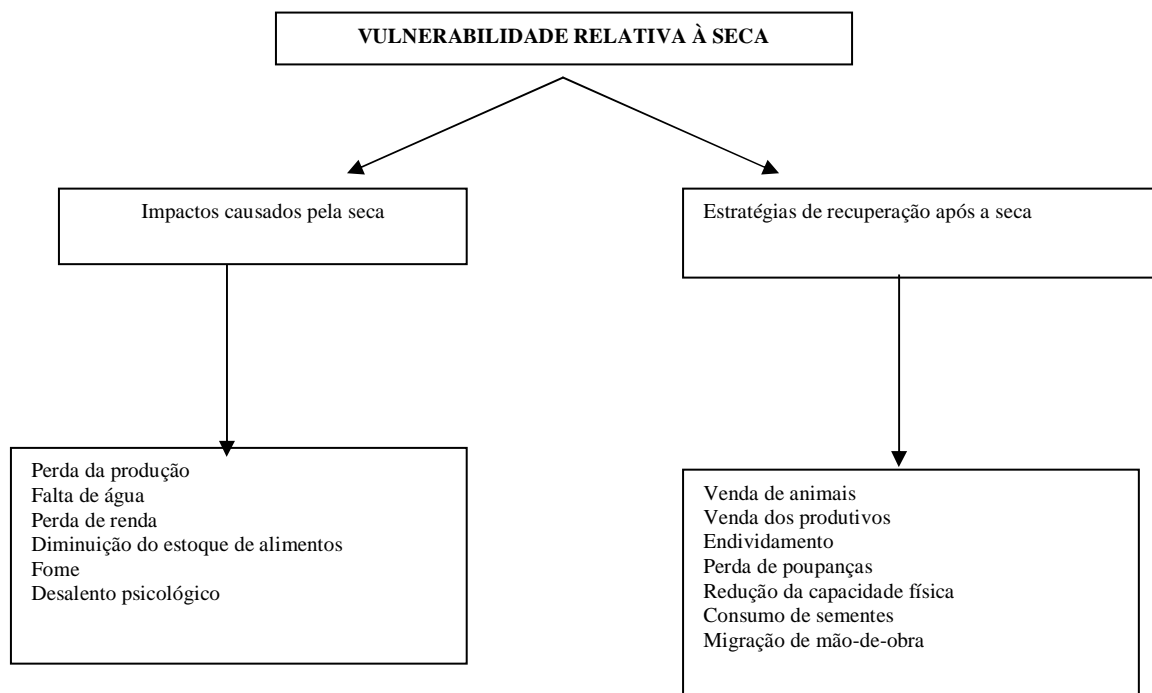
Rodríguez (2004) afirma que os termos “vulnerável” e “vulnerabilidade” têm sido empregados com maior frequência nas pesquisas sobre estresse, pois este é o tipo de resposta psicológica que se produz em situação que se constitua em ameaça, seja real ou imaginária.

Deve-se observar, ainda, que o conceito de vulnerabilidade social está intimamente ligado ao de qualidade de vida e de desastres, sendo desastre, segundo Albuquerque (2003), algo que altera ou irrompe de alguma maneira a vida cotidiana de uma comunidade devido a um evento de ordem natural, tecnológico ou provocado pelo homem, que produz efeito sobre as pessoas, suas atividades, seus bens e serviços e sobre o meio ambiente.

O estudo sobre a vulnerabilidade em comunidades rurais, segundo Ribot (1995 apud MAYORGA, 2002), se preocupa com as causas sociais dos impactos da seca, ou seja, avalia a incapacidade dos recursos existentes na propriedade familiar de mitigar, permitir conviver e resistir ao período de seca. Segundo o autor, ao serem identificadas as causas que deixam as pessoas vulneráveis aos eventos climáticos é possível elaborar políticas que visem a redução da sua vulnerabilidade.

Segundo o relatório elaborado durante o *Workshop Internacional “Mudanças Tecnológicas e Desenvolvimento Rural no Ceará: uma perspectiva de vinte e cinco anos”*, a vulnerabilidade é definida como sendo composta de dois fatores: os impactos e a capacidade de recuperação. A questão da vulnerabilidade no campo, relacionada com a fragilidade do agricultor frente a fatores ambientais, principalmente relacionado às secas, pode ser

visualizada de forma mais clara através do organograma de vulnerabilidade apresentado pela equipe do projeto Arizona/UFC (Ferreira & Pereira & Mayorga, 2003) e adaptada por nós.



Com relação aos impactos da seca, verifica-se que as famílias que não têm outras fontes de atividades remuneradas e que durante o período de estiagem sofrem grandes perdas de produção, faltando-lhes alimento e água para beber ou para animais, são consideradas altamente vulneráveis. No que diz respeito à capacidade de recuperação, deve-se estar atento ao tempo de permanência destes impactos, ou seja, quando as famílias são forçadas a se desfazerem de seus rebanhos ou consumirem os estoques de sementes, manifestam, desta forma, impactos duradouros de vulnerabilidade que possivelmente não serão corrigidos mesmo com o advento de próximas chuvas.

Os planos governamentais direcionados ao problema da seca no Ceará até hoje, no entanto, não têm conseguido diminuir a vulnerabilidade do agricultor aos impactos causados por esta, por não terem apresentado soluções que realmente estejam de acordo com a realidade dos problemas enfrentados pelos agricultores em seu cotidiano.

O que se vê, em sua maioria, são planos emergenciais desenvolvidos em gabinetes, direcionados de cima para baixo e que, segundo relato dos próprios agricultores, coletados através do trabalho empírico, nem sempre estão de acordo com o que eles consideram mais importante no momento, ou seja, em alguns casos a opção apresentada pelo governo não seria a escolhida pelos agricultores se eles tivessem poder de participação na escolha das estratégias para enfrentar os períodos de estiagem (FERREIRA, PEREIRA & MAYORGA, 2003, p. 3).

Para Bandeira (apud MAYORGA, 2002), a inadequação das ações formuladas de cima para baixo, sem envolvimento dos segmentos relevantes da sociedade civil, vem se tornando clara. Para o autor, a falta de participação da comunidade é apontada como uma das principais causas do fracasso de políticas, programas e projetos de diferentes tipos. A ausência de uma interação com segmentos relevantes da sociedade leva as ações a serem inadequadas e, portanto, ineficazes para atingir os objetivos visados, causando desperdício de recursos públicos.

A emigração acaba por ser ainda uma das estratégias de sobrevivência encontradas para tentar minimizar a situação de exclusão. Em relação a esse fator, estatisticamente, de acordo com Gastelo (2003) em 1940 a população do estado do Ceará era de 2.900.000 habitantes. Para cada 100 pessoas que viviam no Estado, um total de 77 morava em áreas rurais e 23 em zonas urbanas. Nos últimos cinquenta anos, houve um aumento de 33% na população que reside em áreas rurais, enquanto que nos centros urbanos esse aumento foi de 1.100%. A cidade de Fortaleza apresenta o maior crescimento urbano do estado. Esta tinha uma população de 400.000 habitantes em 1940 e, de acordo com o IBGE, baseado no censo de 2002, a previsão para 2005 era de que a população da cidade chegasse a ter cerca de 2.374.944, ou seja, mais de cinco vezes o número de habitantes em relação a 1940, enquanto a população do Ceará como um todo apenas dobrou no mesmo período.

De acordo com Bezerra (2004), entretanto, a emigração tem perdido o seu lugar de principal solução para o nordestino. Têm surgido novas categorias de emprego no ambiente rural brasileiro devido às dificuldades encontradas nos grandes centros urbanos, como o desemprego e a violência, que tornam a emigração menos atrativa. O êxodo rural torna-se, desta forma, êxodo agrícola. Essas novas categorias estão relacionadas ao consumo, comércio etc.

Existe uma tendência mundial no sentido de liberação de mão-de-obra agrícola familiar, que vai buscar fora das propriedades outras atividades que não as agrícolas, que lhes assegure maior nível de renda. Precisamos estar preparados para esse momento (BEZERRA, 2004).

No entanto, no interior do Ceará, pode ser encontrada ainda uma grande dificuldade de inserção de jovens no mercado de trabalho e uma desvalorização da mão-de-obra, por isso, um

grande número de pessoas mantém o sonho de “melhorar de vida”, conceito este utilizado pelos jovens entrevistados, como será visto adiante, que pensam em emigrar para uma grande cidade, como é o caso de muitos dos que moram no município de Tauá, área em que foi realizada esta pesquisa, através da qual se buscou uma compreensão da migração atualmente pela apreensão dos afetos dos jovens que se encontram no momento de decisão entre migrar ou não.

A escuta do que as pessoas têm a dizer sobre as condições difíceis pelas quais passam é também a escuta de seus afetos, de suas angústias, medos, perdas, superações, alegrias, esperanças e sonhos. E é através dos afetos que conheceremos um pouco sobre estes jovens que estão passando pelo momento de decisão em tornar-se ou não um e/imigrante, da sua relação afetiva com o seu lugar de morada e com a vida que estavam levando no município no momento das entrevistas. Antes se faz necessário dissertar sobre a afetividade e sua importância para a compreensão e possível transformação da realidade estudada.

3 A AFETIVIDADE COMO CATEGORIA DE INVESTIGAÇÃO DA REALIDADE

“No princípio era o Desejo,
que foi o primeiro germe do pensamento”

(Livro dos Vedas)

3.1 O estudo da afetividade na Psicologia.

A importância do estudo da afetividade vem ganhando cada vez mais espaço e reconhecimento na ciência psicológica. Por muito tempo, a afetividade foi vista como algo que desorientava o homem, afastando-o de sua racionalidade, deixando-o confuso e que, portanto, deveria ser combatida (SAWAIA, 2000). Tradicionalmente, a Psicologia tem dicotomizado, enquanto objetos de estudo, as dimensões racionalidade e afetividade interpretando-as como antagônicas, privilegiando uma polaridade ou outra.

Na história da Psicologia podem ser observadas outras cisões tais como entre corpo e mente, individual e social, interno e externo, biológico e social, que assim como a cisão entre o afetivo e o racional expressam uma visão cartesiana da ciência.

Figueiredo (1991) faz um estudo sobre as origens das diversas escolas psicológicas, traçando o momento histórico-cultural em que estas matrizes surgiram e se desenvolveram. Segundo o autor, de um lado ficavam as matrizes científicas formando escolas e movimentos que tendiam a desconhecer a especificidade do seu objeto de estudo (a vida subjetiva e a singularidade do sujeito) e que, na busca de fazer com que a Psicologia fosse reconhecida como uma ciência natural, orientavam o pesquisador “para a busca da ordem natural dos fenômenos psicológicos e comportamentais na forma de classificações e leis gerais com caráter preditivo” (FIGUEIREDO, 1991, p.27).

Do outro lado encontravam-se as escolas e movimentos gerados pelas matrizes românticas e pós-românticas, nas quais, ao contrário das matrizes científicas, as especificidades do sujeito são reconhecidas, como suas vivências e experiências pessoais, por exemplo.

Esta divisão do pensamento científico em dois pólos distintos que caracterizavam o paradigma do conhecimento ocidental nos é apresentado também por Neubern (2001).

De um lado da divisão encontravam-se as ciências sob a égide da física, numa linguagem objetiva, preferencialmente técnica e respaldada pela matemática e objetos de estudo visíveis próprios à manipulação experimental e às noções de previsão e controle... Do outro lado da divisão, encontravam-se as filosofias, a religião, o direito, as artes, a música e o senso comum, marcados por uma linguagem qualitativa e temas relacionados à subjetividade humana como a existência, a alma, o amor, as relações humanas, dentre outros (NEUBERN,2001, p. 63).

Quando surgiram as primeiras tentativas de apresentar a Psicologia como ciência reconhecida, esta se encontrava diante de grandes desafios e obstáculos por decorrência da dicotomia a partir da qual era concebida a visão de homem naquela época. Havia uma necessidade de torná-la um conhecimento confiável para os requisitos científicos, no entanto, seus interesses e objetos de estudo implicavam em consideráveis riscos para suas pretensões objetivistas, como por exemplo, o tema das emoções. Desta forma, segundo Andrade e Rielli (2004), o tema das emoções acabou sendo descaracterizado e tratado de forma marginal, levando ao não reconhecimento de sua importância como um processo constituinte do ser humano e imprescindível no seu estudo. Neubern (2001) ao fazer uma análise sobre a importância do estudo das emoções apresenta-nos estas como um denunciador das contradições existentes na Psicologia na sua tentativa de ser reconhecida como disciplina científica.

As primeiras tentativas de distinguir a Psicologia como uma ciência reconhecida foram feitas por Wundt em 1875 a partir desse cenário que caracterizou o conhecimento no século XIX, com suas contradições e dicotomia no sujeito. Para essa nova ciência, a experiência consciente era o objeto de estudo e o pensamento humano era visto por Wundt como produto da natureza e criação da vida mental, o indivíduo era concebido como criador e criatura.

De acordo com Estramiana (1995), Wundt procurou estabelecer uma Psicologia Social fundada na compreensão da gênese humana como um produto social e histórico. Tal concepção assemelhava-se à idéia que pode ser encontrada na Psicologia Sócio-histórica apresentada por Vigotsky. “Una postura muy similar a la defendida por Wundt en su *Volkerpsychologie* podemos encontrarla en Vigotski (1896-1934) y Luria (1901-1978), para quienes los procesos cognitivos superiores no son fenómenos naturales sino que tienen una génesis sociohistórica” (ESTRAMIANA, 1995, p. 7).

No período em que Wundt apresenta a Psicologia como ciência, entretanto, este não dispunha de instrumentos metodológicos que dessem conta de solucionar as contradições

vigentes na sua época, resultado das diversas dicotomias entre razão e emoção, individual e coletivo, corpo e mente etc. (ANDRADE; RIELLI, 2004).

Como forma de resolver este problema Wundt sugere, segundo Andrade e Rielli (2004), uma divisão também da Psicologia: haveria, desta forma, uma Psicologia Experimental e uma Psicologia Social, apesar de que para ele o grande futuro da Psicologia seria a Psicologia Social. Assim, esta ciência permaneceu dicotomizada e os pesquisadores precisaram escolher um dos lados do pêndulo que dividia a Psicologia. Ainda de acordo com as autoras, encontra-se em todas as abordagens um esforço para que a ciência psicológica pudesse compreender o homem e seu contato com o mundo real, mas nenhuma delas conseguiu superar a perspectiva mecanicista e determinista e continuou compreendendo o fenômeno psicológico de forma incompleta, por se apresentarem em apenas um dos lados do pêndulo. “O balanço do pêndulo oscila entre o interno e o externo; o psíquico e o orgânico; o comportamento observável e as vivências subjetivas; o natural e o social; a autonomia e a determinação” (ANDRADE; RIELLI, 2004, p. 6).

Segundo Neubern (2001), da mesma forma que o homem, dentro de uma visão tradicional do pensamento científico, foi colocado como senhor da natureza, negou sua subjetividade como objeto de estudo, pois esta poderia ameaçar a confiabilidade de suas pesquisas e assim, segundo o autor, o homem tornou-se também um excluído.

A Psicologia Sócio-histórica de Vigotsky (1998) surge nesse contexto como uma crítica à Psicologia vigente em sua época, primeiras décadas do século XX, que contrapunha e analisava separadamente o social e o individual, a razão e a emoção. Influenciado pela filosofia de Marx e de Espinosa, Vigotsky propõe uma teoria baseada no materialismo histórico-dialético e rompe com o dualismo cartesiano, propondo-nos uma abordagem que seria capaz de compreender o homem em sua totalidade, vendo os desejos, as emoções, necessidades, impulsos e inclinações pessoais como base para a origem da consciência.

O pensamento propriamente dito é gerado pela motivação, isto é, por nossos desejos e necessidades, nossos interesses e emoções. Por trás de cada pensamento há uma tendência afetivo-volitiva (VIGOTSKY, 1987, p. 129)

Vigotsky (1998) nos apresenta uma idéia sobre as funções psicológicas superiores enquanto processuais, em constante movimento e mudança. O comportamento humano resulta da interação entre as pessoas e destas com o ambiente, havendo uma influência recíproca das

relações estabelecidas entre os sujeitos e os objetos, sendo a partir disso engendrados novos tipos de comportamentos e diferentes maneiras de usar os instrumentos físicos e psíquicos, modificando o meio e sendo por ele modificado. Desta forma, não se pode pensar em estudar o individual sem levar em consideração o contexto social no qual a pessoa está inserida, não se pode falar em psíquico sem levarmos em consideração as relações entre o sujeito e sociedade e as relações objetivas do mundo.

Para Lane (1995a), de acordo com a Psicologia Sócio-histórica, o psiquismo humano é constituído na materialidade histórica, de acordo com cada cultura, não podendo ser vistos, desta forma, homens regidos por leis universais, sendo necessário à Psicologia, por conseqüência, estar atenta à diversidade de seu objeto de estudo.

[...] a ciência psicológica é, por conseqüência do seu objeto de estudo, relativa: se o ser humano se constitui em função de sua história social e cultural, o saber sobre ele será também necessariamente particular sem, no entanto, deixar de se estruturar categorias universais como são a atividade, consciência e identidade (LANE, 1995a, p. 74).

Segundo Bock (2001), a Psicologia Sócio-histórica acredita que o fenômeno psicológico se desenvolve ao longo do tempo. “Assim o fenômeno psicológico não pertence à natureza, não pré-existe ao homem, mas reflete a condição social, econômica e cultural em que vivem os homens.” (BOCK, 2001, p. 22)

Lane (1995b) destaca, ainda, que para a Psicologia dialética o homem deve ser estudado como um ser em movimento, sendo considerado enquanto unidade entre o físico e o psíquico, e que deve ser visto dentro de seu contexto sócio-histórico. “O fenômeno psicológico a ser estudado é a dialética entre subjetividade e objetividade. Ou seja, a realidade objetiva vivida pelo indivíduo se torna subjetiva, a qual por sua vez se objetivará por meio de suas ações” (LANE, 1995b, p. 55).

Nessa perspectiva, a sociedade é vista como uma produção histórica dos homens que, através do trabalho, produzem sua vida material, que se funda em contradições que se expressam nas idéias. A história é vista como o movimento contraditório constante do fazer humano, no qual, a partir da base material, deve ser compreendida toda produção de idéias, incluindo a ciência e a psicologia.

Essa dialética através da qual o objetivo se subjetiva e vice-versa se dá por mediações entre o mundo externo e o mundo interno do sujeito. Lane (1995b) apresenta a

consciência, a atividade e a afetividade como categorias fundamentais do psiquismo humano, dando grande destaque às emoções, que se apresentam como mediadoras que influenciam a forma como o sujeito age no mundo.

A emoção, linguagem e pensamento são mediações que levam à ação, portanto somos as atividades que desenvolvemos, somos a consciência que reflete o mundo e somos a afetividade que ama e odeia este mundo, e com essa bagagem nos identificamos e somos identificados por aqueles que nos cercam (LANE, 1995b, p. 62).

É com base nessa compreensão da importância da afetividade sobre a forma de o sujeito agir no mundo, que apresentamos no próximo tópico a afetividade enquanto ética e sua importância para o enfrentamento da dialética da inclusão/exclusão social e enquanto força transformadora da realidade.

3.2 A afetividade enquanto ética e a dialética da inclusão/exclusão.

“Somente a fraternidade/ Nos traz a felicidade/ Precisamos dar as mãos
Para que vaidade e orgulho/ Guerra, questão e barulho/ Dos irmãos contra os irmãos
Jesus Cristo, o Salvador/ Pregou a paz e o amor/ Na santa doutrina sua.
O direito do banqueiro/ É o direito do trapeiro/ Que apanha os trapos na rua
Uma vez que o conformismo/ Faz crescer o egoísmo/ E a injustiça aumentar
Em favor do bem comum/ É dever de cada um/ Pelos direitos lutar
Por isso vamos lutar/ Nós vamos reivindicar/ O direito e a liberdade
Procurando em cada irmão/ Justiça, paz e união/ Amor e fraternidade.
Somente o amor é capaz/ E dentro de um país faz/ Um só povo bem unido
Um povo que gozará/ Porque assim já não há/ Opressor nem oprimido”

(Nordestino sim, nordestinado não. Patativa do Assaré)

“A felicidade não é uma recompensa da virtude:
a felicidade é a virtude em si mesma.”
(Ética. Espinosa)

A idéia de não fragmentação do ser humano e a compreensão de que a consciência é constituída tanto pelos aspectos cognitivos como afetivos, apresentada por Vigotsky, foi influenciada pela filosofia de Espinosa (2003).

Para o filósofo, a alma e o corpo são dois aspectos de uma mesma realidade, duas manifestações da mesma substância e ambos envolvem os afetos (emoções e sentimentos). Quando Espinosa apresentou esta concepção de homem, assim como a sua compreensão de Deus,

sofreu várias críticas e perseguições, pois, pela primeira vez na história da filosofia, corpo e alma eram compreendidos em condições de igualdade, sem relação de hierarquia entre ambos.

Baruch de Espinosa ao apresentar em sua filosofia a idéia de que não há uma dicotomia entre a razão e afetividade, corpo e alma, defende a idéia de que ambos são partes de uma mesma substância única e infinita e que estão submissos às mesmas leis e princípios. Assim, a comunicação entre corpo e alma ocorre de forma imediata.

Corpo e alma são definidos pelo *conatus*, que representaria um esforço de ambos para conservarem a própria existência, apresentando-se enquanto uma força interna, positiva e afirmativa do homem. O *conatus* apresenta-se na filosofia de Espinosa como uma força indestrutível, fundamentada na busca pela felicidade como forma de manutenção, apresentando-se como apetite, quando relacionado ao corpo e como desejo, quando relacionado à alma. A servidão, neste caso, ocorreria quando houvesse um enfraquecimento dessa força, em virtude da influência de forças externas e negativas.

O esforço para se conservar (o *conatus*) é o primeiro e único fundamento da virtude[...]a possibilidade da ética se encontra, portanto, na possibilidade de fortalecer o *conatus* para que se torne causa adequada dos apetites e imagens do corpo e dos desejos e idéias da alma, e a originalidade de Espinosa está em considerar que essa possibilidade e esse processo são dados pelos próprios afetos e não sem eles ou contra eles. A alegria e todos os afetos dela derivados, mesmo quando passiva, é o sentimento do aumento da força para existir...O processo libertador se realiza no interior da vida afetiva, iniciando-se no campo das paixões e terminando no campo das ações (CHAUI, 2004, p. 14).

De acordo com Damásio (2004), o *conatus* é definido por Espinosa como um esforço implacável de autoconservação, presente em todos os seres vivos e não se apresenta apenas como ímpeto de autopreservação, mas como conjunto de atos de autopreservação que mantêm a integridade do corpo. Nesta concepção há uma relação com o todo, entre a felicidade pessoal e a coletiva, onde a ética é intrínseca ao sujeito.

Para Espinosa, tudo está relacionado e não se pode pensar no homem isoladamente, pois o Deus dele está em toda parte, nos homens, na natureza e não pode ser visto como dotado de qualidades ou sentimentos humanos. Está além de tudo isso, ou melhor, em tudo isso.

O deus de Espinosa não era judeu, nem cristão. O deus de Espinosa estava em toda parte, dentro de cada partícula do universo, sem princípio nem fim, mas não respondia nem a preces nem a lamentações (DAMÁSIO, 2004, p. 31).

A ética para Espinosa está alicerçada nos afetos alegres, só podendo ser experimentada se sentida como felicidade e não como conformismo a imposições que vêm de fora. O primeiro fundamento da virtude, para o filósofo, é a preservação do *self*, e esta busca leva à virtude, pois na necessidade de nos mantermos a nós mesmo necessitamos ajudar os outros a se manterem a si mesmos (DAMÁSIO, 2004).

Baseada na filosofia de Espinosa e na Psicologia Sócio-histórica de Vigotsky, Sawaia (2000) constrói o conceito de afetividade ético-política. A afetividade é compreendida, para a autora, como uma dimensão fundamental para a transformação da sociedade e uma força libertadora ou escravizadora, a partir do momento em que interfere nas ações dos indivíduos, auxiliando o sujeito na tentativa de modificar a sua situação de sofrimento gerado pelo processo de inclusão perversa ao qual está submetido dentro da dialética da exclusão/inclusão social. Para que se compreenda o conceito de exclusão/inclusão social, consideremos as palavras da autora:

Enfim, o que queremos enfatizar ao optar pela expressão dialética exclusão/inclusão é para marcar que ambas não constituem categorias em si, cujo significado é dado por qualidades específicas invariantes, contidas em cada um dos termos, mas que são da mesma substância e formam um par indissociável, que se constitui na própria relação. A dinâmica entre elas demonstra a capacidade de uma sociedade existir como um sistema. Essa linha de raciocínio permite concluir, parafraseando Castel (1998), que a dialética exclusão/inclusão é a aporia fundamental sobre a qual nossa sociedade experimenta o enigma de sua coesão e tenta conjurar os riscos de sua fratura” (SAWAIA, 1999, p.108).

Nessa dialética surgem subjetividades específicas, que podem ir desde o sentir-se incluído ao sentir-se discriminado ou revoltado. Essas subjetividades estão relacionadas a formas diferentes de legitimação social e individual, na relação com o outro e manifestam-se no cotidiano, não podendo ser explicadas apenas através de determinações econômicas.

O fator psicológico para Sawaia é visto como um fenômeno ético-político, nem interno nem externo, mas “da ordem da vida para além da sobrevivência e das contingências sociais” (SAWAIA, 2000, p. 17). Ao defender este ponto de vista, a autora põe por terra a idéia de que o indivíduo precisa antes satisfazer as necessidades mais básicas para, então, ser capaz de atitudes éticas. Assim, é devolvida ao pobre a possibilidade de poder ser ético, apesar da luta pela sobrevivência. A afetividade, para a autora, permite atribuição de significado à vivência do indivíduo na sociedade, influenciando de forma decisiva a sua atuação no mundo, podendo levá-lo a uma potência de ação, como a alegria e motivação para

a transformação, ou a uma potência de padecimento, como a vergonha, o medo e a resignação.

Os afetos, entretanto, podem se apresentar enquanto adequados ou inadequados, dependendo da capacidade do indivíduo para transformar paixões em ações e libertar-se das imposições e dos conformismos (Sawaia, 1999). Os afetos adequados podem trazer uma potência de ação, que se apresenta enquanto capacidade de ser afetado e de afetar os outros num processo de possibilidades infinitas de composição da vida. Já os afetos inadequados podem trazer a potência de padecimento, gerada por emoções tristes que permitem a exploração e manutenção da mesma. Esta situação configura o sofrimento ético-político.

O sofrimento ético-político surge a partir da dicotomia entre inclusão/exclusão social e se apresenta como o sofrimento gerado pela inserção em uma sociedade marcada pela desigualdade, surgindo a partir de políticas excludentes.

Na perspectiva de Sawaia (1999), o sofrimento ético-político é resultado de toda forma de exclusão social, é algo imposto socialmente e que surge da situação de sentir-se tratado como inferior, subalterno, sem valor. Tal sofrimento pode levar o sujeito à submissão, impedindo a vivência das próprias emoções, dos desejos e das necessidades. A autora ainda acrescenta que “estudar a exclusão pelas emoções dos que a vivem é refletir sobre o ‘cuidado’ que o Estado tem com seus cidadãos. Elas são indicadoras do (des)compromisso com o sofrimento do homem, tanto por parte do aparelho estatal quanto da sociedade civil e do próprio indivíduo” (SAWAIA, 1999, p.99). A afetividade é considerada ética porque define a atuação do homem a partir do desamparo e da autonomia. Desta forma, Sawaia “constrói a noção de afetividade alicerçada no processo de ação-transformação da sociedade” (BOMFIM, 2003, p.57).

[...]conhecer o sofrimento ético-político é analisar as formas sutis de espoliação humana por trás da aparência da integração social, e, portanto, entender a exclusão e a inclusão como duas faces modernas de velhos e dramáticos problemas – a desigualdade social, a injustiça e a exploração (SAWAIA, 1999, p.106).

Segundo Sawaia (1999), quando a exclusão é vista como sofrimento, o sujeito, antes perdido nas análises econômicas e políticas sobre exclusão, ganha força sem, no entanto, ser tirada a responsabilidade do Estado. A autora defende que várias formas de exclusão que são objetivadas podem ser vividas como motivação, carência, emoção e

necessidade do eu. O sofrimento é sentido pelo indivíduo, mas a origem deste não advém do próprio sujeito, mas das intersubjetividades delineadas socialmente. A autora destaca ainda a importância em não haver uma negação do sofrimento, devendo se estabelecer uma motivação para a cidadania que não seja apenas no nível racional/cognitivista, mas também afetivo/emocional, pois negar o sofrimento psicossocial é “negar a negação da cidadania” (SAWAIA, 1995 a, p 164).

Apresenta-se a seguir uma continuidade da discussão sobre o conceito exclusão, fazendo-se uma relação com os aspectos da globalização e as mudanças geradas por esta para que se possa ir em busca de uma compreensão do que está por trás do processo migratório nos dias atuais.

3.3 Exclusão e migração: uma compreensão a partir da globalização.

As grandes cidades, principalmente as chamadas cidades globais, continuam sendo os principais locais de atração para as migrações tanto internas quanto externas¹⁴. Tais cidades tornaram-se os principais cenários do espetáculo pós-moderno que procurou nos agradar apresentando-nos os avanços tecnológicos, industrialização em grande escala, diminuição das distâncias (que agora são virtuais), circulação acelerada de informações e capital (não existem mais barreiras para ambos), como também de pessoas através das migrações internas e externas principalmente para os grandes centros urbanos, levando também a um maior intercâmbio cultural. Essas mudanças, entretanto, trouxeram para as cidades também poluição, degradação ambiental, inchaço nas grandes cidades, exclusão e com ela, fome, miséria, violência, indiferença e distanciamento entre as pessoas.

Segundo Wanderley (1999), o conceito de exclusão surge mais fortemente no cenário mundial a partir da década de 90, com o fortalecimento das características da globalização e expansão do neoliberalismo. O conceito de marginalização, tão usado até então, e que representava os que estariam à margem da sociedade, do processo produtivo,

¹⁴ Consideram-se aqui migrações internas, os deslocamentos feitos dentro do território nacional e migrações externas, os deslocamentos para fora do país.

passa, a partir desse período, a ser substituído pela figura do excluído. No entanto, esta não representa apenas uma mudança de nomenclatura, é sim mais uma mudança gerada pelo novo modelo econômico, que traz consigo novos paradigmas no campo da ética, dos valores, novos conceitos, pensamentos, formas de se apresentar no mundo.

Segundo a autora, deve-se observar que o conceito de marginalização traz, ainda, uma idéia de transitoriedade; o sujeito à margem pode voltar ao centro, ao sistema, de forma produtiva. No segundo caso, o da exclusão, o sujeito não consegue fazer parte, é desqualificado enquanto força de trabalho, sendo rejeitados também sua cultura, seus valores e crenças. A mudança do termo marginalizado, ou pobre, para o termo excluído apaga a idéia de que as desigualdades são transitórias e podem ser vencidas pela força de vontade do sujeito, como nos eram apresentadas até então pelo senso comum: *“com força de vontade e coragem para trabalhar, a pessoa pode chegar lá e vencer na vida!”*

No campo internacional, a passagem do predomínio do termo pobreza para exclusão significou o fim da ilusão de que as desigualdades sociais eram temporárias... A exclusão emerge, assim, no campo internacional, como um sinal de que as tendências do desenvolvimento econômico se convertem. Agora - e significativamente - no momento em que o neoliberalismo se torna vitorioso por toda parte, as desigualdades aumentam e parecem permanecer (NASCIMENTO, 1995, apud WANDERLEY, 1999, p.19).

Contextualizando a realidade brasileira, as transformações por que passou a economia, principalmente na década de 90, provocaram significativas mudanças na dinâmica de seu mercado de trabalho. Com o avanço da tecnologia, as máquinas passaram a executar boa parte dos serviços que antes eram feitos pelo homem. Além disso, houve um aumento da população jovem, supostamente ativa do ponto de vista econômico, e de maneira geral a oferta de postos de trabalho, em especial os que estão de acordo com os direitos conquistados pela classe trabalhadora, foi insuficiente para fazer frente ao crescimento dessa população. Desta forma, houve um aumento dos chamados trabalhos precários, além de ter havido um aumento das exigências para contratação, dificultando a inserção de quem não tem escolaridade média e, mais ainda, para quem não completou o ensino fundamental.

Às novas gerações foi cobrado um nível mais alto de qualificação e conhecimento em informática e tecnologias, sem que lhes fossem proporcionados meios para conseguir chegar ao nível de conhecimento necessário para a inserção no mercado de trabalho. As escolas públicas enfrentam muitas dificuldades para manterem uma infra-estrutura básica para

um funcionamento satisfatório e um quadro de professores qualificados. No município de Tauá, um fator importante é o difícil acesso dos jovens que moram nas comunidades rurais ao ensino médio. Como citado no capítulo anterior, apenas em algumas comunidades existem anexos das escolas nas quais realizou-se esta pesquisa. Os jovens das comunidades onde ainda não foram instalados os anexos, precisam se deslocar até a sede do município. O acesso a cursos que preparam para o uso básico de um computador continua caro e inviável¹⁵ para a grande maioria da população, pois, em muitos casos, o sujeito precisa manter a si mesmo e a sua família com apenas um salário mínimo ou menos que isso.

Desta forma, as pessoas não são mais apenas exploradas no sistema de produção, como é natural do sistema capitalista, elas são agora também excluídas do trabalho, excluídas da produção ou, quando encontram um espaço de trabalho, têm que se sujeitarem à exploração por medo de voltarem a fazer parte do grande contingente de desempregados.¹⁶

O termo exclusão, no entanto, como foi verificado anteriormente, é questionado por Sawaia (1999), que defende que o que existe na verdade é uma inclusão perversa, apresentando, desta forma, o que vem a chamar de dialética da inclusão/exclusão social. De acordo com esta visão, os sujeitos não estão excluídos, pois são eles que repõem e sustentam o sistema capitalista, encontram-se, na verdade, incluídos de forma perversa, sofrendo muito nesse processo de inclusão.

O Estado, que antes tinha o papel de provedor, forte e centralizador, deveria estar agindo de forma mais incisiva em relação à condição de crescente exclusão ou inclusão perversa como apresentada por Sawaia, mas na economia globalizada houve uma alteração no seu papel. Este perdeu sua força, tendo sido enfraquecido pelo novo modelo econômico mundial. O capital é quem dá as cartas agora, e este não tem nacionalidade, é controlado pelas grandes multinacionais. Para Santos (1995), essa perda da centralidade institucional e da eficácia reguladora dos Estados Nacionais é hoje um dos obstáculos mais resistentes à busca de soluções globais para os problemas enfrentados na atualidade, entre eles a exclusão social. O autor ainda acrescenta: “É que a erosão do poder dos Estados Nacionais não foi compensada pelo aumento do poder de qualquer instância transnacional com capacidade, vocação e cultura institucional viradas para a resolução solidária dos problemas globais” (SANTOS, 1995, p. 300).

¹⁵ A dificuldade de acesso ao computador e a expectativa em se capacitar para atender às demandas do mercado de trabalho são relatadas nos grupos focais que serão apresentados no capítulo de discussão dos resultados.

¹⁶ Pode-se observar o medo do desemprego e a submissão à exploração nas falas dos jovens, reveladas durante os grupos focais que serão apresentados adiante.

Com relação à realidade no campo, a modernização tecnológica e a força do capital estrangeiro também chegaram lá, mas apenas através dos grandes produtores. Estes dominaram a economia agrícola, ditaram os preços e massacraram os pequenos produtores que, sem acesso ao capital, à informação e aos avanços tecnológicos, continuaram voltados para uma agricultura de subsistência. Os avanços tecnológicos, mesmo na agricultura, são apontados por Santos (1995) como um traço da força das multinacionais.

Outro traço de globalização da economia fortemente vinculado à proeminência das multinacionais é o avanço tecnológico das últimas décadas quer na agricultura com a biotecnologia, quer na indústria com a robótica, a automação e também a biotecnologia (SANTOS, 1995, p.291).

Na nossa história, o rural passou a ser visto como algo negativo, pensamento este já aceito até mesmo por jovens de comunidades rurais. Este fator, junto com as difíceis condições do campo, o desemprego e a exploração do trabalho nas sedes dos municípios, tem influenciado a emigração de jovens para as cidades, que vão em busca de melhores condições de trabalho e renda, como também de melhores oportunidades de estudo. Estes, em muitos casos, devido ao baixo nível de escolaridade e de capacitação técnica, chegam na cidade despreparados para competir no mercado de trabalho, o que aumenta cada vez mais o contingente de pessoas incluídas de forma perversa, gerando frustração, desencadeando assim, o sofrimento ético-político.

O estímulo ao processo migratório foi se intensificando a partir do século XIX, quando a cidade, através da expansão capitalista, começou a esvaziar o campo de sua substância social e cultural. Segundo Vêras (1999), no século XXI é a vez da cidade perder sua expressão geopolítica e social: “O face-a-face humano, comum das aglomerações citadinas, é substituído pela interface homem/máquina [...] a terceira janela de nossas casas, agora a mais importante, é a tela catódica da televisão, abolindo distâncias físicas na aceleração das telecomunicações” (VÉRAS, 1999, p.18).

O que se percebe nas grandes cidades hoje é uma postura de indiferença frente ao outro e a seu sofrimento. Simmel (1979), na passagem do século XIX para o XX, já dizia que ao morar em uma grande cidade o sujeito acaba por sofrer alterações cerebrais causadas pelo excesso de estímulos, o que vai desencadeando com o tempo uma certa frieza, fazendo com que o sujeito não seja mais facilmente afetado pelos estímulos que o cercam. Esta postura de indiferença à qual o sujeito é conduzido é chamada pelo autor de atitude *blasée*.

A atitude blasée resulta em primeiro lugar dos estímulos contrastantes que, em rápidas mudanças e compressão concentrada, são impostos aos nervos...Essa fonte fisiológica da atitude blasée metropolitana é acrescida de outra fonte que flui da economia do dinheiro. A essência da atitude blasée consiste no embotamento do poder de discriminar [...] Antes que o significado e valores diferenciais das coisas, e daí as próprias coisas, são experimentados como destituídos de substância. Elas aparecem à pessoa blasée num tom uniformemente plano e fosco; objeto algum merece preferência sobre o outro. Esse estado de ânimo é o fiel reflexo subjetivo da economia do dinheiro completamente interiorizada (SIMMEL, 1979, p.12).

Pode-se observar essa atitude *blasée* na cotidianidade das grandes cidades. Observam-se constantemente, personagens como mendigos, crianças em sinais de trânsito, prostituição etc, no entanto, isso nos é tão comum que não nos toca como deveria, nos tornamos meio insensíveis ao sofrimento do outro.

São Paulo, vista como a preferida pelos emigrantes nordestinos, devido a sua história de “lugar de oportunidades”, é analisada por Vêras (1995) enquanto cidade mundial, a autora nos apresenta os contrastes existentes nessa cidade que, segundo ela, apresenta um grave débito social.

Como cidade mundial, São Paulo caminha para a nov (a) (c)idade do gelo sem resgatar seu grave débito social. Em vez do alegre nomadismo do *Infocosm*, há ambulantes, favelados e inquilinos sujeitos a despejos e expulsão e/ou remoção; desempregados, *homeless*, trabalhadores que se submetem diariamente a penosos deslocamentos para o emprego, congestionamento, poluição, degradação ambiental. Nossos nômades, em sua maioria, são ainda prisioneiros da luta pelo mínimo de sobrevivência, muitas vezes olhando passar ao seu lado o automóvel importado com seu ocupante falando inglês no seu celular. A cidade do gelo aqui tem a frieza de cidade máquina – o não-lugar, o virtual, o anônimo global (VÉRAS, 1995, p.18).

Sawaia, em pesquisa realizada em São Paulo, identifica no morador da grande cidade um orgulho de morar nela, apesar da situação de pobreza e exclusão à qual está submetido. A autora acrescenta que o morador que enfrenta o processo de exclusão/inclusão social é incluído na cidade através da “participação imaginária”, ou “cidadania sublimação”, onde o ser pobre e explorado é encoberto, subjetivamente, pelo ser morador da rica e poderosa cidade.

O morador gosta da cidade porque ela tem tudo e é bonita, apesar de não usufruir o que ela oferece. A cidade é uma grande vitrine e ele se satisfaz, com a possibilidade de vê-la e de circular por ela, embora não o faça por dificuldade de locomoção. O morador descreve com orgulho a riqueza da cidade, a pujança do comércio, o progresso tecnológico na área de saúde e na indústria, os *shopping centers* (SAWAIA, 1995b, p.22).

Há no imaginário dos jovens que, em uma cidade grande como São Paulo, tudo vai mudar para melhor, haverá emprego, estudo, lazer etc., enfim, tudo o que lhes falta na sua cidade de origem.¹⁷ Muitas vezes o imigrante na cidade grande não pode usufruir o que esta oferece, mas o fato de ser morador dela já lhe garante um certo status diante da sua comunidade de origem, apesar de em alguns casos ter a cidade apenas como uma grande vitrine, como analisa Sawaia, desenvolvendo aí uma atitude *voyeur* (SENNET, 1988) diante da mesma.

Para Sennet (1988), o *voyeurismo* vem se institucionalizando desde o século XIX, à medida que o espaço público deixa de ser lugar da ação para se tornar lugar de observação e circulação das massas; e as questões políticas e coletivas cedem lugar ao culto do privado e à publicização da intimidade, tiranizando o homem e os espaços pela obsessiva preocupação com a exposição do eu. Sobre este fato, Sawaia (1995b) relata:

O clima de cosmopolitismo e efervescência cultural renunciava a possibilidade de múltiplos encontros e de ações coletivas para o bem comum, mas a cidade acaba se tornando, de fato, a morada do narciso e do autista, ambos prisioneiros do próprio eu e da reificação da violência (SAWAIA, 1995b, p.20).

Enfim, os lugares são dotados de simbologias múltiplas, são constituídos pela subjetividade de seus moradores ao mesmo tempo em que são também responsáveis pela construção dessa subjetividade. É sobre a importância dessa relação entre o homem o ambiente que será tecido o próximo tópico.

¹⁷ Verificar re
latos dos grupos focais e os mapas afetivos em anexo.

3.4 Afetividade e o simbolismo do espaço

Ao se pensar na relação dialética entre o sujeito e o mundo sócio-físico, ao se pensar na relação dialética inclusão/exclusão social, deve-se estar atento também às condições geográficas e ambientais do entorno, pois o meio físico tem grande importância no comportamento, na medida em que influencia as formas como o homem vai se relacionar com o mundo. Deve-se estar também atento à dialética entre o homem e o meio, buscando verificar como o sujeito percebe o ambiente no qual está inserido e como este o influencia em seu modo de vida e em suas atitudes. Morar em uma cidade pequena ou em uma grande cidade, por exemplo, pode trazer características específicas de comportamento, relacionadas a fatores como o estresse causado pela vulnerabilidade de um pequeno agricultor às variações climáticas, quando se pensa em um ambiente rural, e o estresse de um morador de uma grande cidade, que resulta dos altos índices de poluição e de violência urbana.

Com este olhar sobre a relação entre sujeito e meio sócio-físico, é apresentada nesta pesquisa uma proposta de compreensão da relação pessoa-ambiente a partir de uma visão de humano baseada na Psicologia Ambiental e Social, que se preocupa com as relações de reciprocidade entre estas dimensões, considerando os aspectos sociais, culturais e temporais como sendo de grande importância para sua leitura.

A Psicologia Ambiental, de acordo com Moser (1998), tem uma posição transversal dentro da Psicologia, pois tem um pouco de todos os ramos dessa ciência, além de se apresentar enquanto um campo multidisciplinar, já que a complexidade das questões ambientais costuma exigir uma compreensão de diversas áreas do conhecimento. É essa transversalidade da Psicologia Ambiental que nos permite uma compreensão mais ampla dos problemas que serão estudados nesta pesquisa.

[...] estamos estudando uma reciprocidade entre pessoa e ambiente. Essa inter-relação é dinâmica, tanto nos ambientes naturais quanto nos construídos. Ela é dinâmica, porque os indivíduos agem sobre o ambiente (por exemplo, construindo-o), mas esse ambiente, por seu turno, modifica e influencia as condutas humanas. Logo, não estamos estudando nem o indivíduo *per se*, nem o ambiente *per se* (MOSER, 1998, p.122).

O conceito de espaço físico, apesar de ter sido, segundo Moser (1998), negligenciado pela Psicologia Geral e Social, é um dos mais importantes para a Psicologia Ambiental, pois a percepção e avaliação que o indivíduo tem do espaço físico exerce forte influência sobre sua forma de atuar nele.

A dimensão temporal é outro conceito muito importante para esse ramo da Psicologia, e a noção de historicidade marca seu estudo e atuação. Há uma preocupação com a atuação no presente com uma projeção do futuro, relacionando-os com o passado. Quando nos preocupamos com comportamentos pró-ambientais, temos como referência a história de comportamentos passados com seus resultados e projetamos o que precisa ser feito hoje para que haja uma melhoria das condições ambientais e desenvolvimento de comportamentos sustentáveis, bem como para evitar que nossos atos tragam conseqüências desastrosas para as gerações futuras.

Ainda de acordo com Moser (1998), quando se fala de Psicologia Ambiental, essas dimensões sempre estão presentes nas definições dos ambientes, mediando a percepção, a avaliação e as atitudes do indivíduo frente aos mesmos.

O simbolismo do espaço (POL, 1998) aparece ligado com o sentimento de pertença. A apropriação se dá através de um processo de ação-transformação no qual a pessoa ou população atua no entorno transformando-o e sendo por ele transformada, na medida em que o incorpora em seus processos cognitivos e afetivos.

El entorno apropiado pasa a desempeñar un papel referencial fundamental en los procesos cognitivos [...] e afectivos [...] que explica, más allá de lo meramente funcional y comportamental, parte de algunos de los procesos sociales urbanos y de responsabilidad en el comportamiento sostenible. (POL, 1998, p. 111)

Faz parte das investigações sobre o simbolismo do espaço temas como: sentimento de apego, apropriação do espaço, identidade de lugar, identidade urbana, identidade social urbana. Entretanto, segundo Moreno e Pol (1999 apud BOMFIM, 2003), os estudos sobre simbolismo do espaço foram desenvolvidos sem muitos vínculos e interconexões entre eles.

Como referência para uma compreensão sobre a afetividade envolvida no processo migratório de acordo com a Psicologia Ambiental, esta pesquisa se deterá no estudo dos conceitos de identidade de lugar, apropriação de espaço e sentimento de apego ao lugar.

O conceito de identidade é bastante importante para a Psicologia Ambiental, como também é bastante discutido nos estudos sobre migração. Para a Psicologia Ambiental, segundo Pol (1998), a identidade de lugar tem que ser vista como uma subestrutura da identidade do indivíduo, influenciando o seu modo de ver, pensar e sentir as suas transações com o mundo físico e social.

De acordo com Kuhnen (2002), é importante que se conheça os mecanismos de apropriação de espaço e os elementos que os configuram, segundo a autora é através deles que os indivíduos criam ou captam significados, simbolizando e interagindo com estes, levando-os a incorporá-los à sua própria identidade. A partir da apropriação, podem surgir sensação de prazer ou desprazer em relação a determinadas características específicas dos lugares.

Através da apropriação, o indivíduo passa a imprimir significados aos espaços, transformando-os assim, em lugares, ou seja, espaços personalizados e cheios de conotação afetiva. Quando isso ocorre a pessoa passa a identificar o espaço como seu, como parte de si e sente-se pertencente àquele lugar.

Para Proshansky (1976 apud KUHLEN,2002), a apropriação do espaço traz boas conseqüências para o indivíduo ou grupo, pois proporciona uma sensação de bem-estar, ocorrendo um sentimento de harmonia com o espaço, o que gera uma forte identificação pessoal com o lugar.

[...] A complexidade da apropriação do espaço é fundamental na interação entre sujeito e entorno físico. Trata-se de um processo psicossocial fundamental tanto da ação como de intervenção sobre um espaço visando transformá-lo e personalizá-lo e, finalmente traduz-se sob a forma de apego ao local (KUHLEN, 2002, p. 66).

A apropriação do espaço é de grande importância para a adaptação de emigrantes nos locais de destino, estando relacionada às atividades desenvolvidas pelos sujeitos que transformam os espaços em lugares dotados de significados, sendo influenciados pelas relações sociais.

Segundo Giulliani, (2004) a Psicologia Ambiental levou muito tempo para se interessar pelo estudo sobre a relação afetiva entre os sujeitos e o ambiente, pois os afetos foram considerados de importância secundária diante dos fatores cognitivos e comportamentais, relacionados ao ambiente.

Entre os primeiros estudos sobre o conceito de apego na literatura ambiental, Giulliani (2004) cita o trabalho realizado por Fried, em que a transferência forçada de pessoas

de seu local de residência representaria uma ruptura no sentido de continuidade dos indivíduos, pois dois componentes essenciais da identidade do sujeito estariam envolvidos nesse processo de mudança: a identidade espacial e a identidade de grupo, estando ambas fortemente ligadas a componentes afetivos.

[...] é possível afirmar que o afeto relacionado a lugares existe e é de uma natureza que, embora não totalmente explícita e definida, mesmo assim parece distingui-lo de outros “sistemas” afetivos (em relação a objetos, pessoas, idéias, etc.); ademais, é percebido com um dos fatores importantes que às vezes auxiliam e às vezes obstruem nosso equilíbrio, nosso bem-estar material e espiritual (GIULLIANI, 2004, p.90).

Um outro estudo importante para a compreensão do conceito de apego e citado por Giulliani (2004) é o que foi feito pela geografia humanista de orientação fenomenológica de Yi-Fu-Tuan, intitulado topofilia, que seria “a importância emocional que os espaços geográficos são capazes de assumir na experiência humana que os transformam em lugares” (GIULLIANI, 2004).

A autora ainda acrescenta que o sentimento de apego a um lugar é considerada uma necessidade humana fundamental, mas que, devido à grande necessidade de mobilidade e de uma tendência à uniformidade espacial, a sociedade contemporânea está cada vez menos capaz de satisfazer.

A tendência à uniformidade espacial pode ser observada na relação campo/cidade atualmente. Há hoje em dia uma dificuldade em se delimitar as fronteiras entre os espaços urbanos e rurais. O estilo de vida e os valores urbanos entram nos espaços rurais, principalmente através da mídia e dos emigrantes regressos. Há uma supervalorização desse estilo de vida, o que acaba contribuindo para o processo migratório.

Para Corraliza (1998), é de grande importância na interação entre o homem e o ambiente, o processo através do qual este se converte de espaço físico a espaço de significado para o indivíduo. O ambiente é apresentado como um território emocional pela autora, que ainda acrescenta que a experiência emocional antecede a ação do indivíduo, que cria e influi sobre o meio ao mesmo tempo em que é também influenciado pelo ambiente.

La experiencia emocional del lugar forma parte de un circuito en que entran en juego las posibles esferas de acción de un sujeto en dicho lugar, y una caracterización diferenciada de las posibles dimensiones através de las cuales el ambiente influye sobre el comportamiento (representación, emoción y acción) del sujeto (CORRALIZA,1998).

Em relação à migração, os afetos estão fortemente marcados na tomada de decisão. Em relação ao semi-árido nordestino se faz necessária uma compreensão dos aspectos geográficos e sócio-econômicos para que se possa ter uma melhor leitura da relação afetiva dos sujeitos com seu entorno.

Esta pesquisa se configura como uma proposta de chamar a atenção para uma questão secular na nossa sociedade, indo em busca de uma compreensão de como a identidade dos sujeitos, em seu constante movimento, pode caminhar para um tornar-se (e)migrante/(i)migrante ou não e de como esses sujeitos são afetados emocionalmente nesse momento de decisão entre ficar ou partir. Baseia-se na idéia de compromisso social da Psicologia e de um fazer científico comprometido com a população menos privilegiada, estando atenta à realidade sócio-histórica em que os sujeitos se constituem.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

“A realidade é a causa da ciência,
sendo o método a forma de interrogá-la”.

(Filosofia da ciência contemporânea. Omnés).

Esta pesquisa em seus aspectos metodológicos buscou fazer dialogar as dimensões qualitativa e quantitativa como processos fundamentais para o conhecimento da realidade estudada. Para a coleta de dados foram aplicados a metodologia dos mapas afetivos e os grupos focais. Foi realizada uma análise qualitativa, através da análise de conteúdo (BARDIN, 1991), e uma análise quantitativa complementar, através do programa estatístico SPSS.

4.1 Os sujeitos da pesquisa

O grupo que participou da pesquisa era composto por jovens de ambos os sexos, com idades entre 18 e 25 anos, moradores tanto da sede como das comunidades rurais do município de Tauá. Tais jovens estavam em seu último ano do ensino médio nas seguintes escolas públicas existentes na sede do município: Escola de Ensino Médio Liceu de Tauá Lili Feitosa, Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA) Luzia Araújo Freitas e Escola de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor Odorico de Andrade.

A amostra dos grupos focais foi composta por grupos que variaram de seis a oito voluntários de cada escola. A escolha dos sujeitos foi feita através de procedimento não-probabilístico do tipo intencional. Nesse tipo de amostragem, “o grupo de sujeitos é constituído conforme critérios pré-estabelecidos sobre as características que esses elementos devem ter para pertencerem à população” (ALMEIDA & FREIRE, 1997, p. 49). Os critérios de seleção dos grupos fizeram referência às idades dos participantes, escolas, nível de escolaridade, local de moradia, condições econômicas semelhantes.

4.2 Os instrumentos utilizados na coleta de dados

4.2.1 Os mapas afetivos

Para a apreensão dos afetos, foi utilizada a metodologia dos mapas afetivos, desenvolvida por Bomfim (2003). A autora parte da teoria de mapas cognitivos desenvolvida por Lynch (1998), mas faz uma crítica ao enfoque excessivamente cognitivista do referido autor. Acrescenta, desta forma, o aspecto afetivo como grande fator agregador na percepção e conhecimento da cidade em termos da orientação espacial e das formas de apropriação e de organização do território, apresentando-nos os mapas afetivos como forma de apreensão de afetos e de levantamento de indicadores de afetividade dos sujeitos com relação ao seu entorno.

Os mapas afetivos estão fundamentados na perspectiva do materialismo histórico-dialético de Vigotsky (1998), em uma avaliação dialética da afetividade em que, através da mediação do instrumento de pesquisa, há uma interação entre o investigador e o respondente, tendo como base o Simbolismo do Espaço na perspectiva da Psicologia Social e Ambiental.

Por intermédio de desenhos e de palavras-síntese, que auxiliam na interpretação e classificação dos desenhos pelos próprios entrevistados, vão surgindo aos poucos nessa avaliação dialética a percepção dos sujeitos e os seus sentimentos em relação ao seu lugar de morada. A utilização de metáforas, por parte dos entrevistados, tanto nos desenhos como nas palavras-síntese, apresenta-se como um fator importante e diferenciador, pois elas estão além da dimensão cognitivista, expressando uma forma de apreensão dos afetos. São, também, expressões do pensamento social, podendo ser uma síntese do próprio indivíduo sobre o sentido que o mesmo atribui ao seu lugar de morada.

As metáforas são recursos imagéticos que fogem ao sentido literal, cognitivo e prezam pelo sentido figurativo, que é mais emotivo. Apontamos a metáfora como um recurso de síntese, como função emotiva do discurso, de extrema relevância para a construção de instrumentos de avaliação da afetividade (BOMFIM, 2003, p. 209).

Os mapas revelam a afetividade e indicam a estima com relação ao entorno, apontando assim o nível de comprometimento dos sujeitos com o mesmo, proporcionando-nos também um conhecimento da comunidade e das suas especificidades através dos sentimentos

de seus moradores, havendo, assim, uma superação da dicotomia entre cognição e emoção. Quanto aos mapas afetivos, Bomfim acrescenta:

Eles são orientadores das estratégias de ação e avaliação dos níveis de apropriação (pertencer ou não pertencer a um lugar), apego (vinculação incondicional a um lugar) e de identidade social urbana (conjunto de valores, representações, atitudes que tomam parte da identidade do indivíduo no lugar) (BOMFIM, 2003, p. 212).

O instrumento gerador dos mapas afetivos é composto das seguintes partes¹⁸:

a) Desenho – Esta é a primeira etapa do instrumento. Nela, é pedido aos participantes que façam um desenho que expresse sua forma de ver, sentir ou representar a comunidade em que moram. Essa etapa tem como objetivo facilitar a expressão das emoções e, de acordo com Bomfim (2003), é tomado como primeiro passo para que possa ser deflagrado um processo representacional imagético, antes que o respondente possa passar para uma representação pela escrita.

b) Significado do desenho – Nesta etapa, pergunta-se ao sujeito qual o significado que o desenho tem para ele, assim, é esclarecido o que o respondente quis representar com o seu desenho. A interpretação deste é feita pelo próprio sujeito e não pelo pesquisador.

c) Sentimentos – Solicita-se, então, que a pessoa expresse quais os sentimentos que o desenho desperta nela. “Neste momento do processo de elaboração dos afetos, o estímulo inicial é o próprio item do instrumento de pesquisa que remetia o sujeito ao desenho, à sua própria criação e à representação da cidade” (BOMFIM, 2003, p.137).

d) Palavras-síntese – No passo seguinte, é solicitado que o sujeito escreva seis palavras que resumam seus sentimentos em relação ao desenho. Essas palavras podem variar entre sentimentos, qualidades etc.

¹⁸ Onde se encontra a palavra comunidade, lê-se no instrumento original, elaborado por Bomfim (2003), a palavra cidade. Optou-se pelo termo comunidade pelo fato de que Tauá é um município marcado pela fragmentação em diversos distritos e comunidades rurais e como trabalharíamos com jovens moradores tanto da sede como da área rural, considerou-se a utilização do termo comunidade mais apropriado já que estamos estudando os afetos e a relação afetiva é expressa de forma mais marcada quando pensamos na localidade em que se mora.

e) O que pensa sobre a comunidade – Na quinta etapa, solicita-se que o sujeito expresse o que pensa sobre a comunidade em que vive. “Este item pode remeter o sujeito a uma nova construção de seus sentimentos sobre a cidade. Desta feita, não mais com o desenho, mas com elaboração textual” (BOMFIM, 2003, p.137).

f) Categorias da escala Lykert – São afirmações baseadas nas dimensões levantadas no pré-teste, voltadas para a avaliação que os respondentes fazem da comunidade em uma escala de 0 a 10. No instrumento, não é esclarecido ao respondente a que categorias pertencem tais afirmações.

g) Comparação da comunidade – Nesta etapa, pede-se que o sujeito faça uma comparação da sua comunidade com algo. Permite e possibilita a utilização de metáforas e “caracteriza-se por ser uma nova síntese de compreensão do sentido da comunicação complexa do afeto. Nesta etapa, o sujeito é convidado a elaborar imagens da cidade através de sua capacidade de fazer analogia e figurar o sentimento pela escrita” (BOMFIM, 2003, p. 139).

h) Participação em associação – A resposta aqui se dá de forma objetiva e o intuito é identificar se o sujeito participa de algum tipo de núcleo social dentro da comunidade, seja político, religioso, esportivo ou de outra natureza.

i) Dados pessoais – Esta é a última parte do instrumento e tem como objetivo coletar informações de interesse demográfico sobre os sujeitos entrevistados, como: sexo, idade, escolaridade, profissão, local de nascimento, distrito e comunidade em que mora, tempo de moradia na comunidade, local de nascimento, se exerce atividade remunerada, tipo de trabalho dos pais e grau de escolaridade dos pais.

4.2.2 Os grupos focais

Posteriormente, para um aprofundamento de questões relevantes ao tema da afetividade dos jovens de Tauá em relação à sua comunidade captadas no instrumento de apreensão dos afetos, utilizou-se o grupo focal, trazendo à tona diversos pontos de vista e informações sobre a migração hoje no município, assim como sobre a intenção de emigrar do

grupo estudado. Desta forma, os grupos focais trouxeram uma riqueza maior para o trabalho qualitativo, proporcionando uma melhor compreensão e um complemento das informações coletadas pelo instrumento principal sobre a realidade estudada.

O método dos grupos focais é considerado por Berthoud (2004, p.45) como um “método de pesquisa qualitativa que se baseia nas discussões grupais para coletar dados a respeito de um tópico predeterminado pelo pesquisador”. Neste método, de acordo com a autora, o pesquisador pode observar não somente as semelhanças e diferenças entre as pessoas, mas especialmente as fontes de suas diferenças e semelhanças através das reações que surgem no grupo e da interação entre os participantes. O método tem como importantes dados as ricas conexões que são feitas pelo próprio grupo sobre suas idéias, sentimentos e impressões sobre o tema proposto pelo pesquisador.

Krueger (2002, apud BERTHOUD, 2004) apresenta cinco características básicas do método que são:

1. Envolve pessoas: os grupos focais, tipicamente, são compostos por seis a dez pessoas, porém o número pode e deve variar em função dos objetivos e das características do estudo. O grupo pode ser pequeno o bastante para dar a cada participante a chance de compartilhar experiências e *insights* ou grande o bastante para propiciar diversidade de percepções e opiniões. Nesta pesquisa, procurou-se estabelecer grupos de oito participantes.

2. Pessoas com características específicas: os grupos focais são compostos por pessoas que possuem características em comum que são de interesse do pesquisador. Ou seja, os participantes são propositadamente selecionados em função de características previamente muito bem definidas pelo pesquisador. Foram estabelecidos, para esta pesquisa, grupos com características semelhantes como o nível de escolaridade, idade e escolas em que estudavam.

3. Resulta em dados qualitativos: os grupos focais são particularmente úteis para a compreensão das percepções, dos sentimentos e pensamentos das pessoas sobre temas, produtos, serviços ou oportunidades. Objetivou-se nesta pesquisa coletar informações sobre a afetividade dos entrevistados e como estavam sendo afetados pelo momento de decisão entre o ficar e o partir.

4. A discussão é focalizada: o pesquisador prepara cuidadosamente um guia de entrevista em função dos objetivos da pesquisa de modo que a discussão se centralize no tema

desejado. O tema da discussão foi a emigração e os fatores que influenciavam na decisão entre o ficar e o partir.

5. Ajuda a compreensão do tema de interesse: quando verdadeiramente apropriados para os objetivos da pesquisa que se deseja empreender, os grupos focais são um excelente método de obtenção de dados, o que possibilita uma compreensão ao mesmo tempo ampla e profunda do tema em foco.

4.3 As adaptações feitas no instrumento e o pré-teste

O método dos mapas afetivos começou a ser adaptado à realidade do município de Tauá em uma pesquisa realizada por nós (FERREIRA, 2003), durante a monografia de graduação, com jovens da comunidade de Lustal – Tauá. Na monografia, o objetivo era compreender a afetividade desses jovens em relação à sua comunidade. Nessa pesquisa anterior, foram identificadas imagens que representam os afetos dos jovens de Lustal relacionados ao seu entorno que, posteriormente, foram confirmadas no pré-teste e, por fim, utilizadas na pesquisa atual.

Na atual pesquisa, o interesse é, além de compreender a relação afetiva dos jovens em relação a sua comunidade, obter informações sobre a intenção de emigrar e aspectos da migração hoje no município como também os fatores que influenciam na tomada de decisão. Para isso, foram acrescentadas ao questionário original gerador dos mapas afetivos, perguntas sobre o fator migração¹⁹.

A realização do pré-teste teve como objetivo avaliar as modificações feitas no instrumento original, como a validade das questões sobre migração que foram acrescentadas e a adequação da linguagem utilizada no mesmo, já que foram feitas algumas modificações na linguagem utilizada no instrumento original, tendo em vista que este foi elaborado por Bomfim (2003) a partir de entrevistas realizadas com alunos do ensino superior de cursos de Psicologia e Belas Artes das cidades de São Paulo e Barcelona, enquanto na atual pesquisa trabalhou-se com alunos do ensino médio de escolas públicas de Tauá.

¹⁹ Estas questões podem ser observadas no item sete do questionário em anexo.

Além de avaliar e validar as modificações feitas no instrumento de apreensão dos afetos original, o pré-teste teve como objetivo identificar as categorias de afetividade com as quais se trabalharia na pesquisa e formular, a partir das falas dos participantes do pré-teste, as frases que constituiriam a escala Lykert.

Foram aplicados 30 questionários, no pré-teste, dos quais 29 estavam adequados para a análise. As imagens identificadas foram: contraste, agradabilidade, pertinência e insegurança. Abaixo apresentam-se as imagens, enquanto categorias da escala Lykert, e as frases que representam as variáveis da escala. Tais frases foram identificadas a partir das respostas dos participantes do pré-teste.

i) Pertinência: Encontram-se nesta categoria os sentimentos, as emoções e as palavras de identificação positiva do indivíduo para com sua comunidade.

- Na comunidade, lutamos por nossos ideais.
- A comunidade é importante para mim.
- Tenho orgulho da comunidade.
- Tenho amor pela comunidade.
- Na comunidade, tenho amizade e solidariedade.

ii) Agradabilidade: Aqui se encontram as palavras que fazem referência a sentimentos de bem-estar, vinculados às qualidades positivas da comunidade, sobretudo ao que se refere à infra-estrutura oferecida aos moradores.

- Eu me divirto na comunidade.
- A minha comunidade é tranqüila
- A comunidade traz coisas boas.

- É uma comunidade feliz.
- É um lugar esplêndido!

iii) Contraste: Incluem-se, nesta categoria, sentimentos, emoções e palavras contraditórias em relação à comunidade. Há aqui uma polarização positiva e negativa.

- Enfrento dificuldades na comunidade, mas sou feliz.
- Gosto de morar aqui, mas penso em ir embora.
- A comunidade significa tudo que é bom e tudo que é ruim.
- É uma comunidade simples e importante.
- Não tem emprego, mas é boa para se viver.

iv) Insegurança: Nesta categoria podem ser identificados sentimentos, emoções e palavras que envolvem algo inesperado, instável e às vezes negativo.

- Sinto-me frágil diante das dificuldades.
- É uma comunidade que sofre riscos.
- Falta segurança na minha comunidade.
- É uma comunidade desigual.
- É uma comunidade onde só existem intrigas e invejas.

Os resultados do pré-teste serviram para trazer uma orientação para a elaboração do instrumento final. Algumas modificações foram feitas a partir da realização do mesmo, como as alterações na linguagem utilizada em algumas questões. Foram também acrescentadas novas questões sobre perspectivas em relação à cidade de destino e sentimentos relacionados à mesma. Estas informações foram também procuradas durante os grupos focais.

4.4 A coleta dos dados

Para a realização desta pesquisa, foram feitas quatro viagens ao município. Na primeira viagem, foi feito um levantamento das escolas públicas de ensino médio existentes na sede do município. Estabelecido o primeiro contato com as escolas, conseguiu-se a autorização das direções para a realização da pesquisa. Após a aprovação da pesquisa pelo comitê de ética da UFC, estabeleceu-se um segundo encontro com as escolas, levando o parecer e uma cópia do projeto. Neste encontro, foi feita a seleção das turmas que

participariam da pesquisa, incluindo a turma que participaria do pré-teste, realizado ainda durante essa viagem. No terceiro encontro, foram aplicados os questionários e explicado aos participantes que haveria uma próxima etapa da pesquisa. De volta a Fortaleza, foram analisados os mapas afetivos e foi elaborado, a partir de tais análises, o roteiro de entrevista dos grupos focais. No quarto encontro, foram realizados os grupos focais e apresentados aos alunos das três escolas os resultados parciais da pesquisa obtidos através da análise da primeira etapa (aplicação do instrumento de apreensão dos afetos).

4.4.1 A aplicação do instrumento de pesquisa

A coleta de dados foi realizada em três escolas de ensino médio da rede pública localizadas na sede do município de Tauá. A seleção das turmas que participaram da pesquisa foi feita de acordo com as especificidades de cada escola. Na primeira, havia apenas uma turma de terceiro ano, desta forma, o grupo já estava pré-selecionado. Na segunda escola, como era o Centro de Educação de Jovens e Adultos, foram selecionadas as duas turmas que estavam concluindo o ensino médio. Na terceira escola, como havia um número maior de turmas de terceiro ano, alguns critérios foram estipulados para a seleção. A idade foi o primeiro critério, foram escolhidas turmas onde houvesse um maior número de alunos com idades acima de 18 anos; a moradia foi outro fator importante, pois foi dada prioridade a turmas em que o número de alunos moradores de comunidades rurais se aproximasse do número de moradores da sede do município. Desta forma, foram selecionadas duas turmas do turno da noite.

A aplicação do instrumento gerador dos mapas afetivos foi realizada em sala de aula, após a explicação do objetivo da pesquisa e solicitação da participação de voluntários. Depois da aplicação do instrumento, os dados foram trazidos para a análise em Fortaleza para que, a partir das informações coletadas nesta etapa da pesquisa, fosse preparado o roteiro para realização dos grupos focais.

4.4.2 A realização dos grupos focais

Observando as características básicas do método, apresentadas por Krueger (2002, apud Berthoud, 2004), foram estipuladas as características com as quais se trabalharia para a realização dos grupos. Foram feitos três grupos focais, um em cada escola. Procurou-se fazer grupos compostos por oito participantes, parte da amostra que participou da aplicação do

instrumento gerador dos mapas afetivos. Os grupos deveriam ser formados por dois representantes de cada uma das imagens identificadas na primeira etapa da pesquisa: pertinência, contrastes, insegurança e agradabilidade. Para que a seleção dos grupos fosse feita com maior representatividade, foram colocados símbolos diferentes nos questionários identificando cada imagem e, posteriormente, solicitado que os participantes identificassem seus questionários através do desenho feito por eles ao responderem os questionários. Em seguida, solicitou-se que formassem quatro grupos, de acordo com o símbolo que havia nos seus questionários e, então, foi solicitada a participação de dois voluntários de cada um desses grupos. Desta maneira, estava feita a seleção do grupo focal. Vale ressaltar que os participantes não sabiam a imagem que havia sido identificada no seu questionário. Faz-se necessário também dizer que não foi possível formar grupos com oito participantes em todas as escolas, em duas delas trabalhou-se com 6 e 7 sujeitos.

4.5 Análise dos dados

A análise dos resultados foi feita de forma qualitativa, recebendo uma análise estatística complementar. Utilizou-se tanto para a análise dos mapas afetivos quanto dos grupos focais a análise de conteúdo categorial (BARDIN,1991), sendo este tipo de análise apresentada por Kude (1997) como o método de análise de conteúdo mais difundido e empregado. Consiste em classificar diferentes elementos do texto em diversas “gavetas” que permitam surgir uma certa ordem na aparente confusão de informações.

É o método das categorias, espécie de gavetas ou rubricas significativas que permitem a classificação dos elementos de significação constitutiva da mensagem. É, portanto, um método taxionômico bem concebido para [...] introduzir uma ordem segundo certos critérios na desordem aparente (BARDIN, 1991, p.37).

Para a análise dos mapas afetivos, consideramos as etapas propostas por Vázquez - Sixto (2000/2001 apud BOMFIM, 2003), a saber:

a) **codificação:** Corresponde à fase de transformação de dados brutos em dados úteis através dos processos de fragmentação do texto, catalogação das unidades.

b) **categorização:** Nesta etapa estabeleceu-se uma diferenciação e condensação, através de uma classificação das unidades, através de um quadro que permite uma melhor visualização dos dados (BOMFIM, 2003). No quadro, são colocadas as seguintes informações: identificação do sujeito, estrutura do desenho (cognitivo ou metafórico), significado do desenho para o respondente, qualidade relacionada à comunidade, sentimentos, metáfora e sentido.

Abaixo está apresentado o quadro proposto por Bomfim (2003) para a síntese do processo de categorização voltado para a elaboração dos mapas afetivos.

Quadro 1- Síntese do processo de categorização voltado para a elaboração dos mapas afetivos²⁰.

IDENTIFICAÇÃO	ESTRUTURA	SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTO	METÁFORA	SENTIDO
Nº: SEXO: IDADE: GRAU DE INSTRUÇÃO: TEMPO DE MORADIA: CIDADE DE ORIGEM:	MAPA COGNITIVO DE LYNCH; DESENHO DE MONUMENTO, CAMINHOS, LIMITES, CONFLUÊNCIA E BAIROS. METAFÓRICO; DESENHO QUE EXPRESSA, POR ANALOGIA, O SENTIMENTO OU O ESTADO DE ÂNIMO DO SUJEITO.	EXPLICAÇÃO DO SUJEITO SOBRE O DESENHO	ATRIBUTOS DO DESENHO E DA CIDADE APONTADOS PELO SUJEITO.	EXPRESSÃO AFETIVA DO SUJEITO AO DESENHO E À CIDADE.	COMPARAÇÃO DA CIDADE COM ALGO PELO SUJEITO QUE TEM COMO FUNÇÃO A ELABORAÇÃO DE METÁFORAS.	INTERPRETAÇÃO DADA PELO INVESTIGADOR À ARTICULAÇÃO DE SENTIDOS ENTRE AS METÁFORAS DA CIDADE E AS OUTRAS DIMENSÕES ATRIBUÍDAS PELO SUJEITO (QUALIDADE E SENTIMENTO).

FONTE: BOMFIM (2003, p. 144).

O sentido do mapa, ultima parte do quadro de análise, é o que Vigotsky chama de análise do subtexto, do sentido e do motivo. Bomfim (2003), ao propor essa análise, procura ver o essencial individualizando o sentido geral, “construindo uma explicação ou definição da

²⁰ Onde há “grau de instrução”, na identificação, utilizou-se nesta pesquisa “grau de instrução dos pais”, já que entre os critérios de seleção dos participantes, se estabelecia que todos deveriam estar cursando o ultimo ano do Ensino Médio.

imagem apontada pelo respondente a partir da metáfora de forma a articular a imagem da metáfora com o sentimento e a qualidade atribuída pelo respondente ao desenho” (BOMFIM, 2003, p. 145).

Na análise complementar, os dados da escala Lykert foram sintetizados em médias para facilitar a visualização de conjuntos de variações afetivas refletidas nas respostas dos sujeitos da pesquisa. Foi utilizado, nessa etapa, o programa estatístico SPSS for Windows.

5 Apresentação e discussão dos resultados

5.1 Caracterização dos sujeitos da pesquisa

Participaram da pesquisa 63 jovens com idades entre 18 e 25 anos, alunos do último ano do ensino médio de três escolas públicas localizadas na sede do município de Tauá. Essas foram: Escola de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor Odorico de Andrade (n =14 → 22%), Escola de Ensino Médio Liceu de Tauá Lili de Feitosa (n =29 → 46%) e Centro de Educação de Jovens e Adultos Luzia Araújo Freitas (n =20 → 32%). A tabela abaixo apresenta a caracterização dos sujeitos da pesquisa.

Quadro 2 - Caracterização dos sujeitos da pesquisa

Variáveis	Categorias	f	%
Sexo	Feminino	41	65%
	Masculino	22	35%
Idade	Entre 18 e 21 anos	58	92%
	Entre 22 e 25 anos	05	8%
Local de moradia	Sede do município	39	62%
	Comunidades rurais	24	38%
Escola	Mons. Odorico	14	22%
	Liceu de Tauá	29	46%
	Ceja	20	32%
Trabalha	Sim	49	78%
	Não	14	22%
Exerce atividade agrícola	Sim	24	38%
	Não	39	62%
Pertence a grupo ou associação	Sim	17	27%
	Não	46	73%

Observou-se que, dos 63 jovens que participaram da pesquisa, 41 eram do sexo feminino (65%) e 22 do sexo masculino (35%). A maioria dos jovens entrevistados estava na faixa etária de 18 a 21 anos (92%), sendo que apenas 8% estava na faixa etária de 22 a 25 anos (n=5). Em relação ao local de moradia, notou-se que, dos entrevistados, 62% moravam na sede

do município (n =39) e 38% moravam nas diversas localidades situadas na área rural (n =24). No que diz respeito à distribuição do número de participantes de cada escola, contou-se com 22% da Escola de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor Odorico de Andrade, 46% da Escola de Ensino Médio Liceu de Tauá Lili de Feitosa e 32% do Centro de Educação de Jovens e Adultos Luzia Araújo Freitas.

Em relação ao fator trabalho, verificou-se que 78% (n= 49) dos respondentes disseram que trabalhavam e 22% (n= 14) disseram que não. Foi apontado que 38% (n= 24) exercem algum tipo de atividade agrícola e 62% (n= 39) relataram não exercerem nenhum tipo de atividade agrícola. Foi observado também que 73% (n= 46) dos jovens não participam de nenhum tipo de grupo ou associação no município, enquanto 27% (n= 17) falaram que participavam de algum tipo de grupo, sendo que a maioria fez referência a grupos religiosos, esportivos ou artísticos.

5.2 As Imagens de Tauá

A análise dos mapas afetivos foi realizada a partir das imagens de pertinência, agradabilidade, contraste e insegurança, que haviam sido confirmadas no pré-teste. Considerando-se essas imagens, foram identificados sentimentos e emoções dos jovens em relação à cidade a partir dos seus locais de moradia, além de qualidades atribuídas ao entorno.

As principais qualidades relatadas pelos jovens, ao fazerem referências ao seu lugar de morada, estão apresentadas em ordem de importância na tabela a seguir, assim como os principais sentimentos e emoções apontados por eles.

Quadro 3- Imagens de Tauá, em ordem de importância, conforme as qualidades e sentimentos dos estudantes do último ano do ensino médio (EM) de escolas públicas localizadas na sede do município. Tauá/2005.

IMAGENS	QUALIDADES	SENTIMENTOS
Pertinência	Comunidade alegre, amorosa e esperançosa, bem desenvolvida e muito importante, convivência entre amigos, proximidade, conhecimento e diálogo, acolhimento, amizade, solidariedade, bonita, hospitaleira, maravilhosa, participativa, cooperação, humanidade, respeito, fé, união, fraternidade, bem organizada, paz, sinceridade, humilde e acolhedora, responsabilidade, dá prazer em fazer parte, força de vontade, determinação, conhecimento, inteligência, partilha, povo humilde e trabalhador.	Amor, esperança, paz e alegria, amizade, amor ao próximo, felicidade, carinho, parceria, afeto, fé, coragem, orgulho.
Contrastes	Beleza/desigualdade, tranquilidade/dificuldade, harmonia/problemas, boa/desemprego, harmonia/desunião, boa/ruim, pacata/violenta, amizade/diferenças sociais, sinceridade/ambições, comunidade ótima/comunidade desigual, sinceridade/pessoas hipócritas, beleza/poluição, solidariedade/desemprego, companheirismo/desigualdade, limpeza/poluição, alegria/ violência, paz/ violência.	Amor/angústia, felicidade/tristeza, esperança/pena, amor/raiva, orgulho/desânimo, amor/rancor, respeito/sofrimento.
Insegurança	Violência, miséria, pouco desenvolvimento, falta de atenção, egoísmo, desigualdade, baixa renda, humildade, fome, analfabetismo, esquecimento, sensação de restrição, riscos, dificuldades, poluição, sem recursos, desmatamento, poluição, falta de atendimento nos centros de saúde, comunidade péssima de se viver, ruim, desemprego, pobreza, miséria, desconfiança, desorganizada.	Abandono, angústia, medo, insegurança, solidão, sofrimento, insignificância, raiva, desprezo, tristeza, esperança, desânimo, indignação, desespero, infelicidade, revolta, mágoa.
Agradabilidade	Pacífica, tranqüila, beleza, sabedoria, preservação, higiene, fraternidade, acolhimento, paz, união, educação, lazer, respeito, coerência, inteligência, competência, calma, espaçosa, com pessoas honestas e educadas, respeito, humildade, comunidade acolhedora.	Amor à natureza, felicidade, confiança, amizade, paz, carinho, segurança, alegria.

Faz parte da elaboração dos mapas afetivos a solicitação da utilização de metáforas que são recursos de síntese que facilitam que o sujeito possa ir além de colocações meramente cognitivas. Para Bomfim (2003), tanto as metáforas quanto os sentimentos caracterizam-se pelo cultivo da intimidade, refletindo, segundo a autora, a experiência da vida cotidiana e permitindo o *insight* comunitário e o contato com a coletividade. “(...) tanto sentimentos como

metáforas são sintéticos. Imagens e sentimentos são constitutivos da metáfora”. (Bomfim, 2003, p. 132). Pode-se verificar nos quadros a seguir as metáforas utilizadas pelos estudantes quando são solicitados a compararem sua comunidade com algo. As metáforas serão seguidas da análise qualitativa e apresentadas de acordo com cada imagem identificada.

5.2.1 A imagem de Pertinência

“Sertão, argüem te canto/ Eu sempre tenho cantado
E ainda cantando to/ praquê, meu torrão amado
Munto te prezo, te quero/ E vejo que os teu mistério
Ninguém sabe decifrá/ A tua beleza é tanta
Que o poeta canta, canta/ E ainda fica o que cantá (...)”

(O retrato do sertão. Patativa do Assaré)

Na imagem de pertinência, encontraram-se afetos positivos como amor, orgulho, alegria, amizade, felicidade, esperança etc. Percebeu-se uma identificação com o lugar; há aí uma apropriação do espaço e um forte vínculo afetivo com a comunidade da qual se faz parte. Nessa imagem podem ser apontadas qualidades relacionadas à comunidade como: coragem, força, persistência, batalhadora, povo humilde e trabalhador, companheirismo, solidariedade, união, fé etc. Verificou-se, nos relatos dos jovens que foram identificados com a imagem de pertinência, um forte sentimento de apego ao lugar e uma grande ligação afetiva com as pessoas da comunidade da qual fazem parte. Observou-se isso, por exemplo, no relato de um dos jovens para o qual comunidade é considerada como “minha vida, parte de mim”.

Quadro 4 - Imagens de pertinência, conforme os estudantes do último ano do EM de escolas públicas localizadas na sede de Tauá. Tauá/2005

Comunidade luz
 Comunidade nuvem cheia de água
 Comunidade árvore
 Comunidade planta que necessita de cuidados para crescer e florescer
 Comunidade criança
 Comunidade criança que precisa de cuidados para crescer
 Comunidade sonho
 Comunidade o pobre e o rico
 Comunidade corrente
 Comunidade esperança de dias bons e noites maravilhosas
 Comunidade seleção brasileira
 Comunidade formigueiro
 Comunidade nosso Brasil/ nosso sertão brasileiro
 Comunidade cidade simples e feliz
 Comunidade coração de mãe
 Comunidade caixinha de surpresas
 Comunidade lugar ótimo
 Comunidade festas
 Comunidade religião
 Comunidade pão
 Comunidade escola
 Comunidade construção inacabável
 Comunidade jóia
 Comunidade mar bravo e forte

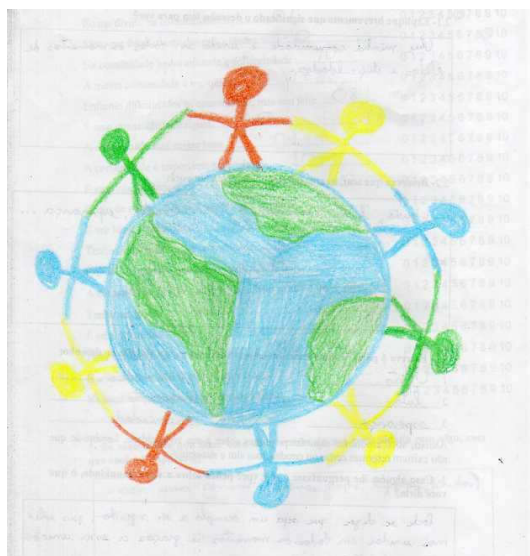
Através da imagem de pertinência, percebeu-se que em Tauá existe um sentimento de cooperação e boas relações de vizinhança, de forma distinta do que é encontrado nas grandes cidades, onde impera o individualismo e o anonimato, onde o excesso de estímulos nos deixa meio insensíveis, adotando a atitude *blasé*, citada por Simmel (1979).

Apesar de Tauá ser o maior município do estado em extensão geográfica, este apresenta um estilo de vida de pequena cidade, pois é dividido em vários distritos e localidades, o que mantém a característica de habitação em comunidade, daí a escolha por este termo na pesquisa, substituindo o termo cidade.

Observou-se, nos questionários que representam a imagem de pertinência, uma relação de integração comunitária e companheirismo entre as pessoas. Essas características podem ser verificadas através dos mapas afetivos dos jovens entrevistados, conforme se vê nos exemplos apresentados a seguir.

Um jovem de 18 anos, do sexo masculino, comparou sua comunidade com uma corrente, por estarem sempre unidos. Percebeu-se que há uma relação de cooperação e que os afetos positivos resultam dessa união entre as pessoas da comunidade. Esse sentimento de união pode ser percebido principalmente em habitantes de comunidades rurais ou de pequenas cidades.

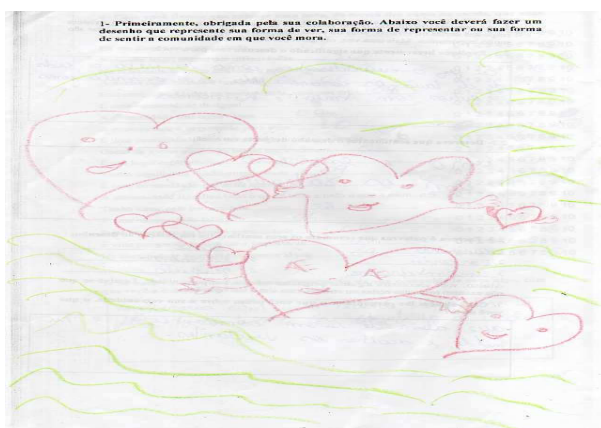
Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº : 16 Sexo: masculino Idade: 18 Escola: EEM Liceu de Tauá Comunidade: Sede Tempo de moradia: 13 anos Cidade de origem: Bahia (sic)	Metafórica.	A comunidade unida em todos os momentos de êxito e de dificuldades.	União, luta, cooperação, humanidade e solidariedade .	Esperança.	Corrente (estamos sempre unidos)	A comunidade corrente é aquele em que sua pertinência é marcada pelo fato de as pessoas estarem sempre unidas, com cooperação e solidariedade.



A comunidade unida em todos os momentos de êxito e de dificuldades (Morador da sede, 18 anos).

Uma jovem de 19 anos, para apresentar sua comunidade, utilizou a metáfora “cidade simples e feliz”, explicando ser um lugar onde todos têm seus objetivos na vida. Foi novamente observado como é forte a idéia de união e de fraternidade na comunidade, através do desenho feito para representar a forma como a estudante sente e vê sua comunidade, bem como por meio da explicação que ela dá para a escolha de ter feito esse desenho.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº : 26 Sexo: feminino Idade: 19 Escola: EEM Liceu de Tauá Comunidade: Sede Tempo de moradia: 04 anos Cidade de origem: Tauá	Metafórica.	Como vejo a comunidade de Tauá, corações se abraçando felizes, com amor e harmonia.	Companheirismo, harmonia, respeito. Comunidade humilde e acolhedora.	Amor, carinho e parceria.	Cidade simples e feliz (onde todos têm seus objetivos na vida).	A comunidade cidade simples e feliz é aquela em que sua pertinência desperta amor e carinho devido ao companheirismo, harmonia e por ser humilde e acolhedora.



Como vejo a comunidade de Tauá, corações se abraçando felizes, com amor e harmonia (Moradora da sede, 19 anos).

Tauá é vista pelos jovens identificados com a imagem de pertinência como uma cidade acolhedora, com pessoas humildes, trabalhadoras e unidas, sendo, portanto, considerada um lugar bom para se morar. Observa-se que a imagem de pertinência é caracterizada pela importância das boas relações comunitárias, sendo estas relevantes para que os sujeitos se sintam bem em fazer parte do lugar. Quando perguntados sobre o que pensam de sua comunidade, as seguintes respostas fortalecem a leitura aqui apontada sobre o sentimento de pertinência em relação à cidade: “Podemos dizer que seja um exemplo a ser seguido, pois somos unidos em todos os momentos e graças a essa união é que ela é o que é” (nº16).

A pertinência é demonstrada através do mapa afetivo de uma estudante de 19 anos que, ao fazer o desenho que expressasse seu modo de ver, sentir e representar sua comunidade, escolheu o sol nascendo, explicando: “O sol significa para mim a felicidade. Sem o sol não sou ninguém” (nº 58).

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: 58 Sexo: feminino Idade: 19 Escola: CEJA Luzia Araújo Freitas Comunidade: Sede. Tempo de moradia: 05 anos Cidade de origem: Tauá	Metafórica.	O sol significa para mim a felicidade. Sem o sol não sou ninguém.	Paz, amizade, fraternidade. Comunidade muito boa, não há nada para reclamar.	Felicidade, amor, carinho.	Comparar a com um mar bravo e forte.	A comunidade mar bravo e forte é a que sua pertinência é caracterizada pela paz, amizade e fraternidade, sendo considerada muito boa para se viver, despertando sentimentos de felicidade, amor, carinho.



O sol significa para mim a felicidade. Sem o sol não sou ninguém (Moradora da sede, 19 anos).

Quando se pergunta o que pensam sobre sua comunidade, encontram-se ainda respostas como: “Que a nossa cidade é maravilhosa!” (nº 51). “Diria que é um lugar muito bom de se viver” (nº 42), “que é um lugar de povo humilde e trabalhador”(nº 48).

Um outro jovem de 19 anos, morador da zona rural do município, quando indagado sobre o que pensa sobre sua comunidade, dá a seguinte resposta: “São pessoas amigas que compartilham o pouco que têm com os que são desprovidos não só de alimentos, mas também de palavras amigas que ajudam muito na convivência humana” (nº 39).

Através do mapa afetivo de um estudante de 18 anos, verificou-se que a união, o companheirismo, a solidariedade são qualidades atribuídas à comunidade.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº : 21 Sexo: masculino Idade: 18 Escola: EEM Liceu de Tauá Comunidade: Sede Tempo de moradia: 18 anos Cidade de origem: Tauá	Metafórica.	Amizade, união e solidariedade.	União, respeito, solidariedade fraternidade e companhei- rismo. É uma comunidade bem organizada e muito unida.	Amor ao próximo.	Seleção brasileira.	A comunidade seleção brasileira é aquela cuja pertinência é identificada através da união, respeito, solidariedad e, amizade, fraternidade e amor ao próximo.



“Minha comunidade é maravilhosa, apesar das dificuldades. As pessoas são legais e solidárias umas com as outras” (Morador da sede, 18 anos).

Pode-se perceber o quanto a comunidade é vista como algo importante para esses jovens e como as relações comunitárias são destacadas pelos moradores como algo importante e diferenciador, o que faz com que haja um forte laço afetivo com a cidade.

A idéia de união e cooperativismo entre as pessoas que constituem a comunidade é uma das características mais marcantes na imagem de pertinência. Os laços afetivos entre os habitantes despertam segurança, pois o nível de vulnerabilidade de uma comunidade pode ser diminuído ou aumentado de acordo com o nível de integração entre as pessoas.

5.2.2 A imagem de Contrastes

“[...] Porém, se ele é um portento/ De riso, graça e primor
 Tem também seu sofrimento/ Sua mágoa e sua dor
 Esta gleba hospitaleira/ Onde fada feiticeira
 Depositou seu condão/ é também um grande abismo
 Do triste analfabetismo/ Por falta de proteção”

(O retrato do sertão. Patativa do Assaré).

Na imagem de contrastes, encontram-se sentimentos e emoções paradoxais, que apontam para uma certa confusão dos afetos, representando uma polarização positiva e negativa. Através dos mapas afetivos identificados nesta imagem, percebem-se ao mesmo tempo atração e afastamento em relação ao entorno. Está caracterizada por gostar e não gostar; identificar ao mesmo tempo qualidades boas e ruins na comunidade; gostar, mas ver nela muitos defeitos e problemas. Identifica-se a presença de sentimentos ambíguos como: carinho/raiva, amor/medo, felicidade/insegurança, alegria/tristeza, união/egoísmo etc. No quadro que segue, estão as metáforas utilizadas pelos respondentes para identificar a cidade de Tauá.

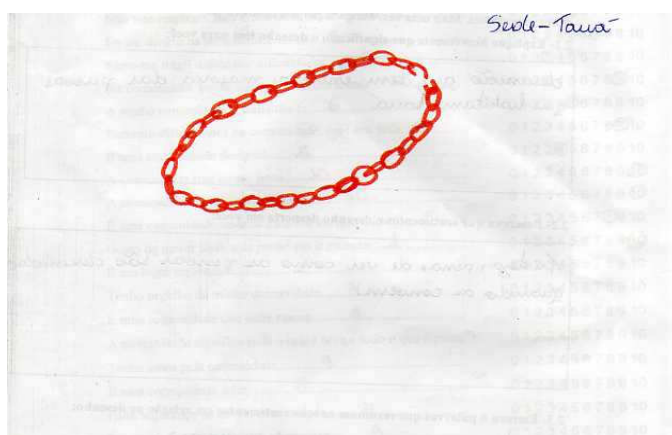
Quadro 5 - Imagens de contrastes, conforme os estudantes do último ano do EM de escolas públicas localizadas na sede de Tauá. Tauá/2005.

Comunidade povos linguarudos
 Comunidade deserto
 Comunidade montanha-russa, com seus altos e baixos
 Comunidade Igreja Católica
 Comunidade selva
 Comunidade escola, onde temos muito que aprender
 Comunidade galinheiro
 Comunidade minha escola
 Comunidade estável
 Comunidade favela do Rio de Janeiro
 Comunidade deserto (onde você tem que se virar sozinho)
 Comunidade novela América (cheia de amores, confusões e desigualdades)
 Comunidade Fortaleza
 Comunidade cidade atrasada
 Comunidade festa
 Comunidade muita violência
 Comunidade fogo (muito perigosa, sem segurança)
 Comunidade jogo, onde uns ganham e outros perdem

Pode-se verificar o contraste no mapa afetivo de uma jovem de 21 anos, que compara sua comunidade com uma selva, onde às vezes as pessoas parecem engolir as outras.

Quando indagada a respeito do que pensa sobre sua comunidade, responde: “É um lugar bom de morar, pacato às vezes e violento também às vezes” (nº 20).

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº : 20 Sexo: feminino Idade: 21 Escola: EEM Liceu de Tauá Comunidade: Sede Tempo de moradia: Não respondeu Cidade de origem: Tauá	Metafórica.	Desunião entre a maioria das pessoas.	Desunião, lugar bom de se morar, pacato às vezes e violento também às vezes.	Tristeza, pena, angústia, esperança e inquietação.	Selva. (onde às vezes as pessoas parecem engolir as outras.)	A comunidade selva traz o contraste de morar em um lugar pacato e violento, boa de se morar e desunida, o que gera tristeza, angústia, inquietação, mas também esperança.



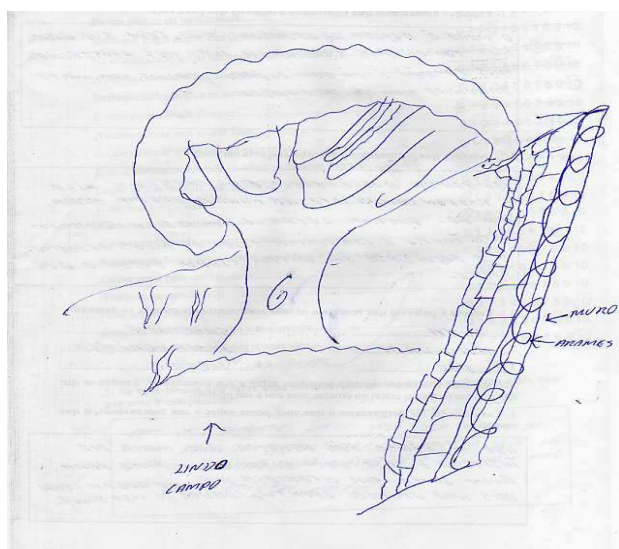
Desunião entre a maioria das pessoas
(Moradora da sede, 21 anos).

Observa-se que a jovem desenha uma corrente, mesma representação utilizada no primeiro desenho da imagem de pertinência. Neste segundo desenho, entretanto, a corrente surge rompida, representando a desunião na comunidade, ao contrário da representação do desenho na imagem de pertinência.

Outro jovem de 19 anos, morador da zona rural, quando perguntado o que pensa sobre sua comunidade, afirma: “Não só penso, mas afirmo que moro no interior e aqui é bom de se viver, mas para quem quer ser vitorioso não é o lugar ideal, pois não oferece oportunidades de vida digna” (nº37).

Abaixo são apresentados o mapa afetivo desse jovem e o desenho feito por ele para expressar sua forma de ver, sentir e representar a comunidade em que mora.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 37</p> <p>Sexo: masculino</p> <p>Idade: 19 a</p> <p>Escola: EEM Liceu de Tauá</p> <p>Comunidade: Vila Guaribas</p> <p>Tempo de moradia: 16 anos</p> <p>Cidade de origem: Tauá</p>	Metafórica	O muro é falta de oportunidade. Tudo que queremos, temos que derrubar enormes obstáculos, mas também é um bom lugar, pois é calmo .	Humilde, calmo, sem barulho, bom de descansar, luta, vitória, sabedoria, paz. Lugar bom de se viver, mas que não oferece oportunidades dignas.	Paz.	Deserto (onde você tem que se virar sozinho).	A comunidade deserto é aquela cujos contrastes surgem do fato de ser um lugar bom para se viver, mas que não oferece oportunidades de vida digna, onde você tem que se virar sozinho para conseguir algo.



O muro é falta de oportunidade. Tudo que queremos temos que derrubar enormes obstáculos, mas também é um bom lugar, pois é calmo (Morador de Vila Guaribas, 19 anos).

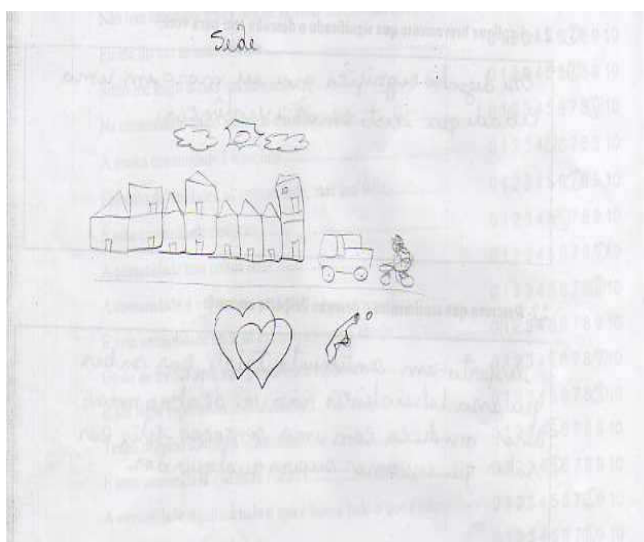
Identificamos os contrastes de se gostar da cidade, mas ver nela problemas, fazendo referência à falta de oportunidades e ao desemprego.

É uma sociedade em que tem muitos jovens desempregados, mas é um lugar mais ou menos para se viver (moradora da sede, 20 anos.)

(...) diria que é uma comunidade boa e como outra qualquer existe tudo o que você possa imaginar de bom e de ruim (18 nos, moradora da sede).

Abaixo estão o mapa afetivo, o desenho e o significado do desenho expressado por essa última.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 15 Sexo: feminino Idade: 18 a Escola: EEM Liceu de Tauá Comunidade: Sede Tempo de moradia: 2 meses Cidade de origem: Parambu.</p>	Metafórica.	Significa que mora em uma comunidade onde existe amor e violência.	Violência, compreensão, comunidade boa, o que você pode imaginar de bom e de ruim.	Amor, tristeza e felicidade.	Igreja Católica, que aceita e acolhe qualquer pessoa que entre nela.	A comunidade Igreja Católica é aquela cujos contrastes advêm do fato de se viver em um lugar onde há, ao mesmo tempo, tudo de bom e de ruim, como compreensão e violência, despertando felicidade e tristeza ao mesmo tempo.



Esse desenho significa que moro em uma cidade que existe amor e violência (Moradora da sede, 18 anos)

Nos mapas afetivos identificados com a imagem de contrastes, encontram-se as mesmas qualidades e sentimentos identificados na imagem de pertinência, apresentada anteriormente, porém, além desses encontramos também qualidades e sentimentos negativos. Há uma confusão de afetos verificada nos mapas afetivos dos jovens que gostam de sua cidade, mas que a vêem com pouca estrutura e ainda com muito a melhorar. Devido a essa

falta de infra-estrutura e de oportunidades de trabalho e estudo, muitos são levados a pensar em emigração em busca de mais oportunidades.

5.2.3 A imagem de Insegurança

“Setembro passou, com outubro e novembro
 Já tamo em dezembro.
 Meu Deus, que é de nós?
 Assim fala o pobre do seco Nordeste,
 Com medo da peste/ Da fome feroz”

(A triste partida. Patativa do Assaré)

A terceira imagem encontrada foi a de insegurança, na qual se verificam sentimentos e emoções, negativos em relação ao entorno. Encontram-se nesta imagem referências ao que gera instabilidade, medo, insegurança. Nela, há qualidades relacionadas à comunidade como: violência, desigualdade, analfabetismo, poluição, fome, desemprego, pobreza etc. Faz-se referência também aos sentimentos como medo, raiva, solidão, tristeza, revolta, sofrimento, angústia etc. No quadro abaixo, se vêem as metáforas utilizadas pelos alunos para representar as comunidades em que moram.

Quadro 6 - Imagens de insegurança, conforme os estudantes do último ano do EM de escolas públicas localizadas na sede de Tauá. Tauá/2005

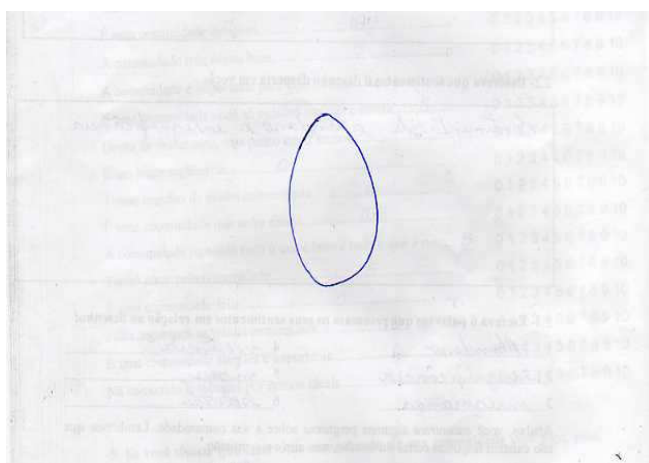
Comunidade deserto Comunidade lugar cheio de serras, com altos e baixos. Comunidade prisão Comunidade mochila Comunidade que não tem significado Comunidade cidade atrasada Comunidade limão (é azedo e muito ruim) Comunidade cidade ruim, péssima de se viver. Comunidade favela do Rio de Janeiro Comunidade selva (onde todos lutam desesperados pela sobrevivência)

A imagem de insegurança advém, muitas vezes, da falta de oportunidades e de perspectivas de crescimento, da violência, da sensação de abandono e desimportância. Pode-se verificar isso através do relato de uma jovem de 18 anos, moradora da sede do município, ao fazer uma crítica ao descaso governamental. Quando perguntada a respeito do que pensa sobre sua comunidade, afirma: “Eu penso que minha comunidade poderia estar bem desenvolvida se os responsáveis pela sua administração tivessem algum interesse por ela, além de econômico” (nº 5).

Verifica-se o sentimento de insegurança dessa jovem através de seu mapa afetivo, visto a seguir, em que apresenta sua comunidade como algo pequeno, sem importância, o que pode ser observado também no desenho feito por ela como forma de representar, ver e sentir a comunidade em que mora. Neste mapa afetivo podem-se identificar as marcas do sofrimento ético-político.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº : 05 Sexo: feminino Idade: 18 Escola: EEFM Monsenhor Odorico de Andrade Comunidade: Sede Tempo de moradia: 05 anos Cidade de origem: Picos - PI	Metafórica	Vejo minha comunidade como algo pequeno, algo que não desenvolveu, e é assim a realidade na nossa comunidade. Infelizmente ela foi esquecida.	Violência, miséria, pouco desenvolvimento.	Abandono, insegurança, insignificância e solidão.	Deserto (pois nele ninguém habita por vontade própria, apenas se não tiver condições de habitar em outro lugar).	A comunidade deserto é aquela cuja imagem de insegurança é marcada pela violência, miséria e pouco desenvolvimento, despertando sentimentos de abandono, insegurança, insignificância e solidão.

A estudante compara sua comunidade com um deserto e faz referência ao fator emigração ao dizer que ninguém habita nela por vontade própria, mas apenas se não tiver como se deslocar para outro lugar. Abaixo apresenta-se o desenho feito pela estudante para representar sua forma de sentir, ver e representar sua comunidade.

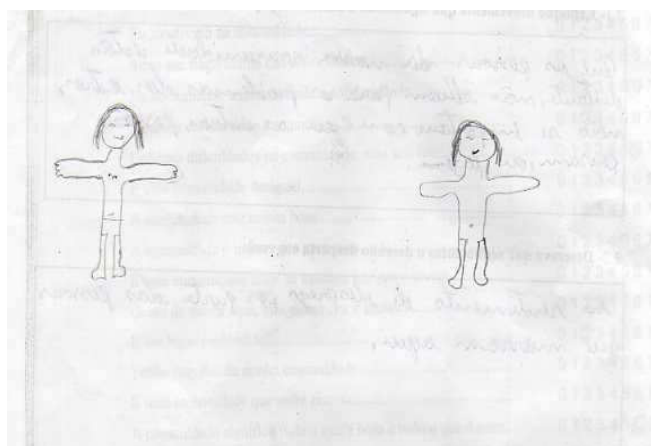


Vejo minha comunidade como algo pequeno, algo que não desenvolveu, e é assim a realidade na nossa comunidade. Infelizmente ela foi esquecida (Moradora da sede, 18 anos).

Ao contrário do que foi visto na imagem de pertinência, na imagem de insegurança, nota-se que o sujeito não se sente amparado, há uma sensação de solidão e abandono, tanto por parte do poder público quanto da própria comunidade. Observa-se isso no mapa afetivo de uma jovem de 18 anos, moradora da sede do município e apresentado a seguir.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº : 11 Sexo: feminino Idade: 18 Escola: EEFM Monsenhor Odorico de Andrade Comunidade: Sede. Tempo de moradia: 14 anos Cidade de origem: Piauí (sic)	Metafórica.	Significa que as pessoas da nossa comunidade estão distantes, não olham para os problemas dos outros. Não se importam com o que as outras pessoas pensam e fazem.	Falta de atenção, egoísmo, desigualdade, violência. Falta muita coisa para ser feito por parte dos políticos e da comunidade.	Desprezo.	Lugar cheio de serras, com altos e baixos.	A comunidade lugar cheio de serras, com altos e baixos é marcada pela insegurança devido à falta de atenção e ao egoísmo, por ser um lugar onde as pessoas não se importam com os problemas dos outros.

O desenho feito por essa jovem como forma de representar, ver e sentir sua comunidade, assim como a explicação dada por ela sobre o desenho, reforçam a interpretação apontada neste estudo.

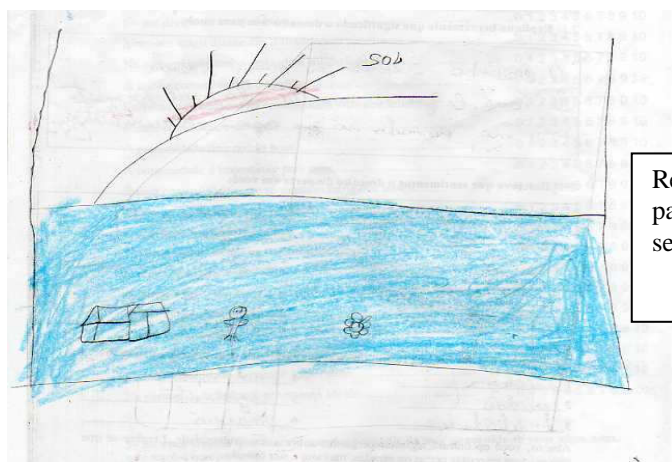


Significa que as pessoas da nossa comunidade estão distantes, não olham para os problemas dos outros. Não se importam com que as outras pessoas pensam e fazem (Moradora da sede, 18 anos).

No mapa afetivo de uma estudante de 20 anos, moradora da sede, assim como no desenho feito por ela e na sua explicação sobre o desenho, identifica-se claramente a imagem

de insegurança. Para ela a cidade foi boa no passado, mas agora é muito ruim, onde só se vê tristeza e traz a insegurança em relação ao futuro incerto.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº : 50 Sexo: feminino Idade: 20 Escola: CEJA Luzia Araújo Freitas Comunidade: Sede. Tempo de moradia: 7 anos Cidade de origem: Tauá	Metafórica	Representa a cidade de Tauá que foi muito boa no passado, mas que agora só vejo tristeza.	Boa no passado.	Tristeza, infelicidade, sofrimento, mágoa e solidão.	Limão (é azedo e muito ruim).	A comunidade limão é aquela em que a insegurança vem do fato de ter sido muito boa no passado, mas que agora se mostra azeda e muito ruim, gerando sofrimento, tristeza, infelicidade, mágoa e solidão.



Representa a cidade de Tauá que foi muito boa no passado, mas que agora só vejo tristeza (Moradora da sede, 20 anos).

A relação com a cidade é permeada de afetos negativos que podem representar uma potência de padecimento. A jovem vê a cidade de forma negativa, mas não apresenta em seu discurso indícios de potência de ação, força que impulsionaria para uma transformação da realidade vivenciada.

5.2.4 A imagem de Agradabilidade

“Neste quadro de beleza/ A gente vê com certeza
Que a musga da natureza/ Tem riqueza de incantá.
Do campo até na floresta/ As ave se manifesta
Compondo a sagrada orquesta/ Desta festa natura”

(A festa da natureza. Patativa do Assaré).

A imagem com menor representatividade foi a de agradabilidade, que está relacionada aos atrativos da cidade, à oferta de espaços públicos que proporcionem bem-estar para a comunidade, atrativos culturais ou econômicos, enfim, qualidades que despertem o interesse da população, tornando a cidade um lugar agradável e atraente. À imagem de agradabilidade estão relacionadas qualidades identificadas na comunidade como: calma, pacífica, preservação, beleza, boa de morar, educação, lazer, acolhedora etc. Relacionados a essa imagem, há sentimentos como amor, alegria, felicidade, amor à natureza, segurança etc. Abaixo está o quadro com as metáforas utilizadas pelos moradores para identificar a cidade.

Quadro 7- Imagens de agradabilidade, conforme os estudantes do ultimo ano do EM de escolas públicas localizadas na sede de Tauá. Tauá/2005

Comunidade vida Comunidade casa familiar Comunidade doce Comunidade liberdade Comunidade paz Comunidade fortaleza Comunidade coração cheio de amor para compartilhar
--

Um aspecto importante que surgiu nos mapas afetivos que representam esta imagem é a agradabilidade de se morar em um lugar tranquilo, principalmente para os habitantes da zona rural. No mapa afetivo de uma jovem de 19 anos moradora da comunidade de Raposa no distrito de Carrapateiras, zona rural do município, nota-se essa característica.

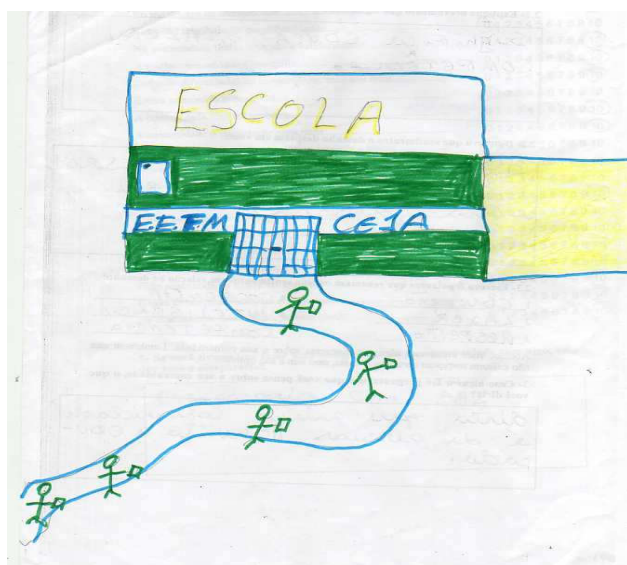
Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº : 19 Sexo: feminino Idade: 19 Escola: EEM Liceu de Tauá Comunidade: Raposa/ Carrapateiras Tempo de moradia: 19 anos Cidade de origem: Tauá	Metafórica.	Casa no interior.	Tranquilo, espaçoso, calmo.	Segurança.	Liberdade.	A comunidade liberdade expressa sua agradabilidade através da segurança de se viver em um lugar tranquilo.



Casa no interior (Moradora da comunidade Raposa/ Carrapateiras, 19 anos).

No mapa afetivo de um rapaz de 19 anos, morador da sede, encontra-se referência a qualidades da população como um lugar com pessoas honestas e educadas, assim como na imagem de pertinência, mas aqui o jovem também faz referência à educação e lazer, sendo estes fatores de atratividade de uma cidade. Observa-se que o desenho feito por ele para representar sua comunidade faz referência à importância da educação na cidade.

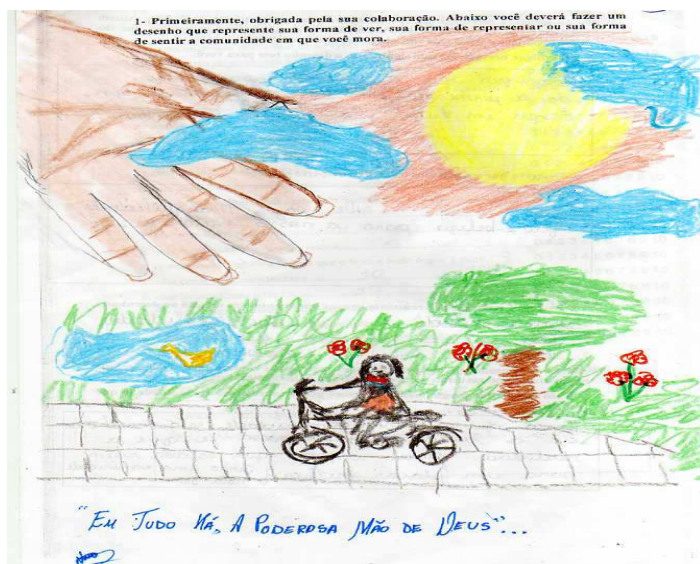
Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº : 43 Sexo: masculino Idade: 19 Escola: CEJA Luzia Araújo Freitas Comunidade Sede. Tempo de moradia: 12 anos Cidade de origem: Mombaça.	Metafórica.	Significa educação, lazer e competência.	Educação, lazer, respeito, coerência, inteligência, competência. É uma comunidade de pessoas honestas e educadas.	Paz.	Paz.	A comunidade paz é aquela cuja agradabilidade resulta do fato de haver nela educação, lazer, respeito, paz e por ser um lugar de pessoas honestas e educadas.



Significa educação, lazer e competência
(Morador da sede, 19 anos).

Entre as qualidades principais encontradas nos mapas que apresentam a imagem de agradabilidade, destaca-se o fato de ser uma cidade calma, tranqüila, onde as pessoas se sentem seguras. A religiosidade é também uma característica forte da cidade. Isso é apontado no mapa afetivo e no desenho de uma jovem de 18 anos, moradora da sede do município.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº : 10 Sexo: feminino Idade: 18 Escola: EEFM Monsenhor Odorico de Andrade Comunidade: Sede. Tempo de moradia: 18 anos Cidade de origem: Tauá	Metafórica.	Significa que a poderosa mão de Deus dá a permissão para que tudo ocorra bem.	Paz, tranquilidade, beleza, espiritualidade, sabedoria. A comunidade está melhorando a cada dia. Comunidade nota 10.	Felicidade.	Vida porque vai crescer, se desenvolvendo, embora aos poucos.	A comunidade vida é a que, em sua imagem de agradabilidade , vai, embora aos poucos, crescendo e se desenvolvendo, sendo marcada pela paz, beleza tranquilidade e felicidade.



Significa que a poderosa mão de Deus dá a permissão para que tudo ocorra bem (Moradora da sede, 18 anos).

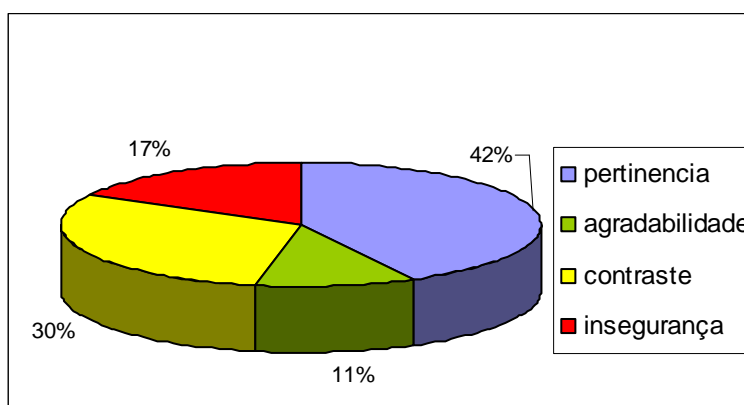
A religiosidade traz aspectos de união na comunidade, o que nos lembra a imagem de pertinência, entretanto, os pontos destacados pela jovem fazem referência ao fato de a cidade estar se desenvolvendo, gerando um aspecto de segurança e agradabilidade caracterizado na sua fala pelo: “comunidade nota 10”.

Pode-se verificar que na imagem de agradabilidade identifica-se, assim como na imagem de pertinência, uma vinculação positiva em relação ao entorno, mas desta vez a vinculação se dá através dos atrativos que a cidade oferece, fazendo alusão a lazer, desenvolvimento, oportunidades etc.

5.3 Análise estatística complementar dos mapas afetivos

As categorias de afetividade da cidade de Tauá encontradas nos mapas afetivos dos estudantes que estavam no último do Ensino Médio (EM) são apresentadas no gráfico abaixo, com seus respectivos percentuais.

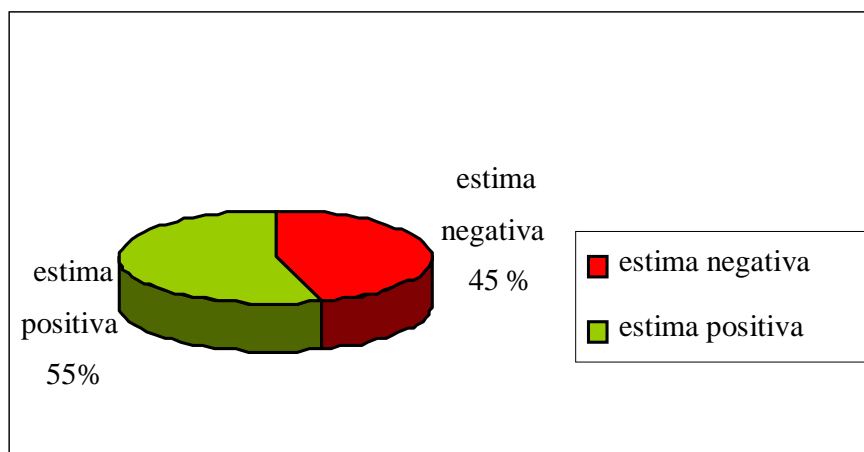
Gráfico 1 - Índice das categorias de afetividade dos estudantes do último ano do EM de escolas públicas localizadas na sede de Tauá. Tauá, 2005.



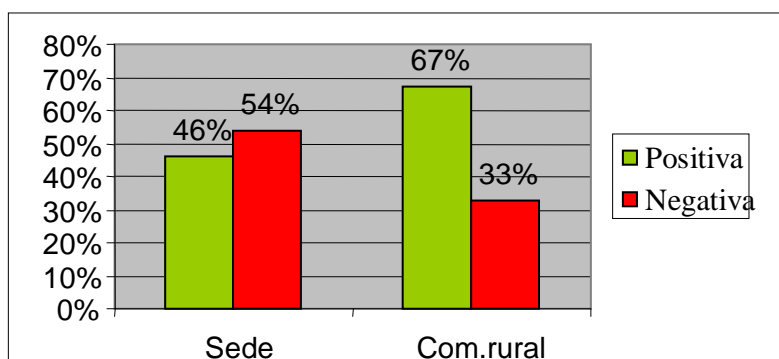
A diferença entre esses percentuais é estatisticamente significativa ($X^2=14,75$; $gl=3$; $p=0,002$), sendo mais representada a categoria pertinência (42%), seguida do contraste (30%) e da insegurança (17%) e menos representada a agradabilidade (encontrada em apenas 11% dos sujeitos). Observa-se que a análise estatística reforça os resultados da análise dos mapas afetivos.

Procurou-se analisar a estima dos jovens em relação às suas comunidades, sendo a estima o sentimento relacionado ao entorno. Esta pode se apresentar enquanto positiva, caracterizada por sentimentos como orgulho, amor etc. ou negativa, marcada por sentimentos como vergonha, medo etc. Tomou-se a pertinência e a agradabilidade como representativas da estima positiva e o contraste e a insegurança como da estima negativa.

Observou-se que um percentual de 55% dos alunos que participaram da pesquisa tinham uma estima positiva à cidade de Tauá, sendo a pertinência a categoria mais expressiva, como já visto anteriormente. Entretanto, a diferença de percentual entre a estima positiva e a negativa à cidade de Tauá não se revelou significativa, conforme o resultado da estatística do Qui-quadrado ($X^2=0,25$; $gl=1$; $p=0,62$). O gráfico seguinte reporta os percentuais dessas estimas.

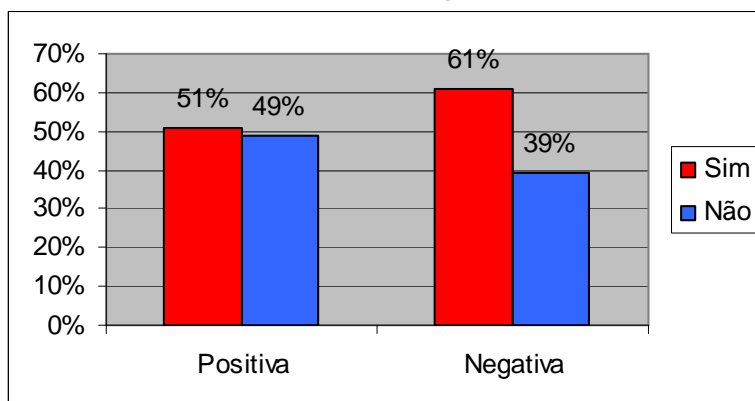
Gráfico 2- Estima dos jovens em relação à sua comunidade.

Ao verificar a estima dos jovens em relação ao lugar de habitação, percebe-se entre os que moravam na sede uma estima negativa mais acentuada. Essa estima foi encontrada em 54% deles, percentual bem maior do que aquele encontrado entre os jovens que moravam nas comunidades rurais (33%).

Gráfico 3 - Estima dos jovens em relação à sua comunidade, de acordo com o lugar de habitação.

A diferença entre os percentuais das estimas positivas dos alunos da sede e os das comunidades rurais foi significativa ($X^2=12,43$; $gl=1$; $p=0,01$). Em 67% dos alunos das comunidades, foram encontradas categorias de estima positiva, sendo a mais representativa a pertinência. Como já visto na análise qualitativa, esses jovens com sentimento de pertencimento ao local de moradia fizeram referências a relações comunitárias de cooperativismo, união e do sentimento de agradabilidade com o lugar.

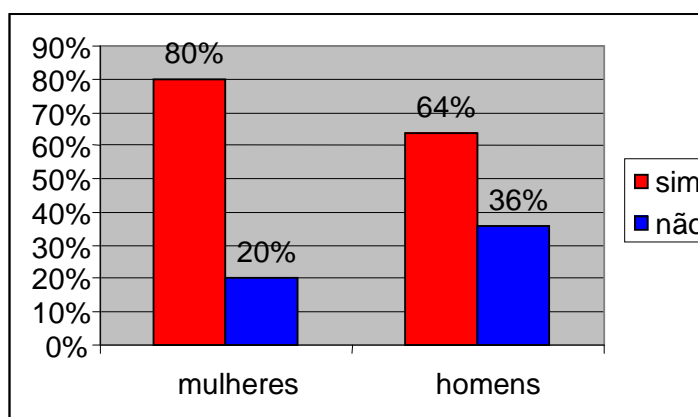
Gráfico 4- Intenção dos jovens em partir do município, de acordo com a estima dos mesmos em relação às suas comunidades.



Em relação à intenção de emigrar, no grupo com estima positiva observou-se que 51% tinham essa intenção e que 49% não. Desta forma, verifica-se que a diferença entre os grupos não se mostrou representativa. O mesmo não ocorre entre os jovens que tinham uma estima negativa da cidade: 61% tinham essa intenção e 39% não ($X^2=10,33$; $gl=1$; $p=0,02$). Destaca-se, desta forma, a importância dos afetos para a tomada de decisão entre o partir e o ficar, pois foi identificado que entre as duas categorias, pessoas com estima positiva e com estima negativa, o número de sujeitos com intenção de emigrar é maior. Nota-se que no primeiro grupo há uma diferença não significativa. No segundo grupo, entretanto, observou-se que entre as pessoas que possuem uma estima negativa em relação à cidade há uma intenção maior em emigrar.

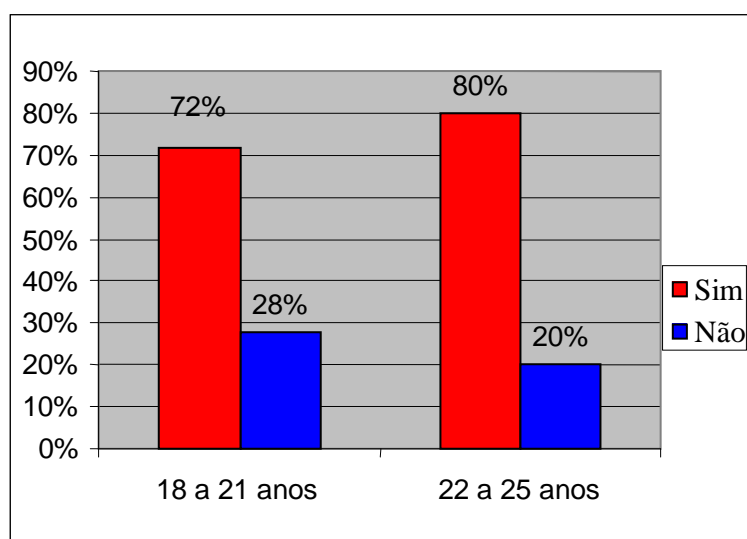
O grupo como um todo não apresenta variação significativa da estima em função da intenção de emigrar ($X^2 = 0,29$; $gl = 1$; $p = 0,41$). Contudo, essa intenção varia quando o sexo e a idade dos sujeitos da pesquisa são tomados por variáveis independentes. O gráfico 5 apresenta a intenção de emigrar conforme o sexo dos mesmos.

Gráfico 5- Intenção de partir, de acordo com o sexo.



Os valores estatísticos do teste do Qui-quadrado ($X^2 = 3,6$; $gl = 1$; $p = 0,05$) asseveraram que o desejo de emigrar das jovens alunas destaca-se significativamente em relação ao dos alunos, embora em ambos essa intenção seja acentuada. Das 41 alunas que participaram da pesquisa, 32 (80%) apresentavam intenção de emigrar e dos 22 homens, 13 (64%) tinham a intenção de sair da cidade.

Gráfico 6- Intenção de partir, de acordo com a idade.



A variação da intenção de emigrar de acordo com a idade foi extremamente significativa intra-grupo de idade ($X^2 = 75,98\%$; $gl = 1$; $p = 0,001$). Dos jovens com idade de 18 a 21 anos, 72% queriam emigrar e dentre os de 22 a 25 anos esse percentual ainda foi maior (80%).

Porém, não se pode admitir variação significativa entre os grupos, uma vez que tanto entre os estudantes mais jovens (18 a 21 anos) quanto entre os mais velhos (22 a 25) foi encontrado acentuado e correlato desejo de sair da cidade.

5.4 Partir ou ficar? Discussão em grupo sobre os motivações da migração

“Um querer é esse mundo
do jeito que se quer ter
correndo e falando muito
que é pra muito se ver.

Outro querer é ficar
sem nunca querer de ter
um dia que se mudar
por causa de outro querer.
Tem muito querer debaixo

dos pés desses dois querer
que nem água no riacho
barrada pra não correr”

(Dois Querer. Fagner e Brandão)

Na análise dos grupos focais, foram observados vários pontos interessantes para discussão sobre a realidade em que viviam os jovens entrevistados. Para permanecermos na nossa questão: ficar ou partir?, escolheu-se como categorias básicas as seguintes: “motivos para ficar”, “motivos para partir”. Para que fosse identificado de qual grupo os sujeitos faziam parte e para identificar as falas dos sujeitos dentro de cada grupo, utilizou-se G1 para representar o grupo formado pelos alunos do Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA), G2 para representar o grupo formado pelos alunos da Escola de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor Odorico de Andrade e G3 para representar o grupo da escola de ensino Médio Liceu de Tauá Lili de Feitosa. Para identificar os sujeitos utilizou-se S1, S2, S3... de acordo com a ordem da primeira fala de cada um dentro do grupo.

Na categoria “Motivos para ficar”, foram identificados os fatores que mais se destacaram como importantes para que o jovem prefira permanecer no município apesar das dificuldades enfrentadas. As subcategorias foram: medo do desconhecido, apego ao lugar e medo de deixar a família.

Na categoria “Motivos para partir” os fatores identificados foram: desemprego; subemprego (que foi subdividido em humilhação no trabalho, baixos salários, vontade de ter horário, sonho da carteira assinada); desejo de estudar e influência de quem já partiu.

5.4.1 Motivos que influenciam na decisão de ficar

5.4.1.1 Medo do desconhecido

O medo do desconhecido está relacionado à insegurança causada pela incerteza com relação ao lugar estranho. Esse modo contrapõe-se aos laços afetivos estabelecidos no lugar de origem, quando o jovem tem uma estrutura familiar bem consolidada e que não sabe se encontrará no possível lugar de destino. Observamos isso na fala de dois sujeitos, mesmo que ambos saibam que se não encontrarem formas de se manterem na cidade de origem, como fonte de trabalho e renda e oportunidades de estudo, terão que partir para outro lugar em busca de “melhores condições de vida”.

G3: S6 - Eu particularmente não penso assim. Eu vejo diferente das outras pessoas, porque geralmente as outras pessoas querem sair daqui pra procurar uma vida melhor. Eu não. Eu prefiro ficar aqui. Por quê? É como se fosse um risco, assim como eu posso me dar bem em outra cidade eu posso não me dar. Vou enfrentar dificuldades, muitas vezes sozinha, sem parente e nada e muitas vezes por causa das dificuldades acaba se envolvendo em tráfico. Esse tipo de coisas. Não é o caso de todo mundo, mas muita gente que vai sair de sua cidade trabalhar em algum lugar encontra muitas dificuldades.

No relato dessa jovem verifica-se que há uma análise em relação aos riscos que poderá enfrentar, salientando que a falta de apoio da família, de ter alguém por lá para ajudar pode levar o sujeito ao envolvimento com a marginalidade, mencionado por ela como relação com o tráfico. No relato que se segue, um jovem do sexo masculino expressa o seu medo do desconhecido, através dos questionamentos: Como será lá? Será mais difícil? Ele deixa transparecer o sentimento de insegurança ao mesmo tempo em que relata os motivos da emigração e deixa perceber que, apesar do medo do desconhecido, se prepara para partir caso não surjam oportunidades no município de origem.

G2: S1- Em relação ao que a cidade oferece...mas a questão é por dois motivos, certo? Por questões.. não é por querer sair de perto da família, sair pra outra cidade, mas o que leva é isso! O que leva mais gente é ir em busca do que a cidade não oferece. E a gente sabe que também, se a gente tiver uma oportunidade, apesar de não ser o que a gente quer, mas se existe essa oportunidade o que a gente imagina é o seguinte: como será lá fora? será mais difícil? Será muita a burocracia, será que eu vou ganhar o suficiente pra mim me manter e pagar uma faculdade? Tudo isso é...mexe!

5.4.1.2 Apego ao lugar

O primeiro sujeito citado abaixo expressa seu afeto pela cidade, deixando claro que se houver alguma oportunidade, mesmo que não seja exatamente o que ele deseja, prefere se manter na cidade. Pensa em fazer faculdade e, mesmo não tendo no município o curso que gostaria de fazer, diz que se passar para algum outro curso prefere ficar porque ama a cidade e que não queria partir. Termina sua fala, entretanto dizendo que se nada der certo, vai ter que partir. As falas abaixo têm relação com a imagem de pertinência identificada nos mapas afetivos.

G2: S3 - A mesma questão do (nome de S4). Se surgir uma proposta de emprego que dê pra eu me manter aqui. Até porque aqui... **Eu amo Tauá, eu gosto muito daqui, eu não queria sair daqui.** Claro que se aqui tem faculdade, se eu conseguir passar no vestibular. Não é isso o que eu queria pra mim... mas como todo lugar tem suas dificuldades, né? Dando certo eu arrumar um emprego por aqui, eu quero continuar aqui, porque aqui eu vou estar perto da minha família.

G2: S4 - Até falar de ir embora, de morar fora pra melhorar a vida de gente muita gente quer, mas vamos ver que tem gente que não quer de jeito nenhum ir embora. **Agora eu nasci e me criei nessa cidade e não queria ir embora daqui,** mas às vezes você saindo, você consegue um futuro melhor. Ficando às vezes consegue, às vezes não consegue...

Os relatos acima caracterizam a relação de apego ao lugar, marcada pelo sentimento de pertinência, como foi verificado nos mapas afetivos.

5.4.1.3 Medo de se afastar da família

A família representa o porto seguro, o aconchego. Nestas falas revela-se o medo do desligamento, de ter que se virar em uma cidade grande sem o apoio da família, representado sobretudo pela figura da mãe, que gera, nutre e protege. São citados o apoio e aceitação que o jovem sabe que não encontrará no lugar de destino.

G1:S2 - Pois eu vejo assim: acho que se minha mãe fosse comigo eu não ia lembrar daqui, não. Mas como a minha mãe vai ficar, tem dia que eu já choro, já de agora. Eu sei que vai ser difícil... mas eu vou.

G1: S4 - Eu nunca saí daqui, mas se eu fosse eu ia sentir muita falta da minha família, porque é muito bom tá com a família, mas nunca tem o que a gente quer na família, a gente tem que procurar melhoras na vida da gente.

G1:S1 - Tem dias que eu sinto muita falta da minha mãe, que eu sou muito apegada a ela. Ela é muito minha amiga, mas eu só to aqui ainda porque eu tenho um esposo e tenho um filho de 4 anos, aí eu também não posso ir, mas eu vou concluir o segundo grau e aí no próximo ano eu vou, com meu esposo e o meu filho.

G1: S3 - Eu sinto saudade da mãe. Tem dias que eu tô com saudade de lá, mas eu sei que quando eu chego lá eu fico com saudade daqui, fico lembrando...

Ao emigrar se estabelecem várias rupturas afetivas, como com o lugar, a família, amigos, hábitos e costumes locais. Tudo isso gera uma instabilidade e muitas vezes apenas pensar nessas rupturas gera uma desestabilização e estresse.

5.4.2 Motivos que influenciam a decisão de partir

Aqui foram encontradas algumas razões que influenciariam para que o jovem optasse pela emigração. Foram estipuladas categorias principais: o desemprego; o subemprego; o desejo de fazer faculdade e o incentivo de quem já foi.

5.4.2.1 Desemprego

A falta de emprego foi bastante citada, apesar de depois com o aprofundamento das discussões do grupo ter perdido um pouco a força de sua importância para a categoria subemprego. Porém fica marcado o desejo de conseguir emprego, com carteira assinada e que lhes proporcione todos os direitos trabalhistas estipulados por lei.

G3: S1- Eu acho que é pela falta de emprego, assim...Porque não tem, a cidade não é desenvolvida e com isso a pessoa migra para outras cidades, cidade melhor que tem emprego, emprego melhor, e também pra estudar, as pessoas saem pra cidade melhor, pra cidade onde tem o ensino mais elevado.

G1: S1 - Eu acho assim, que a maioria prefere sair porque a falta de emprego aqui é muito grande, no Brasil inteiro a falta de emprego é grande, mas eu acho que aqui a dificuldade é maior, então quando a gente completa assim uma idade de 18 anos, a gente tem vontade de trabalhar de ter vida própria, de ganhar seu próprio dinheiro, então tem que sair pra melhorar de vida. Acho que por isso muitos pensam em sair e vão.

G1: S3 - Eu já eu acho do mesmo jeito que ela falou aqui, é por causa da falta de emprego. Eu mesmo já fui, com 18 anos eu fui pra São Paulo. Aqui o cara fica aqui e emprego aqui é difícil demais. A gente quer brincar e tal, tem que gastar dinheiro todo final de semana e dinheiro aqui é muito pouco, corre muito pouco. Aí lá eu morei mais de um ano, um ano e pouco e depois vim embora. Depois fui embora pra Fortaleza de novo. Mas se eu tivesse emprego aqui, não saía daqui não. Ficava aqui em Tauá mesmo. Eu gosto daqui, mas o motivo é só esse mesmo: desemprego.

G2: S4 - Eu sou de acordo assim, sabe? Se eu não encontrar um emprego que dê pra eu se manter, eu tenho que sair. Não tendo um emprego pra se manter, eu vou ter que sair pra outro lugar, atrás de um emprego melhor.

5.4.2.2 Subemprego

A categoria subemprego surgiu a partir do aprofundamento das discussões dos grupos focais, quando foi mostrado a eles que apesar de nos relatos falarem que a principal causa da emigração era a falta de emprego, 78% deles haviam respondido nos questionários que exerciam atividades remuneradas. Foi solicitado, desta forma, que eles esclarecessem melhor esse fato, assim, foram relatadas as difíceis condições de trabalho às quais os jovens se encontram submetidos no município. Essa categoria foi subdividida em: humilhação no trabalho; baixos salários; vontade de ter horário; o sonho da carteira assinada; a ameaça do desemprego.

a) Humilhação no trabalho

A humilhação no trabalho surgiu em vários momentos e de várias formas. Nas outras subcategorias que serão apresentadas na categoria subemprego encontra-se a marca da humilhação, porém preferiu-se subdividir por uma questão de clareza. Nas falas apresentadas a seguir, encontra-se a humilhação no trabalho, como desvalorização do sujeito, encontram-se as marcas do sofrimento ético-político, em que o outro, nesse caso o patrão trata o jovem como inferior, subalterno, sem valor.

G3: S2 - Tenho que trabalhar, quando chega no final do dia é humilhado, no final do mês é humilhado e no final do mês ganha pouco.

G1:S7 - Eu trabalho em casa de família. A gente trabalha muito, muitas vezes é maltratado e ganha muito pouco. É humilhado, porque existe muita humilhação em quem trabalha em casa de família e é o emprego que tem mais aqui em Tauá.

G1:S4 - Eu já trabalhei em uma casa que o filho da minha patroa me bateu. Eu não fiz nada. A minha mãe também não fez nada. Mas não é por que ele era filho da minha patroa que ele tinha que me bater, né? Mas é a vida...

G3:S1 - Nem durmo direito. A gente não pode exigir nada. Diz ele que tem 40, 50 pessoas atrás da vaga da gente. Por isso, não tem...não tem emprego, por isso que a pessoas tem de aceitar.

b) Baixos salários

Percebe-se nesta subcategoria a marca do sofrimento ético-político, encontra-se a humilhação do trabalhador, através da desvalorização do seu trabalho, com baixos salários e o desrespeito às leis trabalhistas.

G1:S1 - Aqui o pessoal desvaloriza muito quem trabalha em casa de família, nunca vi ninguém falar que ganhasse mais de cem reais.

G2:S4 - Aqui se você ganha cento e cinquenta, você morre de trabalhar, tem que trabalhar o dia inteiro e até a noite.

G3: S2 - Eu, na oficina e ganhava 40 por semana, trabalhava das seis horas...trabalhava das seis às quatro horas. Aí final de semana passava, depois o patrão queria que eu trabalhasse sete horas, aí eu comecei a trabalhar até seis horas e ele queria que eu trabalhasse mais. Só pra ganhar 40 por semana? Só o aluguel da casa eu pagava 40!

c) Vontade de ter horário

Observa-se a exploração do trabalhador e, ao mesmo tempo, uma resignação do jovem que se submete à exploração. Nestes casos a emigração poderia ser vista como algo potencializador, como decisão de mudar a sua condição de explorado.

G3:S5 - Eu tenho vontade de ter horário. Final de semana, eu trabalho dia e noite. Final de semana, eu trabalho dia e noite!

G3:S1- Olhe, eu, de segunda a sábado, eu trabalho... eu entro de 5:30 e saio 5:30 da tarde. De 5:30 da manhã às 5:30 da tarde. E no sábado entro 5:30 e saio 8 ou 9 horas da noite.

G3:S5 - Eu trabalho em um salão. Salão de cabeleireira. Eu só tenho horário de chegada, de saída eu não tenho. Eu já cheguei a sair 11h da noite. De 7 da manhã a 11 horas da noite!

G3:S1- Eu, meu horário de comer, eu não tenho, não. Horário normal de merendar, eu mesmo merendo é 2 horas da tarde. Almoço, eu não tenho, só faço jantar porque trabalho demais, não tem almoço na lanchonete em que eu trabalho. Não sei nem como é que eu tô resistindo, trabalho às vezes o dia todinho às vezes sem nem comer, nem beber.

G3:S2- Eu trabalhava numa fábrica de ração no interior e eu trabalhava a maioria das vezes à noite. Porque tinha que trabalhar fazendo as rações e entregar pronto no outro dia. Sempre que quando eu voltava do colégio, chagava em casa meia noite e meia, uma hora. Ia em casa comer alguma coisa e trocava de roupa e ia pra fábrica. Eu e meu irmão passava lá trabalhando às vezes até três horas da manhã aí dormia um pouco e oito horas da manhã, sete horas ia lá pra terminar, ensacar, fazer toda a preparação, emplastificar todos e fazer as entregas, quando fosse à tarde, lá pra 4 horas tinha que tá em casa tomar banho e pegar o transporte para vir, pra vir pra cá.

d) O sonho da carteira assinada

O desrespeito às leis trabalhistas no município é um fator que influencia a vontade do jovem de procurar outro lugar, onde tenha grandes empresas que ofereçam aos trabalhadores direitos básicos como carga horária de 8 horas diárias, salário de acordo com o mínimo estipulado para todos os trabalhadores, vale-transporte, etc. Todos estes direitos, com os quais eles não estão contando na sua atual situação, podem ser resumidos no sonho do trabalho com carteira assinada, pois ela representa a imagem de ter seus direitos assegurados. Nos relatos que seguem, pode-se verificar a situação de exploração no município e fica também marcada a intenção de emigrar em busca de oportunidades de conseguir a tão almejada “carteira assinada”.

G2:S1- Por isso que é difícil a gente ficar por aqui, a oportunidade de emprego aqui é pouco, a gente quer sair, quer melhorar o emprego e trabalhar em um lugar que assine a carteira da gente, que cumpra as leis como as leis são. Aí é bom! A gente se satisfaz, a gente trabalhando num lugar desses.

G3:S2 - Aqui se você chegar pra um gerente de uma loja e pedir pra assinar a carteira, o gerente manda logo você embora. Você tá logo é pedindo sua demissão!

G2: S1 - Aqui nessas lojas só quem trabalha mesmo com carteira assinada é quem trabalha na (nome de empresa), na (nome de empresa), no (nome de empresa). Nessas outras lojas só o que você ganha mesmo por mês, 70 reais... 80... Depende de você também vender.

G2:S2 - Mas ainda tem uns que trabalham de carteira assinada e não ganham o salário mínimo. A carteira é assinada com um salário mínimo, mas ganha um valor menor ainda.

G1: S1 - Em cidades maiores tem mais oportunidade de emprego, o emprego é com bom salário, com carteira assinada e aqui não. É difícil ter assim emprego com carteira assinada. Assinam a carteira, mas você não ganha aquele salário.

G3: S4 - Foi por esse motivo que eu não aceitei assinarem minha carteira de trabalho. Ficar com minha carteira assinada e ganhando outro valor? Não, não aceitei!

Observa-se a exploração no trabalho e, por causa disso a avaliação negativa que os jovens fazem da cidade, levando-os a desejarem ir para outra cidade em busca de mais oportunidades e respeito. A crença de que na cidade grande as condições são melhores é expressa na fala do G1:S1, apresentada acima.

5.4.2.3 O desejo de estudar

Estudar, fazer uma faculdade faz parte dos sonhos dos jovens entrevistados. Nos três grupos focais, os jovens fizeram referência a estudar como uma das formas de “mudar de vida”, de sair da sua condição de excluído e explorado. Nesse desejo, há uma potência de ação, que vai em busca de agir e transformar a realidade. É colocado no relato dos jovens que um dos fatores que estimulam o deslocamento para outras regiões é o fato de que no município de Tauá existem apenas três cursos para quem deseja fazer uma Universidade. Os três estão relacionados ao ensino, sendo eles: Química, Biologia e Pedagogia.

G1:S2 - Exatamente. Muita gente quer se deslocar daqui porque a faculdade não tem aqui tanta faculdade que tanta gente quer. E aí afora tem muito tipo de faculdade e aqui em Tauá não tem, mas aí os jovens vão mais é colocar na cabeça: ah eu vou sair, vou me embora pra Fortaleza, pra São Paulo, de lá vou trabalhar e vou fazer uma faculdade melhor.

G2:S1 - Com relação a faculdade lá fora, é...seria interessante se tivessem outros cursos aqui, porque aí isso também já ia fazer com que os jovens já não mais tentassem ir embora, nesse caso, pra tentar uma faculdade. Como o que tem aqui é química, biologia e pedagogia a maioria não quer.

G2:S2 - Acho que é isso, a falta de oportunidade pra quem tá querendo chegar mais além, porque muitas vezes ele vai fazer um curso, mas não é o que ele está querendo, ser professor, quando chega no final é aprovado, mas não é o que ele queria.

G1:S2 – Eu vou terminar o segundo grau aqui e no próximo ano eu vou pra Fortaleza, morar com a minha mãe e minha vontade é essa também, de concluir uma faculdade.

Observa-se que os jovens que preferem continuar morando no município ficam com poucas oportunidades, tendo que se sujeitar ao que é ofertado na cidade, seguindo muitas vezes uma profissão pela qual não optariam se tivessem chance de escolha.

G2: S1 - Eu vou fazer química. Tô tentando. Se passar no vestibular, vou cursar. Não é meu sonho fazer química, mas é a opção que nós temos aqui, ao nosso alcance e eu passando, talvez eu consiga um emprego aqui que dê pelo menos pra mim me manter até eu terminar o curso. Aí, tem gente que como não se enquadra em nenhuma dessas áreas dos cursos, aí vai embora e você tenta em outro local, mas muitas vezes acontecem os imprevistos e você nem consegue, né? Por isso que eu vou tentar me destacar, não era o que eu queria, mas pode ser que isso futuramente possa me trazer vários benefícios.

G2: S2- Eu fiz química, porque no caso só tinha química e biologia, pedagogia já tava lotada. Eu não queria fazer faculdade pra professor. Fiz pra química, mas eu mesma disse pra minha mãe: eu botei química, mas é difícil eu conseguir passar na primeira fase, vou tentar...se passar continuo. Não gosto da matéria, mas vou tentar assim mesmo.

Um fator relevante é que os estudantes fazem uma estreita relação entre trabalhar e estudar. Trabalhar para poder cursar uma faculdade, trabalhar para pagar uma faculdade, enfim, não foi observado em nenhum depoimento uma expectativa com a universidade pública. Isso mostra o quanto o acesso a esta está afastada do imaginário desses jovens. Este fator é consequência das seleções cruéis, que têm excluído cada vez mais os jovens provenientes das escolas públicas e do surgimento de diversas faculdades particulares, que podem ser pagas a um menor valor que a maioria, apesar de ser um investimento ainda caro para estes jovens, principalmente com os baixos salários aos quais estão sujeitos no município. Mesmo quando falam em estudar fora, vem a idéia de sair para conseguir um trabalho que lhes proporcione pagar uma faculdade e se manterem.

G1: S2 - Eu quero ir pra São Paulo. Uma que eu já vou, no ano que vem eu já vou, se Deus quiser, mas quando eu chegar lá eu quero...eu vou com o meu pensamento assim: chegar lá trabalhar, uns dois, mais ou menos um ano ou dois anos se for preciso, pra mim concluir uma faculdade. Que é o meu sonho é concluir uma faculdade. Não vai ser logo de início, mas quando eu chegar lá vou logo trabalhar pra mim concluir uma faculdade.

G1: S4 - Ah, eu penso em ir pra São Paulo, pra mim arrumar emprego melhor, vê se eu faço uma faculdade porque aqui, não arruma trabalho que dê pra fazer uma faculdade, o problema é minha mãe deixar, minha mãe não quer.

G3: S2 - Acho que também o desenvolvimento. Aqui em Tauá se você vive, nasce, cresce, morre aqui você não conheceu nada, não aprendeu nada!

5.4.2.4 A influência de quem já partiu

Esta etapa caracteriza-se pela importância que tem a influência de quem já partiu para o jovem no momento em que se encontra no processo da tomada de decisão entre o ficar e o partir. Saber de história de pessoas que se deslocaram para as grandes cidades e conseguiram trabalho, renda e um certo status, enfim alcançaram seus objetivos, estimula para que haja novas emigrações. Pode-se verificar isso no relato dos jovens apresentados abaixo.

G3:S2 - Meu irmão foi pra São Paulo trabalhar lá. Lá ele chegou e começou a trabalhar de... fazendo entrega de pão, ganhava 450, só fazendo entrega no horário comum e tudo. Com dois meses que ele tava lá passou a trabalhar na (nome de empresa) e tá ganhando 800 reais. E agora ta com 7 meses que ele ta lá, com dois meses, quase três meses ele já tá ganhando 800 reais. Aí optar por ta aqui, não. Por isso que eu também pretendo ir, pretendo não, já era pra mim ta lá, sabe? Eu ainda não fui porque eu não consegui o apoio do diretor, não consegui o apoio do diretor não deu pra mim viajar, mas se eu passar por média, no dia 2 eu viajo! Já tô com emprego, casa certa, é só viajar.

G2:S1- Eu tenho um primo que saiu daqui, trabalhava de pedreiro. Ele saiu daqui, foi vender com meu tio numa firma. Aí ele saiu. Fez um curso de cabeleireiro, tá num salão lá que é bem frequentado e agora, até agora ele já conseguiu levantar uma casa de primeiro andar e comprou dois carros, já com o dinheiro!

Acreditar ser possível se dar bem na cidade grande impulsiona a emigração, pois o jovem se desloca não somente porque a sua cidade de origem não lhe oferece condições de crescimento e satisfação pessoal, mas por acreditar que em um outro lugar, na outra cidade ele poderá alcançar o que almeja e nesse processo a história de vitória do outro tem grande importância.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Emigrar é uma decisão importante que envolve vários aspectos da vida do indivíduo. Esta decisão é permeada pelos afetos, pois ao afastar-se de seu lugar de origem, afasta-se também de pessoas queridas, de seu modo de vida, de sua cultura. Entretanto, as condições de exclusão e as dificuldades para alcançar algumas metas e realizar sonhos na cidade de origem têm levado, ao longo da história do país, milhares de nordestinos a se deslocarem para os grandes centros urbanos, o que tem contribuído para o inchaço das cidades que hoje se encontram com dificuldades para oferecer a seus moradores condições adequadas de moradia. Encontra-se nas grandes cidades um cenário marcado por um grande número de indigentes, pela poluição ambiental, violência e pelo estresse gerado pelo modo de vida urbano.

Nesses caminhos de migração, sobretudo a de nordestinos, a seca tem sido acusada como a grande responsável pelos deslocamentos. Observa-se, porém, que o fator que levou aos deslocamentos em massa, mesmo nos períodos de grande estiagem, foi a situação de vulnerabilidade à qual as populações sertanejas se encontravam e se encontram expostas.

Hoje, os jovens do semi-árido se afastam cada vez mais do trabalho agrícola, para não ter em sua história de vida a repetição das dificuldades pelas quais passaram seus familiares. O desejo de estudar e de ter um trabalho que lhes garanta renda fixa e os direitos trabalhistas assegurados alimenta a possibilidade de ficar cada vez mais longe das condições de vulnerabilidade do pequeno agricultor.

Verifica-se, porém, que os jovens enfrentam outras dificuldades geradas pela falta de oportunidades na cidade de origem que, se forem somadas aos sonhos e projetos de vida que são característicos da juventude, fazem com que a emigração acabe por se apresentar como algo quase necessário. Identificam-se nesta pesquisa emigrantes em potencial, diferentes do sertanejo que, por causa de sua vulnerabilidade à seca, perde sua lavoura e tem que ir a procura de nova fonte de renda. Emigrantes em potencial porque ainda não saíram, mas estão na iminência de ir à busca de novos caminhos, novos lugares.

A decisão de partir não é algo fácil para o jovem, pois há uma relação de apego à cidade, apontada através da estima dos jovens em relação à sua comunidade. Observou-se que a estima do grupo estudado é mais positiva do que negativa, destacada pelo sentimento de pertencimento, o que pode dificultar a adaptação em outro local, gerando sofrimento. O apego à

família também é outro fator que interfere na decisão de partir e a separação pode também gerar um desequilíbrio emocional e sofrimento.

O que fica claro na pesquisa é que a emigração é estimulada não apenas pelo desemprego, mas pela falta de oportunidades de estudo e a desvalorização do sujeito enquanto trabalhador. A exploração e humilhação são gritantes e podem ser expressão do sofrimento ético-político.

Neste caso a emigração pode, por vezes, ser vista como uma potência de ação, quando o sujeito procura uma transformação da condição de explorado à qual está submetido. Entretanto, pode ser vista como potência de padecer quando a emigração é feita sem uma intenção transformadora, ou seja, quando o sujeito é simplesmente levado pela ação do fluxo migratório já existente.

Foi identificada na pesquisa uma valorização do processo de industrialização, como a solução para o problema de desemprego e subemprego no município. Há um desejo de ter acesso ao modo de vida urbano, de ir à busca de tipos de trabalho que os jovens não encontram na cidade de origem, como em indústrias, por exemplo, mas também é identificada a insegurança com relação à competitividade na cidade grande. Há uma preocupação com a formação para poder conseguir um bom emprego. Entretanto, a educação ofertada pelo município não é satisfatória, na medida em que há poucos cursos universitários, o que não satisfaz as expectativas dos jovens, influenciando, portanto, o processo de decisão de partir.

O desrespeito aos direitos trabalhistas, assim como as poucas possibilidades de emprego marcam a dialética da exclusão/inclusão. Os jovens estão inseridos no mercado de trabalho, mas de forma perversa, através da exploração de mão-de-obra. Negam-lhes salários dignos, submetendo-os muitas vezes a jornadas de trabalho extenuantes e a humilhações, através da desqualificação, marcando o sofrimento ético-político, pois este é gerado pelas condições de exploração, onde o olhar do outro diz que há uma diferença de valores enquanto seres humanos. A negação dos direitos fica caracterizada pela negação do direito à carteira assinada, que lhes garanta os direitos trabalhistas assegurados, e que tem um valor simbólico de reconhecimento enquanto trabalhador.

Devido aos fatores que foram apresentados acima, há hoje um grande número de jovens que se preparam para emigrar para os centros urbanos. Com isso, o inchaço das cidades e a violência que já está chegando a níveis quase insuportáveis, continuam crescentes. Entretanto, compreende-se que é um direito do cidadão ir a procura de melhores oportunidades de crescimento pessoal, de trabalho e de melhores oportunidades de estudo. O que fazer então?

É necessário que os governantes estejam atentos às necessidades dos jovens do sertão semi-árido, não apenas às necessidades básicas de sobrevivência, mas aos sonhos e anseios da juventude. É preciso que haja, além de escolas e de um ensino de qualidade, formação técnica para que os jovens tenham condições de ingressar no mercado de trabalho.

Com relação ao trabalho, não basta apenas empregar (lembremos que 78% dos jovens entrevistados disseram ter trabalho remunerado, entretanto 75% pensam em emigrar), é necessário que haja uma fiscalização das empresas para que os direitos dos trabalhadores sejam respeitados. O município precisa fornecer subsídios para o crescimento de vagas no mercado de trabalho interno. E é preciso que haja um trabalho de educação com os empresários e empregadores sobre o respeito aos direitos dos trabalhadores.

Como o município de Tauá tem ainda como principal fonte de renda a agricultura, é necessário que os seus dirigentes estejam atentos ao abandono do trabalho agrícola por parte da juventude e se prepare para receber o número de jovens que estão vindo das comunidades rurais para a sede em busca de educação e trabalho. É necessário também que a cidade possibilite bem-estar através de uma melhor infra-estrutura que garanta uma melhor qualidade de vida, pois como foi verificado na pesquisa o índice de agradabilidade no município é baixo, o que destaca a carência da população quanto a equipamentos de lazer e de socialização.

Uma alternativa seria a elaboração de planos a partir da participação popular, onde os jovens possam falar sobre seus anseios e necessidades, onde a população possa refletir sobre a sua condição de vulnerabilidade e sobre os problemas que enfrenta no seu cotidiano. É necessário que se dê importância ao que as pessoas têm a dizer sobre sua realidade.

Observam-se pontos interessantes para novos estudos, afinal fazer pesquisa é ir em busca de novas questões e não de verdades. Indica-se um aprofundamento sobre a importância da agricultura familiar como possibilidade de trabalho e renda para os jovens sobre a possibilidade de implementação do sistema educacional oferecido pelo município, escutando-se os jovens, indo em busca de sugestões de cursos de seu interesse. Em outras palavras, é necessário criar condições sustentáveis de vida para a juventude para que os laços de convivência comunitária, já conquistados, possam ser ampliados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, F. J B; CIRINO, C. da S. **Percepção de riscos e vulnerabilidade social.** disponível em < <http://www.ufpb.br/>>. Acesso em: 08 dez. 2003.

ALBUQUERQUE, F. J B. Psicologia Social e Formas de Vida Rural no Brasil. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.18, p. 37- 42, jan./ abr. 2002.

ALMEIDA, L. S; FREIRE, T. **Metodologia da investigação em psicologia e educação.** Coimbra: APPORT, 1997.

ANDRADE, C. C.J; RIELLI. M. E. **Emoções: dimensão diferencial para a transformação das organizações.** Disponível em<http://www.bioenergetica.com.br/artspubl/emocoes_ercilia.htm />. Acesso em: 05 maio. 2004.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1991.

BERTHOUD, C. M. E. “Grupos focais” como método qualitativo de pesquisa em Psicologia: desafios e perspectivas no ensino e na utilização do método. **Psicologia Revista.** São Paulo. v.13, n. 1, p. 41-58. maio, 2004.

BEZERRA, N. F. **Fragmentando o território:** bases para o desenvolvimento do semi-árido do Ceará. Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer, 2004.

BOCK, A. M. M; GONÇALVES, M. G. M; FURTADO, O. **Psicologia Sócio- histórica.** São Paulo: Cortez, 2001.

BOMFIM, Z. A.C. **Cidade e afetividade:** estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e São Paulo. 2003. 228f. Tese (Doutorado em Psicologia Social): Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

CEPAL (Comissão Econômica para América Latina y el Caribe), Pobreza y Vulnerabilidad Social In: **Panorama Social de América Latina 1999-2000.** Cap I, p. 49-57. 2000.

CEARÁ: Governo do Estado/ UFC/ Universidade do Arizona. **Workshop Internacional .** Mudanças tecnológicas e desenvolvimento rural no Ceará: uma perspectiva de vinte e cinco anos. Fortaleza: Casa de José de Alencar.2000

CHAUÍ, M de S. **Paixão, ação e liberdade em Espinosa**. Disponível em <http://geocities.yahoo.com.br/guaikuru0003/chau_i_passio.html>. Acesso em: 20 jun.2004.

CORRALIZA, J. A. Emoción e ambiente. In ARAGONÉS, J. I; AMÉRIGO, M. **Psicologia Ambiental**. Madrid: Ediciones Pirâmides. 1998.

COSTA, L, M, C. **O programa nacional de alimentação escolar (PNAE) na perspectiva dos usuários: um estudo de caso**. 2004. 108f. Dissertação (Programa de pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente - PRODEMA): Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

DAMÁSIO, A. **Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos**: São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

ESPINOZA, B de. **Ética demonstrada a maneira dos geômetras**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

ESTRAMIANA, L. A. **Psicologia Social: perspectivas teóricas y metodológicas**. Madrid: Siglo XXI, 1995.

ÉVORA, I. M. A. **(Des) atando nós, (re) fazendo laços: aspectos psicossociais da migração feminina caboverdiana na Itália**. 2002. 298f. Tese (Doutorado em Psicologia): Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. USP. São Paulo, 2002.

FERREIRA, K. P.M; PEREIRA, M. F., MAYORGA, M. I. de O. A participação popular na elaboração de planos estratégicos de convívio com a seca: o caso de três municípios do Ceará. CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA E ECONOMIA RURAL, XLI. Juiz de Fora. **Anais**. Brasília, SOBER, 2003, p.1-13.

FERREIRA, K. P.M. **A Afetividade de Jovens da Comunidade de Lustal –Tauá-CE: entre o ficar e o partir**. 2003, 60 f. Monografia (Graduação em Psicologia): Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.

FIGUEIREDO, L.C . **Matrizes do pensamento psicológico**. Petrópolis: Vozes, 1991. FUNDAÇÃO Instituto de pesquisa e informação do Ceará- IPLANCE. Disponível em <<http://www.iplance.ce.gov.br>> . Acesso em: 08 mar. 2004.

GASTELO, P. **Crescimento urbano e reforma agrária**. Disponível em <<http://www.cepac-ce.com.br/>>. Acesso em: 21 nov. 2003.

GIULIANI, M. V. O lugar do apego nas relações pessoas-ambientes. In BERNARD, Y. **Psicologia e Ambiente**. São Paulo: EDUC, 2004.

HOLANDA, F. J. C. **Evolução das emigrações cearenses no período de 1991 a 2003**. 2005. 65f. Dissertação (Mestrado em Economia Rural): Centro de Ciências Agrárias. Departamento de Economia Agrícola. UFC. Fortaleza, 2005.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Censo demográfico 2000**. Rio de Janeiro:IBGE, 2002.

KUDE, V. M. M. Como se faz análise de dados na pesquisa qualitativa em Psicologia. **Psico**. Porto Alegre, v. 28, n. 2, 183-202. jul/ dez. 1997.

KUHNEN, A. **Lagoa da Conceição**: meio ambiente e modos de vida em transformação. Florianópolis: Cidade futura, 2002.

LANE, S. T. M. Avanços da Psicologia Social na América Latina. In LANE; SAWAIA (org). **Novas Veredas da Psicologia Social**, São Paulo: Brasiliense/EDUC, 1995a.

LANE, S. T. M. A mediação emocional na constituição do psiquismo humano. In LANE; SAWAIA (org). **Novas Veredas da Psicologia Social**, São Paulo: Brasiliense/ EDUC, 1995b.

LEAL, C. **Sensibilizando o educar**, São Luis: Fhênix, 2000.

LIMA, M; MAYORGA, F. D, O; MAYORGA, M. I. O. Os determinantes do processo de migração entre jovens de 15 a 21 anos- um estudo de caso. In: XLI CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 2003, Juiz de Fora-MG. Exportações, Segurança Alimentar e Instabilidade dos Mercados. **Anais**, Brasília-DF: SOBER, 2003., p. 1-11.

LYNCH, K. **La imagen de la ciudad**. Barcelona: Editorial Gustavo Gil, 1998.

MAYORGA, F. D. O. **Capital social, capital físico e a vulnerabilidade do homem do campo**: um estudo de caso no município de Tauá, Ceará. 2002. 116 f. Dissertação (Mestrado em Economia Rural): Centro de Ciências Agrárias. Departamento de Economia Agrícola. UFC. Fortaleza, 2002.

MORAIS, V. L. de. **Razões e destinos da migração: trabalhadores e emigrantes cearenses pelo Brasil no final do século XIX.** 2003. 202f. Dissertação. (Mestrado em História Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

MOSER, G. Psicologia Ambiental. **Estudos de Psicologia.** Natal. v. 3, n. 1, 121-130, 1998.

NEUBERN M. da S. O reconhecimento das emoções no cenário da Psicologia: implicações epistemológicas e reflexões críticas. **Psicologia ciência e profissão.** v. 21, n. 2, p. 62- 73, 2001.

PAULA, S G. de ; BENJAMIN C. Q. “... e o sertão de todo se impropriou à vida...” um estudo sobre a fome e a seca no Nordeste. Petrópolis: Vozes, 1986.

POL, E. La Apropriación del Espacio. IN: **Cognición, representación y Apropriación del Espacio.** Barcelona: Monografies Sócio/ambientais. 1998.

PRADO JR, C. **História econômica do Brasil,** São Paulo: Brasiliense, 1994.

RODRÍGUEZ, A. C. **Vida urbana e experiência social: variedad, cohesión y médio ambiente.** Disponível em < <http://habitat.aq.upm.es/boletin/n15/ajcor.html>>. Acesso em: 05 maio. 2004.

SANTOS B de S. **Pela mão de Alice: O social e o político na pós-modernidade.** São Paulo: Cortez, 1995.

SAWAIA, B. B. O sofrimento ético- político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In: SAWAIA B. B.(org). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social.** Petrópolis: Vozes, 1999, p. 97-118.

SAWAIA, B. B. **Porque investigo a afetividade.** Texto apresentado para concurso de promoção na carreira para a categoria de professor titular de Departamento de Sociologia da PUCSP. São Paulo: PUC, 2000.

SAWAIA, B. B. Dimensão ético- afetiva do adoecer da classe trabalhadora. In: LANE, S. T. M; SAWAIA. B. B. **Novas veredas da Psicologia Social.** São Paulo: Brasiliense, 1995a.

SAWAIA, Bader B. O calor do lugar- segregação urbana e identidade. **São Paulo em Perspectiva.** São Paulo, v.9, n. 2, abr./ jun. 1995b.

SILVA, Maria Aparecida de M. **A luta pela terra: experiência e memória.** São Paulo: UNESP, 2004.

SENNET, R. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade.** São Paulo: Companhia das letras, 1988

SIMMEL G. A metrópole e a vida mental. In VELHO, O. **O fenômeno urbano.** Rio de Janeiro: Zahar editores, 1979.

TONIATTI, M. F. **Migrações rurais e urbanas no estado do Ceará: suas causas.** 1978. 200f. Dissertação (Mestrado em Economia Rural): Centro de Ciências Agrárias. Departamento de Economia Agrícola. UFC. Fortaleza, 1978.

VÉRAS, M. Exclusão social: um problema brasileiro de 500 anos. In SAWAIA, B. (org). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social.** Petrópolis: Vozes, 1999.

VÉRAS, M. A nov(a) (c)idade do gelo: notas perplexas sobre os novos nômades urbanos. **São Paulo em Perspectiva.** v. 9, n. 2, p. 10 - 18, abr./ jun , 1995.

VIEIRA, R. O de C. **Estrutura agrária, fluxo migratório e a formação de favela no estado do Ceará: um estudo de caso na cidade de Fortaleza.** 1992, 149f. Dissertação (Mestrado em Economia Rural): Centro de Ciências Agrárias. Departamento de Economia Agrícola. UFC. Fortaleza, 1992.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1998

VIGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.

VILLA, Marco A. **Vida e Morte no Sertão: história das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX.** São Paulo: Ática, 2000.

WANDERLEY, M. B. Refletindo sobre o conceito de exclusão. In SAWAIA. B. (org)- **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social.** Petrópolis: Vozes, 1999.

ANEXOS



Universidade Federal do Ceará
Comitê de Ética em Pesquisa

Of. N° 238/05

Fortaleza, 29 de abril de 2005

Protocolo COMEPE n° 101/05

Pesquisador responsável: Karla Patrícia Martins Ferreira

Dept°./Serviço: Departamento de Psicologia- UFC

Título do Projeto: "A emigração no semi-árido: um estudo a partir da efetividade de jovens de Tauá-CE"

Levamos ao conhecimento de V.S^a. que o Comitê de Ética em Pesquisa e do Complexo Hospitalar da Universidade Federal do Ceará – COMEPE, dentro das normas que regulamentam a pesquisa em seres humanos, do Conselho Nacional de Saúde – Ministério da Saúde, Resolução nº196 de 10 de outubro de 1996 e complementares, aprovou o projeto supracitado na reunião do dia 28 de abril de 2005.

Outrossim, informamos, que o pesquisador deverá se comprometer a enviar o relatório parcial e final do referido projeto.

Atenciosamente,

Prof. Dr. Fernando A. Frota Bezerra
Coordenador Adjunto do Comitê
de Ética em Pesquisa
COMEPE/HUWC/UFC

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Estou realizando uma pesquisa intitulada “**Ficar ou partir? Afetividade e migração de jovens do semi-árido cearense**”, cujo objetivo principal é investigar a emigração no sertão semi-árido através da afetividade (sentimentos e emoções) de jovens do município de Tauá. Esse estudo não causará nenhum perigo à saúde física ou mental dos entrevistados e poderá ser útil para a psicologia ambiental e social comunitária, contribuir com uma nova compreensão do processo migratório de jovens do semi-árido, pelo fato de focar o seu aspecto afetivo e fornecendo dados que possam ajudar na elaboração de políticas públicas voltadas para a questão da emigração juvenil no município de Tauá-CE.

A coleta de dados será realizada, em local reservado, através da aplicação de questionários e realização de grupos de discussão sobre o tema emigração. Havendo a autorização do grupo entrevistado, as discussões serão gravadas, como forma de registro das informações. As respostas dos questionários e as informações dos grupos de discussão serão utilizadas somente para pesquisa, sendo garantido o sigilo quanto à identidade do entrevistado.

É garantido o acesso, em qualquer momento, às informações sobre procedimentos e benefícios relacionados à pesquisa, inclusive para esclarecer possíveis dúvidas, assim como para retirar a sua autorização e a qualquer momento deixar de participar da pesquisa, sem que isso traga prejuízos às suas atividades escolares.

Em caso de dúvida você poderá se comunicar com a pesquisadora Karla Patrícia Martins Ferreira, através do endereço eletrônico karlamartins1@yahoo.com, telefone (85) 9954 3366 ou através da Coordenação do Mestrado Acadêmico em Psicologia da Universidade Federal do Ceará - UFC, situado na Avenida da Universidade, 2683, CEP: 60.020-180, telefone: (85) 4009.7661 ou (85) 4009.7651.

O Comitê de Ética em Pesquisa da UFC encontra-se disponível para reclamações em relação à pesquisa pelo telefone (85) 4009.8338.

Com essas informações, gostaria de saber da sua aceitação em participar da pesquisa .

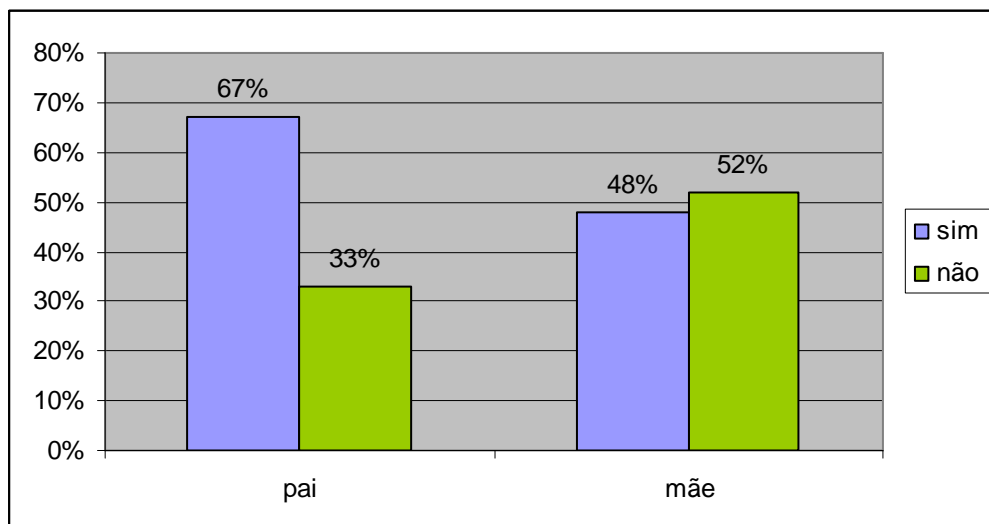
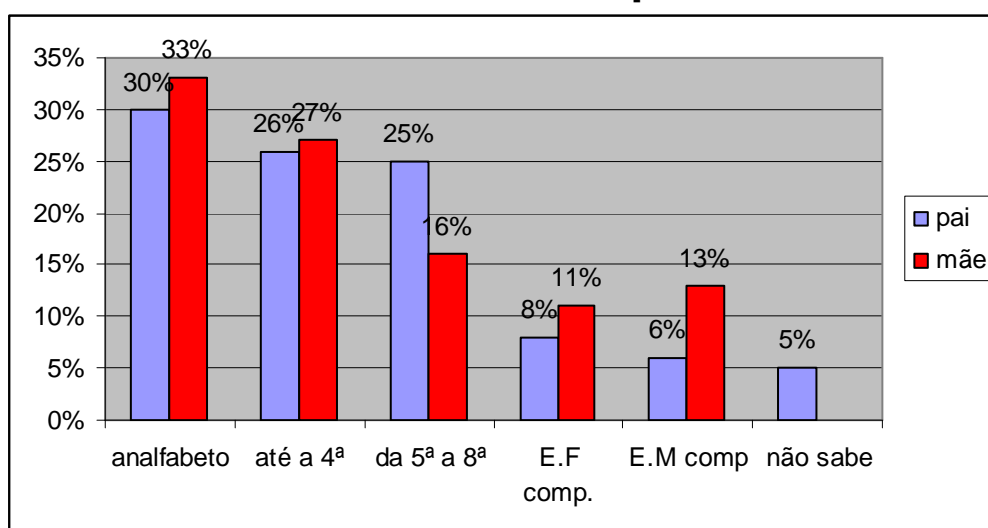
Consentimento pós- esclarecido:

Declaro que, após as explicações da pesquisadora e por ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar, de livre e espontânea vontade, da pesquisa apresentada.

Tauá, _____ de _____ de _____

Assinatura do sujeito da pesquisa

Assinatura da pesquisadora
Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará

Gráfico 1: Índice de pais que exercem atividade agrícola**Gráfico 2: Nível de escolaridade dos pais dos entrevistados**

INSTRUMENTO DE APREENSÃO DOS AFETOS ADAPTADO.

1- Primeiramente, obrigada pela sua colaboração. Abaixo você deverá fazer um desenho que represente sua forma de ver, sua forma de representar ou sua forma de sentir a comunidade em que você mora.

2- As seguintes perguntas fazem referência ao desenho feito por você. É importante esclarecer que não existem respostas certas ou erradas, boas ou ruins, mas sim, suas opiniões e impressões, que são muito importantes. Obrigada por sua colaboração.

2.1- Explique brevemente que significado o desenho tem para você:

2.2- Descreva que sentimentos o desenho desperta em você:

2.3- Escreva 6 palavras que resumam os seus sentimentos em relação ao desenho:

1 _____

4 _____

2 _____

5 _____

3 _____

6 _____

Abaixo, você encontrará algumas perguntas sobre a sua comunidade. Lembre-se que não existem respostas certas ou erradas, mas sim a sua opinião.

3- Caso alguém lhe perguntasse o que pensa sobre a sua comunidade, o que você diria?

4-Caso você tivesse que colocar uma nota, de zero a dez como na escola, que nota você daria à sua comunidade em relação a cada uma das seguintes afirmações?

Não tem emprego, mas é boa de se viver	0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Eu me divirto na comunidade	0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Sinto-me frágil diante das dificuldades	0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Na comunidade tenho amizade e solidariedade	0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
A minha comunidade é tranqüila	0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Enfrento dificuldades na comunidade, mas sou feliz	0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
É uma comunidade desigual	0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
A comunidade traz coisas boas	0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
A comunidade é importante pra mim	0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
É uma comunidade onde só existem intrigas e inveja	0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Gosto de morar aqui, mas penso em ir embora	0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
É um lugar esplendido	0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Tenho orgulho da minha comunidade	0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
É uma comunidade que sofre riscos	0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
A comunidade significa tudo o que é bom e tudo o que é ruim	0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Tenho amor pela comunidade	0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
É uma comunidade feliz	0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Falta segurança na minha comunidade	0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
É uma comunidade simples e importante	0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Na comunidade lutamos pelos nossos ideais	0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

5- Se você tivesse que fazer uma comparação da sua comunidade com algo, com que você a compararia?

6- Você participa de algum grupo ou associação na comunidade?

Sim () Não(). Caso sim, qual? _____

7-Você já morou em outra cidade? Sim () Não().

Por quanto tempo? _____

Por que foi morar lá? _____

8-Você pensa em morar em outra cidade? Sim () Não().**Se pensa em morar em outra cidade, responda:**

8.1 Em qual cidade? _____

8.2 Por que pensa em morar lá? _____

8.3 Você conhece esta cidade para onde pretende ir? Sim () Não().

Como você pensa que será sua vida nesse lugar? _____

9. Dados sócio-econômicos:

9.1- Sexo : () feminino () masculino

9.2- Idade : _____

9.3- Escola em que estuda _____

9.4 Você trabalha? Sim () Não().

9.5 Você recebe pagamento por esse trabalho? Sim () Não().

9.6 Você exerce algum tipo de atividade agrícola? Sim () Não().

9.7 Distrito/ Comunidade em que mora _____

9.8 Tempo de moradia na comunidade: _____

8.9 –Cidade e Estado em que você nasceu _____

9.10 Qual o grau de escolaridade dos seus pais?

Pai _____ Mãe _____

9.11 Em que seus pais trabalham? _____

MAPAS AFETIVOS DOS 63 SUJEITOS ENTREVISTADOS

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 01</p> <p>Sexo: masculino</p> <p>Idade: 20 a</p> <p>Escola: EEFM Monsenhor Odorico</p> <p>Comunidade: Cococá-Marrecas</p> <p>Tempo de moradia: 3 anos</p> <p>Cid. de origem: Tauá</p>	Metafórico	Tem o significado de alegria, esperança, paz, amor e liberdade de viver, ser livre e feliz.	Sabedoria, união. Comunidade alegre, amorosa e esperançosa com tudo aquilo que fará bem a sua população.	Amor, esperança, paz e alegria.	Luz. Porque reflete uma boa imagem e muito clara diante da comunidade.	A comunidade luz é a que sua imagem de pertinência é marcada por ser uma comunidade alegre, amorosa e esperançosa com tudo o que faz bem ao seu povo, despertando sentimentos de alegria, esperança, paz e amor.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 02</p> <p>Sexo: masculino</p> <p>Idade: 21 a</p> <p>Escola: EEFM Monsenhor Odorico</p> <p>Comunidade: Marrecas</p> <p>Tempo de moradia: 21 anos</p> <p>Cid. de origem: Tauá</p>	Metafórico	Representa que haja um momento de paz e justiça em nossa comunidade em geral.	Fraternidade, igualdade, liberdade e justiça. É uma comunidade desorganizada, mas que conversando e discutindo chegamos a um acordo.	Amor e paz.	Comunidade de povos linguarudos.	A comunidade de povos linguarudos é marcada pelo contraste entre ser desorganizada, mas havendo também fraternidade, igualdade, justiça e despertando paz, amor.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>N° : 03</p> <p>Sexo: feminino</p> <p>Idade: 19 a</p> <p>Escola: EEFM Monsenhor Odorico</p> <p>Comunidade: Sede</p> <p>Tempo de moradia: 10 anos</p> <p>Cid. de origem: Tauá</p>	Metafórico	Significa criatividade.	Há muita desigualdade, pessoas que não querem ajudar as outras, criação, beleza, magia, interessante.	Amor e paixão.	Deserto porque quando a gente está precisando, não tem que ajude.	A comunidade deserto é a que sua imagem de contrastes é marcada por ser uma comunidade desigual onde as pessoas não ajudam quando se precisa, mas que é interessante, havendo beleza e magia e despertando amor e paixão.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>N° : 04</p> <p>Sexo: feminino</p> <p>Idade: 19 a</p> <p>Escola: EEFM Monsenhor Odorico de Andrade</p> <p>Comunidade: Baixa Verde/ Marrecas</p> <p>Tempo de moradia: 03 anos</p> <p>Cid. de origem: Tauá</p>	Metafórico	Significa que a comunidade para mim é algo muito importante na vida.	Comunidade muito bem desenvolvida e muito importante.	Amor, alegrias, tristezas e esperança.	Nuvem cheia de água.	A comunidade nuvem cheia de água é a que sua imagem de pertinência é marcada por ser considerada importante para seus moradores e bem desenvolvida, trazendo alegrias, tristezas, amor e esperança.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 05</p> <p>Sexo: feminino</p> <p>Idade: 18 a</p> <p>Escola: EEFM Monsenhor Odorico de Andrade</p> <p>Comunidade: Sede</p> <p>Tempo de moradia: 05 anos</p> <p>Cid. de origem: Picos- PI</p>	Metafórico	Vejo minha comunidade como algo pequeno, algo que não desenvolveu, e é assim a realidade na nossa comunidade. Infelizmente ela foi esquecida.	Violência, miséria, pouco desenvolvimento.	Abandono, insegurança, insignificância e solidão.	Deserto, pois nele ninguém habita por vontade própria, apenas se não tiver condições de habitar em outro lugar.	A comunidade deserto a que sua imagem de insegurança é marcada pela violência, miséria e pouco desenvolvimento, despertando sentimentos de abandono, insegurança, insignificância e solidão.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 06</p> <p>Sexo: masculino</p> <p>Idade: 18 a</p> <p>Escola: EEFM Monsenhor Odorico de Andrade</p> <p>Comunidade: Sede</p> <p>Tempo de moradia: 18 anos</p> <p>Cid. de origem: Tauá</p>	Metafórico	Convivência no dia-a-dia com o próximo e a amizade.	Convivência entre amigos, proximidade, conhecimento e diálogo.	Amizade.	Árvore, porque está sempre crescendo.	A comunidade árvore é aquela que está sempre crescendo e tem na sua imagem de pertinência a proximidade, convivência entre amigos e o diálogo.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 07</p> <p>Sexo: feminino</p> <p>Idade: 19 a</p> <p>Escola: EEFM Monsenhor Odorico de Andrade</p> <p>Comunidade: Tauazinho/ sede</p> <p>Tempo de moradia: 02 anos</p> <p>Cid. de origem: Parambú- CE</p>	Metafórico	Significa a alegria e diversão das crianças, que ao se divertirem mudam a cara da cidade.	Harmonia, paz, diversão, brincadeiras. É uma comunidade em desenvolvimento, que já cresceu muito e com o esforço de todos crescerá muito mais.	Alegrias e felicidade.	Planta que necessita de cuidados para crescer e florescer.	A comunidade planta é aquela que necessita de cuidados para crescer e florescer, tendo sua imagem de pertinência refletida em uma comunidade em desenvolvimento, representada pelos sentimentos de alegria, felicidade das crianças na cidade.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 08</p> <p>Sexo: masculino</p> <p>Idade: 19 a</p> <p>Escola: EEFM Monsenhor Odorico de Andrade</p> <p>Comunidade: Sede</p> <p>Tempo de moradia: 19 anos</p> <p>Cid. de origem: Tauá</p>	Metafórico	Significa acolhimento, amizade, solidariedade e companheirismo.	Significa acolhimento, amizade, solidariedade e companheirismo. É uma comunidade que precisa de melhorias, pois sofre com uma enorme carência com relação à seca.	Amor e alegria.	Criança que precisa de cuidados para crescer.	A comunidade criança que precisa de cuidados para crescer, apesar de precisar de melhorias por sofrer carência com relação à seca, traz a imagem de pertinência por ser acolhedora, solidária, companheira despertando amor e alegria.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 09</p> <p>Sexo: feminino</p> <p>Idade: 18 a</p> <p>Escola: EEFM Monsenhor Odorico de Andrade</p> <p>Comunidade: Sede.</p> <p>Tempo de moradia: 1 ano</p> <p>Cid. de origem: Imperatriz.</p>	Metafórico	Significa uma comunidade feliz, com seus filhos na escola. Passeio em família.	Lazer, tranqüilidade, educação, harmonia. É uma comunidade boa, mas com suas dificuldades e problemas sócias.	Alegria e paz.	Montanha russa com seus altos e baixos.	A comunidade montanha-russa, com seus altos e baixos tem sua imagem de contrastes marcada por apresentar lazer, tranqüilidade e educação, mas também dificuldades e problemas sociais.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 10</p> <p>Sexo: feminino</p> <p>Idade: 18 a</p> <p>Escola: EEFM Monsenhor Odorico de Andrade</p> <p>Comunidade: Sede.</p> <p>Tempo de moradia: 18 anos</p> <p>Cid. de origem: Tauá</p>	Metafórico.	Significa que a poderosa mão de Deus dá a permissão para que tudo ocorra bem.	Paz, tranqüilidade, beleza, espiritualidade, sabedoria. A comunidade está melhorando a cada dia. Comunidade nota 10.	Felicidade.	Vida porque vai crescer, se desenvolvendo, embora aos poucos.	A comunidade vida é a que em sua imagem de agradabilidade , vai, embora aos poucos, crescendo e se desenvolvendo, sendo marcada pela paz, beleza tranqüilidade e felicidade.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 11</p> <p>Sexo: feminino</p> <p>Idade: 18 a</p> <p>Escola: EEFM Monsenhor Odorico de Andrade</p> <p>Comunidade: Sede.</p> <p>Tempo de moradia: 14 anos</p> <p>Cid. de origem: Piauí</p>	Metafórico.	Significa que as pessoas da nossa comunidade estão distantes, não olham para os problemas dos outros. Não se importam com que as outras pessoas pensam e fazem.	Falta de atenção, egoísmo, desigualdade, violência. Falta muita coisa para ser feito por parte dos políticos e da comunidade.	Desprezo.	Lugar cheio de serras, com altos e baixos.	A comunidade lugar cheio de serras, com altos e baixos é marcada pela insegurança devido a falta de atenção e ao egoísmo, por ser um lugar onde as pessoas não se importam com os problemas dos outros.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 12</p> <p>Sexo: feminino</p> <p>Idade: 21a</p> <p>Escola: EEFM Monsenhor Odorico de Andrade</p> <p>Comunidade: Sede.</p> <p>Tempo de moradia: 06 anos</p> <p>Cid. de origem: Parambú.</p>	Metafórico.	Adoro ver o sol brilhar e as árvores também fazem parte de mim.	Preservação, higiene. Não há desigualdade na comunidade.	Amor à natureza.	Casa familiar, onde todos trabalham juntos.	A comunidade casa familiar é a que sua imagem de agradabilidade é marcada pelo amor à natureza e preservação, sendo um lugar onde todos trabalham juntos, não havendo desigualdades.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 13</p> <p>Sexo: feminino</p> <p>Idade: 18 a</p> <p>Escola: EEFM Monsenhor Odorico de Andrade</p> <p>Comunidade: Sede.</p> <p>Tempo de moradia: 10 anos</p> <p>Cid. de origem: Tauá</p>	Metafórico.	Cidade bonita e hospitaleira, porém falta da parte da prefeitura um pouco mais de ação, como por exemplo retirar semanalmente o lixo das ruas.	Bonita, hospitaleira, alegre, maravilhosa, mas falta um empurrãozinho para torná-la melhor e mais bonita.	Felicidade, tristeza e esperança.	Sonho. Porque nós lutamos a cada dia para melhorar e deixar mais belo e importante.	A comunidade sonho é a que sua imagem de pertinência se deve ao fato de ser um lugar onde todos lutam a cada dia para melhorar e deixar mais bela e importante.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 14</p> <p>Sexo: feminino</p> <p>Idade: 21 a</p> <p>Escola: EEM Liceu de Tauá</p> <p>Comunidade: Sede</p> <p>Tempo de moradia: 21 anos</p> <p>Cid. de origem: Tauá</p>	Metafórico.	Significa junto à igreja a sociedade em união.	Sociedade Junta e participativa, encontros, renovação.	Alegria.	O pobre e o rico.	A comunidade pobre e o rico é aquela cuja pertinência é marcada pela religiosidade, pela participação e união das pessoas, o que gera alegria e a crença de que as coisas mudarão para melhor.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 15</p> <p>Sexo: feminino</p> <p>Idade: 18 a</p> <p>Escola: EEM Liceu de Tauá</p> <p>Comunidade: Sede</p> <p>Tempo de moradia: 2 meses</p> <p>Cid. de origem: Parambú.</p>	Metafórico.	Significa que mora em uma comunidade onde existe amor e violência.	Violência, compreensão, comunidade boa, o que você pode imaginar de bom e de ruim.	Amor, tristeza e felicidade.	Igreja católica, que aceita e acolhe qualquer pessoa que entre nela.	A comunidade Igreja católica é aquela cujos contrastes advém do fato de se viver em um lugar onde há, ao mesmo tempo, tudo de bom e de ruim, como compreensão e violência, despertando felicidade e tristeza ao mesmo tempo.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº : 16 Sexo: masculino Idade: 18 a Escola: EEM Liceu de Tauá Comunidade: Sede Tempo de moradia: 13 anos Cid. de origem: Bahia	Metafórico.	A comunidade unida em todos os momentos de êxito e de dificuldades.	União, luta, cooperação, humanidade e solidariedade.	Esperança.	Corrente(estamos sempre unidos)	A comunidade corrente é aquele em que sua pertinência é marcada do fato de as pessoas estarem sempre unidas, com cooperação e solidariedade.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº : 17 Sexo: masculino Idade: 19 a Escola: EEM Liceu de Tauá Comunidade: Sede Tempo de moradia: 21 anos Cid. de origem: Tauá	Metafórico.	Significa uma cidade maravilhosa, cheia de casas, carros, árvores e muita gente boa.	Fraternidade, acolhimento, paz e união. É má administrada, não é um paraíso, mas é boa de se viver.	Amizade e carinho.	Doce(porque quase todo mundo gosta de apreciar).	A comunidade doce expressa a agradabilidade de se viver em um lugar que apesar de mal administrado é considerado maravilhoso, onde há fraternidade, acolhimento, amizade e carinho.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 18 Sexo: feminino Idade: 21 a</p> <p>Escola: EEM Liceu de Tauá</p> <p>Comunidade: Com. rural</p> <p>Tempo de moradia: 21 anos</p> <p>Cid. de origem: Tauá</p>	Metafórico.	Alegria e amor.	Respeito, fé, comunidade diferente.	Amor, felicidade, alegria, esperança.	Esperança de dias bons e noites maravilhosas.	A comunidade esperança de dias bons e noites maravilhosas, expressa sua pertinência por se viver em uma comunidade diferente, marcada pelo respeito e pela fé, através do amor e da felicidade.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 19 Sexo: feminino Idade: 19 a</p> <p>Escola: EEM Liceu de Tauá</p> <p>Comunidade: Rapousa/ Carrapateiras</p> <p>Tempo de moradia: 19 anos</p> <p>Cid. de origem: Tauá</p>	Metafórico.	Casa no interior.	Tranquilo, espaçoso, calmo.	Segurança.	Liberdade.	A comunidade liberdade expressa sua agradabilidade através da segurança de se viver em um lugar tranquilo e calmo.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 20</p> <p>Sexo: feminino</p> <p>Idade: 21 a</p> <p>Escola: EEM Liceu de Tauá</p> <p>Comunidade:</p> <p>Sede</p> <p>Tempo de moradia:</p> <p>_x_</p> <p>Cid. de origem:</p> <p>Tauá</p>	Metafórico.	Desunião entre a maioria das pessoas.	Desunião, lugar bom de se morar, pacato às vezes e violento também às vezes.	Tristeza, pena, angústia, esperança e inquietação.	Selva. Onde às vezes as pessoas parecem engolir as outras.	A comunidade selva traz o contraste de morar em um lugar pacato e violento, boa de se morar e desunida, o que gera tristeza, angústia, inquietação, mas também esperança.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 21</p> <p>Sexo: masculino</p> <p>Idade: 18 a</p> <p>Escola: EEM Liceu de Tauá</p> <p>Comunidade:</p> <p>Sede</p> <p>Tempo de moradia:</p> <p>18 anos</p> <p>Cid. de origem:</p> <p>Tauá</p>	Metafórico.	Amizade, união e solidariedade.	União, respeito, solidariedade, fraternidade e companheirismo. É uma comunidade bem organizada e muito unida.	Amor ao próximo.	Seleção brasileira.	A comunidade seleção brasileira é aquela cuja pertinência é identificada através da união, respeito, solidariedade, amizade, fraternidade e amor ao próximo.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 22</p> <p>Sexo: masculino</p> <p>Idade: 18 a</p> <p>Escola: EEM Liceu de Tauá</p> <p>Comunidade: Trici- Massapê</p> <p>Tempo de moradia: 18 anos</p> <p>Cid. de origem: Tauá</p>	Metafórico.	A bandeira representa a paz mundial e que nós gostamos muito de brincar, mas com limites.	Paz, união, farras, trabalho, dificuldades. Lugar bom para se morar, povo unido e trabalhador e que gosta de festas.	amor.	Formigueiro, pois trabalham muito para conseguir o que querem e garantir seu futuro.	A comunidade formigueiro é aquela que sua pertinência é caracterizada pelo amor de um povo unido e trabalhador, onde todos trabalham muito para conseguir o que querem e garantir seu futuro.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 23</p> <p>Sexo: feminino</p> <p>Idade: 20 a</p> <p>Escola: EEM Liceu de Tauá</p> <p>Comunidade: Sede</p> <p>Tempo de moradia: 13 anos</p> <p>Cid. de origem: Tauá</p>	Metafórico.	A minha comunidade é cheia de violência e jovens com gravidez indesejável.	Violência, baixa renda, humildade, fome analfabetismo.	Tristeza.	Prisão por causa do alto índice de violência.	A comunidade prisão é aquela marcada pela insegurança de se viver em um lugar onde há violência, baixa renda, analfabetismo e fome.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 24</p> <p>Sexo: masculino</p> <p>Idade: 18 a</p> <p>Escola: EEM Liceu de Tauá</p> <p>Comunidade: Sede</p> <p>Tempo de moradia: 18 anos</p> <p>Cid. de origem: Tauá</p>	Metafórico.	Que na comunidade tem gente que valoriza muito as amizades, mas que às vezes são estragadas por ambições.	Gente hospitaleira, amizade, sinceridade, ambições, diferença social.	Felicidade, tristeza.	Escola, onde temos muito o que aprender.	A comunidade escola, onde se tem muito o que aprender desperta sentimentos de felicidade e tristeza gerados pelo contrastes de se viver em uma comunidade hospitaleira, onde há amizade e solidariedade e ambições e diferenças sociais.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 25</p> <p>Sexo: masculino</p> <p>Idade: 18 a</p> <p>Escola: EEM Liceu de Tauá</p> <p>Comunidade: Sede.</p> <p>Tempo de moradia: 1 ano</p> <p>Cid. de origem: Arneiroz.</p>	Metafórico.	Representa a cidade onde eu moro.	Harmonia entre as pessoas, paz, amizade, sinceridade, hospitalidade e diversão.	Felicidade.	Nosso Brasil/ nosso sertão brasileiro.	A comunidade nosso Brasil/ nosso sertão brasileiro é aquela que mostra sua pertinência devido a harmonia entre as pessoas, amizade e sinceridade e por se mostrar hospitaleira e divertida.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 26</p> <p>Sexo: feminino</p> <p>Idade: 19 a</p> <p>Escola: EEM Liceu de Tauá</p> <p>Comunidade: Sede</p> <p>Tempo de moradia: 04 anos</p> <p>Cid. de origem: Tauá</p>	Metafórico.	Como vejo comunidade de Tauá, corações se abraçando felizes, com amor e harmonia.	Companheirismo, harmonia, respeito. Comunidade humilde e acolhedora.	Amor, carinho e parceria.	Cidade simples e feliz, onde todos tem seu objetivo na vida..	A comunidade cidade simples e feliz é aquela em que sua pertinência desperta amor e carinho devido ao companheirismo, harmonia e por ser humilde e acolhedora.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 27</p> <p>Sexo: feminino</p> <p>Idade: 20 a</p> <p>Escola: EEM Liceu de Tauá</p> <p>Comunidade: Sede</p> <p>Tempo de moradia: 03 anos</p> <p>Cid. de origem: Tauá</p>	Metafórico.	A desigualdade em nossa comunidade.	É uma comunidade ótima de se viver, desigualdade.	Angústia, lamento, dor, rancor, raiva e ressentimento.	Galinheiro.	A comunidade galinheiro é aquela cujos contrastes são gerados pelo fato de ser um lugar ótimo para se viver, é marcado pelas desigualdades sociais, despertando angústia, lamento, dor, raiva e ressentimento.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 28</p> <p>Sexo: masculino</p> <p>Idade: 21 a</p> <p>Escola: EEM Liceu de Tauá</p> <p>Comunidade: Sede</p> <p>Tempo de moradia: 6 anos</p> <p>Cid. de origem: Parambú.</p>	Metafórico.	O sol representa a vida e a existência de cada um de nós.	Calor, energia, sonhos, vontades e pensamentos ardentes. Comunidade muito boa, embora não a idealizamos, é aqui que moro e, por isso, gosto muito.	Amor.	Coração de mãe (porque sempre existe lugar para mais um).	A comunidade coração de mãe é aquela cuja pertinência provém do calor e energia do lugar, que apesar de não ser como se idealiza, é considerada muito boa, pois é onde se mora, havendo sempre lugar para mais um.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 29</p> <p>Sexo: feminino</p> <p>Idade: 18 a</p> <p>Escola: EEM Liceu de Tauá</p> <p>Comunidade: Sede</p> <p>Tempo de moradia: 07 anos</p> <p>Cid. de origem: Tauá</p>	Cognitivo.	É a escola Liceu de Tauá. Um lugar acolhedor, propício para quem quer crescer como ser humano.	Responsabilidade, respeito, lugar fraterno, dá prazer em fazer parte.	Carinho, amizade, afeto e amor.	Criança que ainda sente dificuldades em aprender a andar sozinha.	A comunidade criança que ainda sente dificuldades em aprender a andar sozinha é aquela que sua pertinência gera amor, carinho e amizade por ser um lugar fraterno, do qual se sente prazer em fazer parte.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 30</p> <p>Sexo: feminino</p> <p>Idade: 20 a</p> <p>Escola: EEM Liceu de Tauá</p> <p>Comunidade: Sede</p> <p>Tempo de moradia: 15 anos</p> <p>Cid. de origem: Tauá</p>	metafórico	Que vivemos num buraco negro, onde existe pouco amor e muita maldade.	Humildade, sinceridade, cheia de pessoas hipócritas e chantegistas, mas que também tem pessoas humildes, capazes de ajudar os outros.	Amor, raiva, angústia e sofrimento.	Minha escola (se não tiver igualdade, voz e vez, não vai para frente)	A comunidade minha escola é aquela em que seus contrastes são gerados por se viver em um lugar cheio de pessoas hipócritas, chantagistas, mas que há também pessoas humildes, capazes de ajudar, o que gera sentimentos como amor, raiva, angústia e sofrimento.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 31</p> <p>Sexo: feminino</p> <p>Idade: 19 a</p> <p>Escola: EEM Liceu de Tauá</p> <p>Comunidade: Assentamento Bonifácio</p> <p>Tempo de moradia: 05 anos</p> <p>Cid. de origem: Tauá</p>	Metafórico	Uma igreja, que é um símbolo muito importante na minha comunidade.	Paz, igualdade, comunidade maravilhosa, com pessoas legais e solidárias umas com as outras.	Amor, fé, alegria e felicidade.	Caixinha de surpresas (quem a visita percebe que não é como imaginava)	A comunidade caixinha de surpresas é aquela cuja pertinência advém do fato de ser maravilhosa, com pessoas legais e solidárias, onde há paz e igualdade, despertando, assim, amor, alegria e felicidade.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 32</p> <p>Sexo: feminino</p> <p>Idade: 19 a</p> <p>Escola: EEM Liceu de Tauá</p> <p>Comunidade: Assentamento Bonifácio</p> <p>Tempo de moradia: 19 anos</p> <p>Cid. de origem: Tauá</p>	metafórico	A natureza e a forma de morar na comunidade.	Natureza.	Carinho.	Lugar ótimo.	A comunidade lugar ótimo é aquela cuja pertinência , pode ser percebida no contato com a natureza, despertando carinho pelo lugar.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 33</p> <p>Sexo: feminino</p> <p>Idade: 20 a</p> <p>Escola: EEM Liceu de Tauá</p> <p>Comunidade: Sede.</p> <p>Tempo de moradia: 02 anos</p> <p>Cid. de origem: Piauí</p>	metafórico	Significa um lugar belo, mas que se encontra com várias poluições.	Falta de conscientização do homem em relação á natureza, poluição, beleza, água, solidariedade, desemprego, lugar mais ou menos para se morar.	Amor.	Comunidade estável (falta um pouquinho mais de amor em relação á sociedade).	A comunidade estável é aquela traz contrastos de se morar em um lugar belo, onde há solidariedade e desperta amor, mas que se encontra poluída, faltando conscientização do homem em relação á natureza e onde falta, também, emprego também emprego.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 34</p> <p>Sexo: feminino</p> <p>Idade: 19 a</p> <p>Escola: EEM Liceu de Tauá</p> <p>Comunidade: Sede.</p> <p>Tempo de moradia: 02 anos</p> <p>Cid. de origem: Piauí</p>	metafórico	Significa que a comunidade não há raciocínio em seus atos.	Solidariedade, respeito, atenção, compreensão, colaboração. É uma comunidade onde não há diálogo.	Pena e sofrimento.	Deserto.	A comunidade deserto é aquela onde podemos perceber o contraste de se viver em um lugar onde não há diálogo e ao mesmo tempo solidariedade, respeito, despertando sentimentos confusos como pena e sofrimento.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 35</p> <p>Sexo: masculino</p> <p>Idade: 20 a</p> <p>Escola: EEM Liceu de Tauá</p> <p>Comunidade: Sede.</p> <p>Tempo de moradia: 02 anos</p> <p>Cid. de origem: Tauá</p>	metafórico	Significa o quanto é difícil estudar música. Parece que fiz no escuro e é minha vida que é assim.	Harmonia, pouca participação, paz.	Amor, felicidade, tristeza e desejo.	Favela do Rio de Janeiro.	A comunidade favela do Rio de Janeiro é aquela marcada pelo contraste por haver harmonia e paz, mas também pouca participação, gerando felicidade e tristeza.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 36</p> <p>Sexo: feminino</p> <p>Idade: 21 a</p> <p>Escola: EEM Liceu de Tauá</p> <p>Comunidade: São João Trici.</p> <p>Tempo de moradia: 10 anos</p> <p>Cid. de origem: Tauá.</p>	metafórico	É a árvore dos meus desejos e sonhos.	Força de vontade, determinação, conhecimento, inteligência, humildade.	Alegria.	Festas.(É uma comunidade super alegre, colaboradora e que gosta de ajudar uns aos outros)	A comunidade festas é aquela cuja pertinência pode ser notada por ter um povo alegre que colabora uns com os outros, com força de vontade e determinação.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 37</p> <p>Sexo: masculino</p> <p>Idade: 19 a</p> <p>Escola: EEM Liceu de Tauá</p> <p>Comunidade: Vila Guaribas.</p> <p>Tempo de moradia: 16 anos</p> <p>Cid. de origem: Tauá</p>	Metafórico	O muro é falta de oportunidade. Tudo que queremos temos que derrubar enormes obstáculos, mas também é um bom lugar, pois é calmo .	Humilde, calmo, sem barulho, bom de descansar, luta, vitória, sabedoria, paz. Lugar bom de se viver, mas que não oferece oportunidades dignas.	Paz.	Deserto. (onde você tem que se virar sozinho).	A comunidade deserto é aquela que seus contrastes surge do fato de ser um lugar bom para se viver, mas que não oferece oportunidades de vida digna, onde você tem que se virar sozinho para conseguir algo.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 38</p> <p>Sexo: masculino</p> <p>Idade: 20 a</p> <p>Escola: EEM Liceu de Tauá</p> <p>Comunidade: Sede.</p> <p>Tempo de moradia: 10 anos</p> <p>Cid. de origem: Tauá.</p>	metafórico	Que muitas vezes não damos importância ao papel que a comunidade desempenha em nós mesmos quando usufruímos.	Esquecimento, paz esperança, lugar tranqüilo.	Tristeza.	Mochila porque nela carrego coisas que são importantes para mim.	A comunidade mochila é aquela que traz a imagem de insegurança devido ao esquecimento, a falta de importância por parte dos moradores, despertando tristeza.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 39</p> <p>Sexo: Masculino</p> <p>Idade: 19 a</p> <p>Escola: EEM Liceu de Tauá</p> <p>Comunidade: Santa Tereza.</p> <p>Tempo de moradia: 19 anos</p> <p>Cid. de origem: Tauá.</p>	metafórico	Mostra que a nossa comunidade tem pessoas acolhedoras, que estão de braços abertos para receber os visitantes. Nela também há muita harmonia e paz.	Paz, harmonia, união, solidariedade, pessoas acolhedoras.	Alegria.	Religião	A comunidade religião é aquela que sua pertinência nasce da alegria de se viver em um lugar onde há paz, harmonia, amizade, e pessoas acolhedoras e solidárias.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 40</p> <p>Sexo: feminino</p> <p>Idade: 19 a</p> <p>Escola: EEM Liceu de Tauá</p> <p>Comunidade: Santa Tereza.</p> <p>Tempo de moradia: 19 anos</p> <p>Cid. de origem: Tauá.</p>	metafórico	Um lugar onde todos se reúnem para ajudar uns aos outros..	Partilha, sinceridade, humildade, união, paz, pessoas boas que ajudam os outros.	Alegria.	Pão.	A comunidade pão é aquela que tem sua pertinência marcada pela alegria de viver em um lugar onde todos se reúnem para ajudar uns aos outros.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 41</p> <p>Sexo: feminino</p> <p>Idade: 19 a</p> <p>Escola: EEM Liceu de Tauá</p> <p>Comunidade: Sede.</p> <p>Tempo de moradia: 19 anos</p> <p>Cid. de origem: Tauá</p>	Metafórico	Desigualdade social e violência nas ruas.	Humildade, desigualdade, solidariedade, companheirismo. É uma comunidade com muitas falhas.	tristeza.	Novela América (cheia de amores, confusões e desigualdades).	A comunidade novela América é aquela cujos contrastes trazem tristeza por ser um lugar marcado pelas desigualdades sociais e pela violência nas ruas, mas onde há também solidariedade, humildade e companheirismo.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 42</p> <p>Sexo: masculino</p> <p>Idade: 21 a</p> <p>Escola: EEM Liceu de Tauá</p> <p>Comunidade: Assentamento Bonifácio.</p> <p>Tempo de moradia: 08 anos</p> <p>Cid. de origem: Tauá.</p>	metafórico	Esperança, prosperidade e vontade de seguirmos cada vez mais alegres.	Paz, confiança, prosperidade, humildade. É um lugar muito bom de se viver.	Alegria e esperança.	Escola .	A comunidade escola é aquela marcada pela pertinência por ser um lugar bom para se viver, onde há paz, prosperidade e vontade de seguirem cada vez mais alegres.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 43</p> <p>Sexo: masculino</p> <p>Idade: 19 a</p> <p>Escola: CEJA Luzia Araújo Freitas</p> <p>Comunidade Sede.</p> <p>Tempo de moradia: 12 anos</p> <p>Cid. de origem: Mombaça.</p>	metafórico	Significa educação, lazer e competência.	Educação, lazer, respeito, coerência, inteligência, competência. É uma comunidade de pessoas honestas e educadas.	Paz.	Paz.	A comunidade paz é aquela cuja agradabilidade resulta do fato de haver nela educação, lazer, respeito, paz e por ser um lugar de pessoas honestas e educadas.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 44</p> <p>Sexo: feminino</p> <p>Idade: 20 a</p> <p>Escola: EEM Liceu de Tauá</p> <p>Comunidade:</p> <p>Sede</p> <p>Tempo de moradia:</p> <p>13 anos</p> <p>Cid. de origem:</p> <p>Tauá</p>	Metafórico.	Um lugar pequeno, com casas, pessoas e serras.	Beleza, sensação de restrição, igualdade, é uma comunidade que pode melhorar.	Solidão, esperança.	Não tem significado.	A comunidade que não tem significado é aquela que marcada pela insegurança de se morar em um lugar pequeno, que apesar de haver beleza traz sensação de restrição, solidão e esperança de que a comunidade pode melhorar.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 45</p> <p>Sexo:</p> <p>feminino</p> <p>Idade: 18 a</p> <p>Escola:</p> <p>CEJA Luzia Araújo Freitas</p> <p>Comunidade:</p> <p>Tauazinho.</p> <p>Tempo de moradia:</p> <p>7 meses.</p> <p>Cid. de origem:</p> <p>Paramoti.</p>	metafórico	Que o povo deveria ter consciência e não jogar lixo no rio.	Harmonia, compreensão, movimentada, com carros motos etc. pode melhorar mais, pois ainda não tem shopping, cinemas.	Amor, respeito, paz e carinho.	Fortaleza.	A comunidade fortaleza é aquela que vive os contrastes de um lugar em desenvolvimento com vários carros, motos, poluição , mas onde ainda não tem opções de lazer, mas despertando ainda amor, respeito, paz e carinho.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 46</p> <p>Sexo: feminino</p> <p>Idade: 20 a</p> <p>Escola: CEJA Luzia Araújo Freitas</p> <p>Comunidade: Sede.</p> <p>Tempo de moradia: 9 meses</p> <p>Cid. de origem: Tauá</p>	metafórico	Que as pessoas não podem jogar lixo nas águas que elas mesmas utilizam.	Solidariedade, riscos, dificuldades, poluição, sem recursos.	Tristeza e desanimo.	Cidade atrasada.	A comunidade cidade atrasada é aquela que desperta insegurança devido as dificuldades geradas pela falta de recursos e poluição, despertando tristeza e desanimo.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 47</p> <p>Sexo: feminino</p> <p>Idade: 18 a</p> <p>Escola: CEJA Luzia Araújo Freitas</p> <p>Comunidade: Interior.</p> <p>Tempo de moradia: 10 anos</p> <p>Cid. de origem: Tauá</p>	metafórico	Que as pessoas não devem jogar lixo na água que utilizamos.	Limpeza, poluição, desmatamento, desemprego, falta saneamento básico e alimentos nos centros de saúde.	Tristeza, orgulho e desanimo.	Cidade atrasada.	A comunidade cidade atrasada é aquela marcada pelo contraste de haver limpeza e poluição ao mesmo tempo, além de desemprego, despertando, ao mesmo tempo sentimentos de tristeza, orgulho e desanimo.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 48</p> <p>Sexo: masculino</p> <p>Idade: 21 a</p> <p>Escola: CEJA Luzia Araújo Freitas</p> <p>Comunidade: Colonos.</p> <p>Tempo de moradia: 21 anos</p> <p>Cid. de origem: Tauá</p>	metafórico	Uma fazenda, pois foi o lugar onde nasci e que até hoje moro.	Liberdade, trabalho, animação, povo humilde e trabalhador.	Felicidade, carinho e coragem.	Construção inacabável.	A comunidade construção inacabável é aquela cuja sua pertinência é marcada pela liberdade, trabalho, animação e por ter um povo humilde e trabalhador, despertando felicidade, carinho e coragem.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 49</p> <p>Sexo: feminino</p> <p>Idade: 20 a</p> <p>Escola: CEJA Luzia Araújo Freitas</p> <p>Comunidade: Sede.</p> <p>Tempo de moradia: 20 anos</p> <p>Cid. de origem: Tauá</p>	Cognitivo.	Igreja de São José.	Fé, solidariedade, lazer, deveria ter mais emprego e menos violência.	Amor, carinho e felicidade.	Sociedade da nossa cidade.	A comunidade sociedade da nossa cidade em sua pertinência tem como características a fé, a solidariedade e o lazer, apesar de que deveria ter mais empregos e menos violência, gera sentimentos de amor, carinho e felicidade.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 50</p> <p>Sexo: feminino</p> <p>Idade: 20 a</p> <p>Escola: CEJA Luzia Araújo Freitas</p> <p>Comunidade: Sede.</p> <p>Tempo de moradia: 7 anos</p> <p>Cid. de origem: Tauá</p>	metafórico	Representa a cidade de Tauá que foi muito boa no passado, mas que agora só vejo tristeza.	Boa no passado.	Tristeza, infelicidade, sofrimento, mágoa e solidão.	Limão (é azedo e muito ruim)..	A comunidade limão é aquela que a insegurança , vem do fato de ter sido muito boa no passado, mas que agora se mostra azeda e muito ruim, gerando sofrimento, tristeza, infelicidade, mágoa e solidão.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 51</p> <p>Sexo: feminino</p> <p>Idade: 18 a</p> <p>Escola: CEJA Luzia Araújo Freitas</p> <p>Comunidade: Sede.</p> <p>Tempo de moradia: 07 anos</p> <p>Cid. de origem: Tauá</p>	metafórico	As flores trazem muita paz para mim. significa alegria, faz parte da nossa natureza, significa vida.	Paz, harmonia, vida. A comunidade é tudo na nossa vida, é maravilhosa.	Amor, felicidade.	Comparo com uma jóia, pois é maravilhosa.	A comunidade jóia é aquela que sua pertinência é marcada por ser de grande valor, apresenta-se como tudo na nossa vida por ser harmoniosa e maravilhosa.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 52</p> <p>Sexo: feminino</p> <p>Idade: 19 a</p> <p>Escola: CEJA Luzia Araújo Freitas</p> <p>Comunidade: Sede.</p> <p>Tempo de moradia: 05 anos</p> <p>Cid. de origem: Tauá</p>	Metafórico	É uma pessoa que ajuda a comunidade	Ajuda ao próximo, respeito, sinceridade, amizade, Companheirismo, Honestidade.	Amor.	Árvore. (uma árvore muda, a nossa comunidade muda para melhor.	A comunidade árvore é aquela que está em constante mudança, despertando em sua pertinência , o sentimento de amor, devido a ajuda ao próximo, respeito, companheirismo, sinceridade e amizade.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 53</p> <p>Sexo: feminino</p> <p>Idade: 21 a</p> <p>Escola: CEJA Luzia Araújo Freitas</p> <p>Comunidade: Interior.</p> <p>Tempo de moradia: 13 anos</p> <p>Cid. de origem: Tauá</p>	metafórico	Alegria da comunidade em que vivo.	Harmonia, paz, respeito, humildade. Na comunidade falta mais respeito e diálogo com o outro.	Amor, felicidade, alegria e carinho.	Fortaleza, pois lá tem tudo o que nós podemos imaginar.	A comunidade fortaleza é aquela que traz a agradabilidade de se viver em um lugar humilde, harmonioso, onde há paz e respeito e que apesar de faltar mais respeito e diálogo com o outro, desperta felicidade, alegria, amor e carinho

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 54</p> <p>Sexo: feminino</p> <p>Idade: 19 a</p> <p>Escola: CEJA Luzia Araújo Freitas</p> <p>Comunidade: Interior.</p> <p>Tempo de moradia:X....</p> <p>Cid. de origem: Tauá</p>	metafórico	Não devemos jogar lixo nas águas dos rios porque está prejudicando a nós mesmos, principalmente a nossas crianças.	Desmatamento, poluição, limpeza, falta atendimento nos centro de saúde.	Tristeza, desânimo.	Comunidade atrasada.	A comunidade atrasada é aquela cuja insegurança advém do desmatamento, poluição, falta de atendimento nos centros de saúde e pela falta de emprego, gerando tristeza e desanimado.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 55</p> <p>Sexo: masculino</p> <p>Idade: 18 a</p> <p>Escola: CEJA Luzia Araújo Freitas</p> <p>Comunidade: Carrapateiras.</p> <p>Tempo de moradia:X.....</p> <p>Cid. de origem: Tauá</p>	Metafórico.	Representa a comunidade em que moro, com muitas árvores, riachos, açude e barragem.	Bom e ao mesmo tempo ruim. Faltam benefícios. Seca matando as árvores, secando nossos rios e barragens.	Alegria, paz, desgosto.	Festa.	A comunidade festa é aquela marcada pelo contraste de ser um lugar com muitas árvores, riachos e açudes, mas onde faltam benefícios e que sofre com a seca sendo considerado um lugar bom e ruim, despertando alegria, paz e desgosto ao mesmo tempo.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 56</p> <p>Sexo: feminino</p> <p>Idade: 21 a</p> <p>Escola: CEJA Luzia Araújo Freitas</p> <p>Comunidade: Sede.</p> <p>Tempo de moradia: 08 anos</p> <p>Cid. de origem: Tauá</p>	Metafórico	Muita alegria, esperança e paz.	Harmonia e paz. Poderia melhorar um pouco, melhorar o trânsito, por exemplo.	Alegria e felicidade	Muita violência.	A comunidade muita violência é aquela marcada pelo contraste de representar violência e harmonia e paz ao mesmo tempo.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº: 57</p> <p>Sexo: feminino</p> <p>Idade: 18 a</p> <p>Escola: CEJA Luzia Araújo Freitas</p> <p>Comunidade: Sede.</p> <p>Tempo de moradia: 02 anos</p> <p>Cid. de origem: Tauá</p>	Metafórico	Primeiro é o meu trabalho, segundo representa o que eu gosto de fazer, que é dançar e o outro a igreja da minha cidade e tristeza que eu passo na minha vida.	Trabalho, família, não gosto da comunidade, não sou feliz na comunidade onde moro, pois é péssima de se viver, é ruim.	Tristeza sofrimento e angústia.	Cidade ruim, péssima de se viver.	A comunidade ruim, péssima de se viver, traz a insegurança de morar em um lugar do qual não se gosta, onde não se é feliz, gerando tristeza, sofrimento e angústia.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº: 58</p> <p>Sexo: feminino</p> <p>Idade: 19 a</p> <p>Escola: CEJA Luzia Araújo Freitas</p> <p>Comunidade: Sede.</p> <p>Tempo de moradia: 05 anos</p> <p>Cid. de origem: Tauá</p>	Metafórico	O sol significa para mim a felicidade. Sem o sol não sou ninguém.	Paz, amizade, fraternidade. Comunidade muito boa, não há nada para reclamar.	Felicidade, amor, carinho.	Compararia com um mar bravo e forte.	A comunidade mar bravo e forte é a que sua pertinência é caracterizada pela paz, amizade e fraternidade, sendo considerada muito boa para se viver, despertando sentimentos de felicidade, amor, carinho.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº: 59</p> <p>Sexo: feminino</p> <p>Idade: 22 a</p> <p>Escola: CEJA Luzia Araújo Freitas</p> <p>Comunidade: Sede.</p> <p>Tempo de moradia: 15 anos</p> <p>Cid. de origem: Fortaleza.</p>	Metafórico	Desenhei o que representa a minha comunidade, referente a ela.	Fé, confiança, paz, esquecida, violenta.	Amor.	Fogo. (muito perigosa, sem segurança)	A comunidade fogo traz em seus contrastes a fé, confiança, paz e amor ao mesmo tempo em que se apresenta com esquecida, perigosa e violenta.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 60</p> <p>Sexo: feminino</p> <p>Idade: 24 a</p> <p>Escola: EEFM Monsenhor Odorico de Andrade</p> <p>Comunidade: Sede</p> <p>Tempo de moradia: 24 anos</p> <p>Cid. de origem: Tauá</p>	Metafórico	Representa moradia.	Sossego, conforto, diversão. É uma comunidade muito acolhedora.	Amor, paz e alegria.	Coração cheio de amor pra compartilhar.	A comunidade coração cheio de amor pra compartilhar traz a agradabilidade do sossego, conforto, diversão, sendo ainda acolhedora e havendo paz amor e alegria.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 61</p> <p>Sexo: masculino</p> <p>Idade: 25 a</p> <p>Escola: CEJA Luzia Araújo Freitas</p> <p>Comunidade: Sede.</p> <p>Tempo de moradia: 25 anos</p> <p>Cid. de origem: Tauá</p>	metafórico	É a cara da cidade de Tauá.	Desemprego, desigualdade, pobreza, miséria. Boa para quem está estabilizado.	tristeza.	Favela do Rio de Janeiro.	A comunidade é aquela cuja insegurança desperta tristeza devido ao desemprego, desigualdade e miséria

identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 62</p> <p>Sexo: feminino</p> <p>Idade: 24 a</p> <p>Escola: CEJA Luzia Araújo Freitas</p> <p>Comunidade:x.....</p> <p>Tempo de moradia:x.....</p> <p>Cid. de origem: Tauá</p>	metafórico	Significa cidade movimentada	Movimentada, compreensão, atenção, amizade, liberdade. Comunidade onde todos se comunicam e se conhecem, baseados nos costumes e vivências.	esperança.	Jogo de futebol.	A comunidade jogo de futebol é aquela que em sua pertinência percebe-se o movimento de um lugar onde todos se comunicam e conhecem, baseados nos costumes e vivências.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
<p>Nº : 63</p> <p>Sexo: masculino</p> <p>Idade: 23 a</p> <p>Escola: CEJA Luzia Araújo Freitas</p> <p>Comunidade: Sede.</p> <p>Tempo de moradia: 23 anos</p> <p>Cid. de origem: Tauá</p>	metafórico	Desprezo dos governantes, principalmente com os mais humildes.	Desconfiança, desorganizada, as pessoas só pensam nelas mesmas.	desespero, tristeza, angústia, indignação, raiva, revolta, medo.	Selva, onde todos lutam desesperados pela sobrevivência.	A comunidade selva, onde todos lutam desesperados pela sobrevivência, tem sua insegurança marcada pela desconfiança, desespero, pessoas que só pensam nelas mesmas, mostrando-se desorganizada e despertando tristeza, angústia, indignação, raiva, revolta e medo.

DISCUSSÕES DOS GRUPOS FOCAIS

GRUPO FOCAL I (G1)

Local: Tauá

Data: 13/12/2005

Pesquisadora (P)-Pessoal eu queria que nós conversássemos um pouco sobre essa questão da migração, dessa coisa de ter que sair de Tauá pra morar em outra cidade, em outro lugar. Na primeira parte da pesquisa, foi visto que 75% dos jovens, que participaram e com idade de 18 até 25 anos, diziam que queriam sair de Tauá. O que vocês acham disso?

S1- Eu acho assim, que a maioria prefere sair porque a falta de emprego aqui é muito grande, no Brasil inteiro a falta de emprego é grande, mas eu acho que aqui a dificuldade é maior, então, quando a gente completa, assim, uma idade de 18 anos, a gente tem vontade de trabalhar de ter vida própria, de ganhar seu próprio dinheiro, então tem que sair pra melhorar de vida. Acho que por isso muitos pensam em sair e vão.

S2- E muitos vão também porque os familiares vão se deslocando pra cidade, então eles acham que se eles se deslocarem pra outra cidade eles vão encontrar mais emprego e mudar de vida. porque da vida daqui de Tauá, muitos já estão cansados.

S3- Ah, eu já eu acho do mesmo jeito que ela falou aqui, é por causa da falta de emprego. Eu mesmo já fui, com 18 anos, eu fui pra São Paulo. Aqui o cara fica aqui e emprego aqui é difícil demais! A gente quer brincar e tal, tem que gastar dinheiro todo final de semana e dinheiro aqui é muito pouco, corre muito pouco! Aí lá eu morei mais de um ano, um ano e pouco e depois vim embora. Depois fui embora pra Fortaleza de novo. Mas se eu tivesse emprego aqui, não saía daqui não, ficava aqui em Tauá mesmo. Eu gosto daqui, mas o motivo é só esse mesmo desemprego.

P- E os outros? O que vocês acham da cidade de Tauá? Vocês gostam daqui? Pensam em partir?

S1- É, aqui é bom, mas não é assim...

S3- Uma cidade maravilhosa...

S1- Não é a cidade dos sonhos, a gente sonha assim... a gente sonha alto! A gente quer estudar, ter bom estudo, ter bom emprego, e aqui não tem. Eu acho que aqui é bom pra quem tem seu próprio negócio, se der pra pessoa montar um comércio, seu próprio negócio, mas agora pra você trabalhar, pra você se formar, aqui...Eu, na minha opinião, não é legal não aqui.

S4- A gente tem que arrumar um emprego melhor pra gente pagar os estudos da gente porque os empreguinhos que a gente arranja, não dá pra pagar os estudos. Enquanto tá no segundo ano ainda tá bom, mas aí depois na faculdade? Não dá!

P- Eu notei que muita gente reclama da falta de emprego, mas pelo estudo que foi feito na primeira etapa da pesquisa foi notado que muita gente trabalha, 78% diziam que tinham atividade remunerada. Então eu queria que vocês falassem um pouco sobre isso. É o tipo de trabalho?

S3- Eu acho que é o tipo de trabalho que o ganho é muito pouco.

S1- O ganho é pouco...

S2- E muitas vezes a pessoa tem que trabalhar mais pra mais na frente construir mais estudo pra ver se conclui uma faculdade melhor.

S1- Porque aqui você vai trabalhar...você trabalha numa loja dessas, certo? Você não ganha, não ganha bem. Eles só pagam aqui um salário e só ganha um salário quem tem carteira assinada. Então, só ganha bem quem tem um estudo bom, quem tem ...eu acho que em todo canto é assim, mas aqui eu acho aqui muito fraco. Eu acho que aqui não é bom pra emprego não.

S4- Eu já acho um pouquinho mais diferente vocês tão falando que não tem... como é que se diz...Estatura física. Já eu sou diferente, porque eu tenho, mas eu não gosto da cidade. Ao contrário totalmente. Eu tenho tudo o que vocês gostariam de ter, só que eu não gosto da cidade. Não sei porque, mas eu moro aqui desde pequenininha.

S1- Eu não gosto daqui porque no que eu queria me formar, o que eu queria pra mim não tem aqui, entendeu?

S2- Exatamente. Muita gente quer se deslocar daqui porque a faculdade não tem aqui tanta faculdade que tanta gente quer. E aí fora tem muito tipo de faculdade e aqui em Tauá não tem, mas aí os jovens vão mais é colocar na cabeça: ah eu vou sair, vou me embora pra Fortaleza, pra SP, de lá vou trabalhar e vou fazer uma faculdade melhor.

P- Vocês acham que as pessoas saem mais pra estudar ou por causa do trabalho?

S2- Eu acho que mais por causa do trabalho.

S4- É e às vezes não consegue. Vai pra trabalhar e não consegue.

S1- Nem sempre é do jeito que a gente sonha, as vezes não dá certo.

S3- a maioria dos jovens também se sair bem antes de terminar os estudos.

S5- Aí consegue emprego melhor quem tem mais estudos, quem não tem...não consegue emprego legal não.

S6- Eu acho que em todo lugar é assim, só ganha bem quem tem um bom estudo. Todo lugar é assim. Eu penso assim, né?

S3- Às vezes nem tanto.

S6 – Não... Assim, porque o estudo influi muito, né? Todo emprego que você vai atrás eles pedem um currículo assim com...todo emprego que você vai arrumar, eles exigem logo o segundo grau, aí depois vem as outras coisas.

S7- Hoje tá uma exigência grande!

S5- Já aqui em Tauá é um pouco mais fácil, porque aí por fora pra você conseguir um emprego tem que ter um currículo que tenha experiência. E aqui não tem como, né?

S1- Minha família foi toda, mora toda em Fortaleza, porque minha mãe morava aqui, mas não gostava, pra ela não era bom. Então eles foram pra lá e graças a Deus, todos se dão bem. Eles gostam de lá, a vida lá é outra, né? Ninguém fala nem em voltar não.

P- Vocês acham que as pessoas que saem daqui para outros Estados, pensam em voltar?

S3- Eu acho. Muitas, a maioria pensam em voltar.

S2- Os que tão lá tão pensando em vir e os que tão aqui tão pensando em ir!

S2- Por causa do desemprego, e muita gente também não pensa. Porque diz: ah eu vou pra SP, mas não para um pouco pra pensar como é a vida lá fora que é totalmente diferente da vida aqui de Tauá.

P- Como vocês acham que é lá?

S3- Eu acho assim, que tem uns que já vem porque já ganharam lá e hoje já tão ...já faz muito tempo. Tem uns que vem porque tem seu dinheiro, assim, que já pode chegar aqui e colocar alguma coisa e trabalhar pra ele mesmo. E outros também têm aquela diferença também que já tem muitos anos, e também não conseguiram nada. Aí já vem embora porque vê que ta na mesma... Melhor ta aqui onde você nasceu do que ficar lá girando, né?

Eu acho que são essas duas coisas: a pessoa nasceu aqui, mora aqui e vai pra SP, também não adianta forçar lá até ficar velho lá, tem que voltar pra sua cidade!

S4- Mas você sabe que as pessoas vão muito iludidas pra lá, achando que lá é fácil, mas às vezes nem é tão fácil.

S3- Não é nada fácil!

S1- Eu conheço muita gente que já foi e que quebraram a cara, não era o que elas pensavam, já outras foram e se deram bem.

P- Quem pensa em sair daqui podia falar um pouco o que tem vontade de fazer e pra onde quer ir?

S2- Eu quero ir pra SP. Uma que eu já vou, no ano que vem eu já vou se Deus quiser, mas quando eu chegar lá eu quero...Eu vou com o meu pensamento assim: chegar lá trabalhar, uns dois, mais ou menos um ano ou dois anos se for preciso, pra mim concluir uma faculdade. Que é o meu sonho é concluir uma faculdade. Não vai ser logo de início, mas quando eu chegar lá vou logo trabalhar pra mim concluir uma faculdade.

S2- Meu também. Eu vou terminar o segundo grau aqui e no próximo ano eu vou pra Fortaleza, morar com a minha mãe e minha vontade é essa também, de concluir uma faculdade. Eu tinha um sonho que era me formar pra odontologia, era meu maior sonho, só porque, assim... eu não fiz o que minha família realmente queria que eu fizesse, eu fiz tudo totalmente ao contrário, só que hoje meu pensamento já é outro. Pra mim o que eu tenho vontade de me formar é pra administração, tenho muita vontade, eu tão eu se Deus quiser, vou conseguir.

S6- Eu também porque a minha família mora toda lá e eu moro só aqui, também pretendo fazer faculdade em Fortaleza, mas se aqui tiver o que eu quero, posso até fazer aqui, mas se eu tiver que ir pra fortaleza... É o jeito.

S3- Pelo jeito eu acho que todo mundo aqui vai embora!

(risos)

S3- Eu acho que eu também, na hora que terminar aqui, no ano que vem talvez eu vá pra Fortaleza. Fez um ano agora que eu vim, acho que vou voltar pra lá de novo.

S5- Eu tinha muita vontade de ir pra SP, mas só que eu vou ficando por aqui mesmo. Eu sou a única que eu acho que não vai embora! Eu trabalho faz cinco anos que eu trabalho na educação, concursada, então do jeito que eu tô eu acho que a minha vida ta ótima, eu vou ficando...acho que eu só vou pra outra cidade agora, uma cidade que eu tinha vontade de ir desde pequena era SP acho que eu só vou lá conhecer.

S7- Eu tenho vontade de ir morar em Fortaleza, mas eu não tenho conhecido lá não. E pra mim eu acho que lá é mais fácil arrumar um emprego do que aqui.

S8- E eu também quero ir é pra SP.

S4- Ah, eu penso em ir é pra SP, pra mim arrumar emprego melhor, vê se eu faço uma faculdade porque aqui, não arruma trabalho que dê pra fazer uma faculdade, o problema é minha mãe deixar, minha mãe não quer.

P- E como vocês pensam nessa perspectiva de sair o que vocês sentem?

S1 - Eu já morei lá muitos anos, já estudei lá, estudei lá três anos, gostava muito de lá, então porque eu voltei mesmo porque eu gostava daqui, entendeu, mas pra mim...eu adoro lá, gosto muito de lá, pra mim se eu for acho que não vou nem sentir falta daqui não.

S2- Pois eu vejo assim: acho que se minha mãe fosse comigo eu não ia lembrar daqui, não. mas como a minha mãe vai ficar, tem dia que eu já choro, já de agora. Eu sei que vai ser difícil, mas eu vou.

P- Precisa ir?

S2- Precisa e eu quero.

S3- Ela vai mas volta.

S6- Eu também gosto de lá, fui criada desde menina lá vim embora pra cá, vai fazer um ano agora em janeiro, por coisas...é...resolvi me casar cedo e vim pra cá. Foi isso que me trouxe pra Tauá, porque eu não gosto daqui lá tem muitas coisas...o que tem lá não tem aqui e o que tem aqui não tem lá. Isso que pé ruim.

P- Como o quê?

S6- Muitas coisas! Praia, shopping...

S1- Tudo o que tem aqui tem lá.

S6- Mais ou menos...sei lá...eu nem conheço Tauá direito!

S3- Eu sinto saudade da mãe. Tem dias que eu to com saudade de lá, mas eu sei que quando eu chego lá eu fico com saudade daqui, fico lembrando...

S4- Eu nunca saí daqui, mas se eu fosse eu ia sentir muita falta da minha família, porque é muito bom ta com a família, mas nunca tem o que a gente quer na família, a gente tem que procurar melhoras na vida da gente.

S1- Tem dias que você tá assim, com vontade de ver a mãe, conversar, aí a gente sente falta.

S3- Ainda bem que eu tenho tios lá, tenho um monte de tios lá em fortaleza, mas você sabe que não é igual.

S2- Nunca tem como a casa da mãe da gente.

S1- Tem dias que eu sinto muita falta da minha mãe, que eu sou muito apegada a ela. Ela é muito minha amiga, mas eu só to aqui ainda porque eu tenho um esposo e tenho um filho de 4 anos, aí eu também não posso ir, mas eu vou concluir o segundo grau e aí no próximo ano eu vou, com meu esposo e o meu filho.

P- O que vocês acham que poderia ser feito pra mudar essa realidade? Porque pelo o que foi visto na primeira parte da pesquisa a maioria das pessoas pensam em sair, mas também a grande maioria gosta daqui.

S6- Pra mim, eu acho assim, já que as pessoas estão saindo pra outras cidades, pra poder arranjar emprego ou estudo...por exemplo, aqui em Tauá deveria ter mais estudo como a gente quer faculdade. Aqui tem faculdade, mas não tem todos as áreas que a gente quer e emprego também. Aqui emprego tem, mas o pagamento que é pouco, tem gente que não gosta e prefere ir pra um canto que pague melhor e possa melhorar de vida.

S2- O que Tauá tá precisando mais é de industria. É que industria é que traz mais emprego, então se ela crescesse mais um pouquinho, acho que muita gente ficaria em Tauá e desistiria de ir embora. Porque os empregos aqui são fracos.

P- Como é que são os empregos aqui?

S2- Mais é vendedor, venderem loja ou então no comércio.

S3- Mercantil, assim, comércio...

S6- Mercantil, os que trabalham, trabalham muito.

S3- Trabalham muito e ganham pouco.

S7 trabalham pra morrer e ganham uma miséria!

S2 - E a maioria , muitos deles, trabalham em mercantil e já terminou o segundo grau.

S7- E não ganha nem o salário. Meu irmão nem carteira assinada. Tá com quatro anos e não assinaram a carteira!

S1- Esse é um grande problema aqui, carteira assinada. O pessoal corre muito atrás. Eu acho que quem tem carteira assinada tem um ganho melhor, né? Porque você tem todos os direitos. Eu acho que quem não tem a carteira não tem tantos direitos. É por isso que o pessoal corre muito atrás pra assinar a carteira, pra ter seus direitos.

S3- Eu acho que aqui em Tauá, o empreginho mais ou menos que tem é nessa prefeitura aí.

S2- Se não fosse ela...

S1- Os empregos melhor quem em Tauá, é trabalhar nessa prefeitura.

S4- Em casa de família a gente trabalha e ainda agüenta muita humilhação.

S6- É o pior emprego que tem sabia?

S4- É, a gente trabalha porque a gente precisa.

S7- Dinheiro nenhum no mundo paga.

S1- Mas eu acho assim, que essa parte de humilhação, eu acho que é em todo emprego.

S3- É geral!

S2- É geral...

S4 - Mas em casa de família a gente agüenta mais. Eu sempre trabalhei em casa de família e a gente sempre agüenta muita humilhação. Em casa de família é incrível!

S6- Por isso que é bom a gente se formar pra poder não ta só naquilo...a gente ir, se formar e ganhar melhor.

S5- Pode prestar atenção que as faculdades daqui só é pra quem vai lecionar, porque o único emprego melhor da cidade é professor.

(Todos)- É só o que tem!

S5- Exatamente. Não tem uma indústria, não tem outra coisa! O pessoal não vai fazer faculdade pra ir pra uma casa de família, não vão fazer faculdade pra ir pra uma loja ser vendedor,

S2- Mas muitos deles param os estudos por causa disso, porque não tem no que trabalhar aqui em Tauá!

P- vocês falam muito de fazer uma faculdade pra poder melhorar. Quantas faculdades tem aqui?

S2- tem a UVA, tem a UECE, tem...

(outros)- tem mais, são umas quatro

P- Em relação aos trabalhos, eu notei nos questionários que alguns disseram que trabalham também na agricultura. Vocês acham que há estímulos pra manter as pessoas trabalhando na agricultura?

S2- De primeiro as pessoas se mantinham mais no campo, hoje se procura assim e não tem devido que as pessoas vão se aposentando e vai deixando a vida do campo e os mais novos

não querem ir pro campo. Só que ia mais pro campo era os mais velhos. E hoje em dia os mais velhos, já tem seu próprio emprego, que é o seu aposento e não vai tanto ao campo e os jovens não querem ir pro campo, querem é vida melhor.

S3- Mas ainda tem muita gente. É demais! Nesses interior daqui de Tauá que sobrevive disso aí. Pior que o pessoal vive bem, tem vila aí que aqui pro lado de Santa Tereza, a maioria do pessoal é gente que tem seus negócios e tudo, mas que ainda planta, parece que planta e compra também porque na época que melhora o preço do legume ... e tem muita gente, gente demais! Aliás, até aqui, o pessoal da rua também todos plantam.

S2- Mas de primeiro, o pessoal plantava mais que hoje em dia.

S7- Realmente...

S2- A gente conversando com os mais velhos, como nossos avós, como eu converso com o meu pai, de primeiro, todo mundo tinha uma rocinha seja onde for, mas hoje não, tem muita gente que não planta mais. É totalmente diferente de como era a vida de primeiro.

S4- Mas os jovens não querem ir pra roça, eles querem ficar com uma vida melhor.

S5- Os jovens que você vê mais na roça, no campo mesmos são os jovens do interior.

S4- São aqueles que já nascerem lá e moram lá.

S6- Exatamente!

S1- Os que tão aqui, não querem ir pra lá.

S5- Por exemplo, eu trabalho em uma escola no interior e tem rapaz de quinta a oitava série, que já são rapazes que já deveriam estar terminando o segundo grau, não pode porque na localidade dele não funcionava escola antes. Aí eles tinham que trabalhar ao invés de vir estudar.

S2- Têm muitos desses do interior que trabalham, ainda jovens porque não tem oportunidade de vir aqui pra Tauá. Mas se tivessem, eles deixavam a vida no campo e vinham aqui pra Tauá.

S3- Pois eu ainda planto, sabia? Meu pai tem um terreno lá, todos os anos eu planto lá. Todos os anos, no começo do ano assim, eu tenho que pagar duzentos reais ou mais só pra aradar só pra passar o trator. Depois eu pago uns quatro caras pra plantar e pronto. Sempre aqui em Tauá, quando eu não to fazendo nada...só se eu tiver trabalhando aqui. Se eu não tiver eu planto. E eu é que tiro as limpezas tudinho...

S2- Hoje muitos jovens não sabem o que querem. Aí se acabam na malandragem, acabam por só beber, fumar acaba se esquecer a vida lá fora e não pensa muito.

P - Com relação ao lazer, como é em Tauá?

S3- Eu acho muito caído.

S1- O lazer aqui não é muito bom não.

S5- Pois eu já acho legal o lazer daqui. Por que aí por fora, nas outras cidade é mais perigoso. Por exemplo, aqui quando tem uma festa no clube, a maioria do pessoal se conhece. Quando tem um evento desses maior, que vem bastante gente de outra cidade aí é que tem gente diferente. No final de semana...até no meio da semana tem coisa pra você curtir na cidade

P- Quais são as coisas que vocês acham importantes pros jovens na cidade?

S1 - Acho que todos eles procuram mais empregos, né?

S2- O emprego vem em primeiro lugar.

S1- Acho que todo mundo tem vontade de trabalhar, né? Ter um emprego bom. Eu acho que é o eles mais procuram. Primeiro o emprego depois o lazer, por que eu acho que você não vai se divertir se você não tem como se divertir. Pra você se divertir você tem que ter...

P - Vocês falaram com relação a indústria e o que mais que pode ter no município, o que mais que pode ser feito?

S3- Só se a cidade crescer mais,

S5- Mas Tauá tá a cada dia crescendo mais, porque quando eu cheguei aqui, tem quatro anos, a gente morava no interior e o meu pai trouxe agente para estudar. Faz quatro anos que eu moro na cidade, então, quando eu cheguei, tinha pouquíssimas casas, então, já vi que cresceu mais em todos os sentidos, só que foi faltando o quê? O emprego, que é o que mais falta aqui. Esqueceram, eu acho!

(risos)

S5- Que o pessoal que morava no campo

S2- Foram se mudando pra Tauá

S5- Exatamente.

S1- Eu acho que se tivesse empresas, fábricas, assim alguma coisa que pudesse arrumar muitos empregos, empregar os jovens...aqui não tem uma fábrica, algo que possa empregar os jovens...

S5- Aqui tinha! Já teve, porque tinha a fábrica de doces.

S3- Mas essa fabricazinha... aí era muito...

S2- Mas era uma fábrica!

S7- Mas tinha e ela podia expandir.

S5 - Agora não sei qual foi o motivo que acabou.

P – Vocês estão me dizendo que as pessoas estão vindo do campo pra cá, o que está estimulando isso?

S7 – Eu acho que é porque a vida das cidades pequenas é mais calma do que nas cidades grandes, procuram assim, tranquilidade, paz e tem outros que já saem daqui pra ir pra longe, que já não gostam daqui, querem uma vida mais agitada.

P – Mas falando das pessoas que vem das comunidades rurais pra sede de Tauá. Vocês tão dizendo que tem muita gente vindo das comunidades pra sede. Se aqui não tem emprego, o que tá atraindo essas pessoas pra cá?

S8- Muitas vezes é por que os pais querem que os filhos terminem os estudos como lá não tem escola é por isso, e muitas vezes não dá certo. Eles têm que voltar. Com meu pai aconteceu isso. Veio pra cá pra gente poder estudar, mas teve que voltar pro interior.

Aqui o emprego é diferente da vida no campo, pras pessoas no campo. Lá é difícil um dia de trabalho, mas tem a roça em que a pessoa plante e colhe e dá pra sobreviver, já aqui é mais diferente pro agricultor que vem pra cidade.

S3- Mas também a maioria que vem se dá bem aqui, por que aqui, qualquer negócio que você colocar dá, no interior não dá. Por exemplo: se você colocar uma banca de pastel aqui tem como vender, no interior não tem, né? E também se o cara for malandro e colocar dá, lá interior não só é mais a roça. Então se colocar um mercantil, na vila no interior tem um ou dois...aí muitos deles tão vindo e tão se dando bem, ou muitos deles já tem um emprego. A mãe mesmo sempre trabalhou no colégio, tá com quase trinta anos. Começou como professora, depois colocaram pra ser diretora do colégio, porque antes quem tinha a quinta séria ensinava, depois foi que mudou, a mãe hoje é zeladora e trabalha na cantina sendo merendeira. Então outros têm um emprego e transfere. A mãe transferiu. Eu acho que se o cara vem pra cá ficar se fazer nada é muito melhor ficar lá.

S5- Porque já vai o custo, porque aqui na cidade ele já vai ter que pagar aluguel, água, luz e o gás.

S3 – Aí já morre, só com o aluguel já dá pra morrer!

S2- E incluindo o gás?!

S4- Aqui você tem que trabalhar em alguma coisa, senão você não sobrevive não.

S5- Mais lembrando que aqui tem melhores condições do que em outras cidades. Em outras cidades...por exemplo aqui, você tem a casa dos seus pais, se você trabalha, ta trabalhando só pra você, por que seu pai tá te sustentando no resto das outras coisas. Aqui você trabalho só pra ir festas ou em algum lazer e vestir-se por que aqui quase todo mundo trabalha só...

S3- É por que aqui em Tauá você chega na casa de uma mulher... vou contar uma história que eu trabalhava lá em Fortaleza e tinha um cara que trabalhava lá e ele era daqui. Aí os caras falaram assim: Araújo, como é que são as mulheres lá de Tauá?

Aí ele falou assim: lá é o seguinte você chega na casa de uma menina, tem uma televisãozinha num canto e uma cadeirinha de balanço lá no outro canto, mas você não vê nada, mas de noite desce pra praça e vá ver ela lá, como ta toda na seda!

S1- O pessoal daqui é assim, é muito vaidoso. Você vê aí afora em Fortaleza, São Paulo, o pessoal não liga muito em andar bem vestido aqui já é diferente, o pessoal gosta muito é de se vestir bem.

S3- Tem que vestir uma roupa só uma vez, se for pra festa tem que vestir só uma vez, for outra o pessoal já fica falando que você só tem aquela.

(risos)

S2- Tem uns primos que chegaram de SP há uns quatro meses, eles andam com as roupas rasgadas e tudo. Aí eles começaram andar aqui no Tauá, todo mundo começou a mangar deles, eles já tiveram que mudar de vida aqui no Tauá, lá em SP eles nem ligavam.

S1- Cidade do interior é assim. O povo liga muito pra vida dos outros.

S5- O pessoal todo se conhece.

S3- Eu já não gosto disso. A (nome do S5) acabou de falar que é bom porque vai em uma festa e todo mundo se conhece, eu já nem gosto disso não.

S1- É bom com pessoas diferentes, novas amizades.

S3- Não pode fazer nada que no outro dia também já é o comentário.

P- Em relação a essa coisa da vaidade, de que o jovem daqui gosta de andar bem vestido, volta de novo a relação com o trabalho, se você não trabalha fica difícil andar bem arrumado. Queriam que vocês falassem um pouco sobre isso, como é que vocês se viram?

S1- Eu não trabalho, nunca trabalhei. Quem me dá tudo é o meu esposo e minha mãe. Minha mãe é tudo pra mim e pro meu filho, só que eu sei que não vou passar o resto da vida dependendo dela. Às vezes eu preciso de alguma coisa prefiro pedir a ela do que ao meu esposo, por que ela não me nega nada. Eu penso assim eu quero trabalhar, mas eu quero um emprego bom, porque eu sei que não vou depender o resto da minha dela. Eu tenho vontade de trabalhar, mas eu quero um emprego bom, né?

S2- Eu trabalho, mas quem me sustenta mesmo é minha mãe. O que eu ganho dá pra mim viver pra comprar minhas roupas? Não! Quem compra a maioria é a mãe o que eu ganho é muito pouco e não dá pra quase nada a mãe e o pai é quem banca tudo.

S1- A gente tem vontade de arrumar um emprego pra não depender tanto dos pais.

S4 - Tem hora que eles falam. É assim, ou trabalha ou depende dos pais ou dos avós. Tem uns que tem mais sorte.

S1- É tem uns que tem uns avós tão bons...Eu tinha uma avó que era muito boa, mesmo que ser minha mãe, mas infelizmente ela morreu.

S3- Eu só tenho a mãe. O pai mesmo nunca me deu nada não. Esse negócio de dar dinheiro pra ir em festas, acho q ele nunca deu nenhum real.

S4- Ainda bem que eu não vou a festas, pq se fosse meu dinheiro não dava pra ir pra festas e comprar minhas coisas não. Ainda bem q não vou festas!

P- Quanto é a média de salário dos jovens de Tauá.

S6 - Oitenta, cem, cento e cinquenta no máximo.

S1- O máximo é cento e cinquenta .

P - Por mês?

S1- É.

S3- Eu acho que o salário máximo que tem aqui é de 300 reais.

S6- É aqueles de carteira assinada?

S3- É.

P- As pessoas assinam a carteira?

S2- Aqui se você chegar pra um gerente de uma loja e pedir pra assinar a carteira, o gerente manda logo você embora!

S5- você tá logo é pedindo sua demissão!

S3- Eu acho que não vale a pena assinar sua carteira pra ganhar cento e cinquenta reais, não.

Só vale se for pra ganhar pelo menos 300.

S1- Tem aqueles que trabalham e não tem 13º, não tem folga...

S2 - É a maioria. As minhas amigas que trabalham em lojas eu pergunto se tem 13º elas dizem que não.

S4- E quem trabalha em casa de família não tem folga de ir nem no médico. Eu sou uma que não tem folga pra ir nem no médico, imagine folga pra me divertir ...só tenho dia de domingo por que eu não vou mesmo.

S1- Eu acho que a pessoa que trabalha em casa de família tem também todos os direitos, que a pessoa não pode explorar demais.

P- Quantas pessoas aqui trabalham?

- seis pessoas.

P- Quantas tem carteira assinada.

- nenhuma.

P - Quanto é média salarial?

S1- No máximo cento e cinquenta.

S1- Aqui o pessoal desvaloriza muito quem trabalha em casa de família, nunca vi ninguém falar que ganhasse mais de cem reais.

S4 -Aqui se você ganha cento e cinquenta você morre de trabalhar, tem que trabalhar o dia inteiro e até a noite.

P- Vocês acham que os jovens daqui estão podendo estudar?

S5 -Oportunidades eles querem.

S6- Agora tem muitos que não querem.

S5 – Aqui é mais fácil, no interior é mais difícil.

P- Se vocês pudessem avaliar como está a vida hoje como avaliariam.

S2- A minha ta médio. Tenho que trabalhar, quando chega no final de dia é humilhado, no final do mês é humilhado e no final do mês ganha pouco.

S4 - A minha ta média, trabalho muito...

S7- Média. Eu trabalho em casa de família. A gente trabalha muito, muitas vezes é mal tratado e ganha muito pouco. É humilhado, pq. existe muita humilhação em que trabalha em casa de família e é o emprego que tem mais aqui em Tauá.

S5 - Além da pessoa ganhar pouco a pessoa ainda é muito humilhado.

S1- Aqui em Tauá o pessoal não sabe valorizar. Eu tinha uma amiga que trabalhava em casa de família e a patroa dela humilhava ela. Eu dizia mulher, sai desse emprego, procura empregos melhores. Ela dizia: não mulher, eu preciso muito desse emprego. Então várias vezes eu chegava lá e ficava besta com o jeito que ela tratava ela. Eu acho que não é por aí, não é porque a pessoas precisa trabalhar em casa de família que precisa ser humilhada.

S4 - Com certeza. Eu já trabalhei em uma casa que o filho da minha patroa me bateu. Eu não fiz nada, a minha mãe também não fez nada, mas não é por que ele era filho da minha patroa que ele tinha que me bater, né? Mas é a vida, a gente tem que ...

S3- Eu, se for pra trabalhar em Tauá pra ganhar cem, cento cinqüenta reais aqui em tauá, não agüento ser humilhado, não se me humilhar, vou embora na mesma hora. Prefiro ir pra roça. Claro que o cara que mora aqui não quer se deslocar pra ir trabalhar na roça, porque o cara falar em roça o pessoal fica é mangando, roça não coisa de se falar não, né. Mas só que se o cara ganha cem reais no mês, na roça ele, assim no verão, do jeito que ta ele não tira nada, mas no inverno no tempo de plantar e colher, pra tirar cem reais o pessoal tira em uma semana, porque dez reais todo dia até 11h, você ganha e não falta serviço não aí o cara trabalha o mês todo pra ganhar cem reais. E o pior é que vai muita gente da cidade pro interior no inverno trabalhar lá e lá paga muito melhor do que aqui. Eu não vou trabalhar em mercantil pra ganhar cem e cento e poucos reais não.

P – E o que pode ser feito?

S3- Não sei, eu queria conseguir coisa melhor, trabalhar pra ganhar cem reais eu não quero não, melhor é ir logo pra Fortaleza ou então pra São Paulo pra ganhar um pouco mais.

S1- Já em falar em migração, tem muita gente que não tem vontade, a minha mãe, mora uma moça lá com ela e ela já vem embora agora e a minha mãe pediu pra eu procurar alguém pra morara com ela. Já tem dias que eu procuro, aí eu pergunto: fulana, você quer ir morara em Fortaleza com a minha mãe? Não Deus me livre de morar em Fortaleza! Porque lá é muito perigoso! Já faz dias que procuro, já falei com várias pés mas ninguém quer ir e que ta lá quer vive embora porque lá é ruim de sair, m vive trancada porque é perigoso e lá não tem amigos quer voltar. Tem uns que pensa em sair, outros não.

S3- Pois eu gosto é muito de Fortaleza, gosto mais que de São Paulo, muito mais! Fortaleza é sossegada, pra mim não é perigoso. Acho que depende mais dos lugares, se você não andar assim nos lugares perigosos.

S4- Violência tem em todo canto. Aqui também tem, ninguém pode dizer: não vou sair, ficar só dentro de casa porque tem violência.

S3-O Brasil ta mais violento q no Iraque, tava passando no comando 22 , o Ferreira Aragão falou que só nesse ano no B já morreu 50ml pessoas no B, enquanto que quando houve aquela guerra no I só houve 30mil mortos e aqui no B só em um ano já fora 50 mil e não terminou nem o ano ainda.

P- Vocês acham que Tauá é violento?

S7- Não era, mas ta ficando.

S1- Acho que o que mais acontece aqui é roubo.

S8 – É que muitas vezes os jovens que não estudam, eles roubam pra se divertirem, pra beber, pra...

S4 – Aí volta a mesma história: desemprego, os jovens roubam pra se divertirem, mas eu acho que isso não é certo a pessoa tem que procurar alguma coisa pra fazer porque isso aí...

S3- Aqui em Tauá agora no momento aqui ta bom, ta sossegada porque a cidade ta policiada.

(Todos) – É, ta melhor, é o que tá acontecendo...

S1 - Mas ta mesmo, porque teve uma época que Tauá tava fora de sério!

S3- Ta muito menos. No ano passado, nessa época, quando eu cheguei de Fortaleza, aqui era todo final de semana roubavam uma moto, era direto, roubavam moto demais! Agora que essa polícia do Gate chegou é difícil se ouvir falar em roubo aqui. Diminuiu muito, mas era demais no passado.

P- Vocês querem colocar alguma coisa importante, fazer algum comentário?

S3 - Eu acho que todo mundo aqui que mora em cidade pequena como Tauá, todo mundo trabalha, não tem, emprego fixo, mas todo mundo trabalha. Agora numa cidade grande é mais difícil, você chega vê e não conhece nada se não tiver uma pessoa conhecida pra te levar pra dar uma força pr você é difícil! Porque você ficar desempregado numa cidade grande é difícil! Agora aqui em Tauá não, aqui já é cidadezinha pequena que tem muita gente conhecida, família e tudo, acho que todo mundo aqui trabalha.

S4- Trabalha, mas não é o emprego dos sonhos da gente, mas tem que trabalhar em alguma coisa.

S3- Agora que não é satisfeito, não fica bem.

S5- Não é o emprego ideal.

S3- Não é um emprego que você possa comer, vestir bem , viver uma vida mais ou menos.

P- Como é o emprego ideal? Como é esse emprego que possibilita comer, vestir, que tipo de emprego e com renda de quanto mais ou menos? Porque 78% trabalham e vocês dizem que com uma renda de 80, 100 reais, quanto seria uma renda que daria pra pessoas se manterem?

S6- No meu caso, já que eu não gosto de festas, não tenho que gastar com filho, pra mim 150 já tava bom demais! Porque tem meu marido que trabalha e eu também trabalho e como é só pra nós dois...

P- Você ganha menos que isso? Menos que 150?

S6- É.

S3- Eu acho que a média para se viver bem no Tauá. No caso que tem umas meninas que são casadas eu acho que se o cara ganhasse uns 500 reais dava pra viver tranquilo em Tauá.

P- Uma família?

S3- É, mas quer dizer família e também quem é solteiro também. Se ganhasse pelo menos uns 350 450 dava para viver.

S6- Em Fortaleza em casa de família tem gente que, como babá, ganha 200, dependendo do lugar e tem gente que é mais humilde e paga melhor do que aqui. E aqui tem gente que ganha muito bem e paga uma mixaria. Pode prestar atenção nisso.

P- E vocês meninas o que acham?

S7- Lá em casa nós somos só três pessoas, mas pra viver melhor um pouco 500 dava pra nós três viver melhor.

P- 500 reais pra tua família?

S8 - Sim.

S4- Lá em casa são sete pessoas e aí tinha que ser muito dinheiro e lá em casa todo mundo trabalha e a gente ainda paga aluguel

S1- Lá em casa só são três eu, meu filho e meu esposo, mas graças a Deus o que ele ganha e também tem minha mãe que me ajuda muito e com o que ele ganha dá pra gente sobreviver.

P- Se você fosse pensar em um salário ideal que você gostaria, com as possibilidades atuais de vocês, com o grau de estudo, com a experiência profissional que vocês tem, quanto vocês acham que dava pra ganhar por mês, quanto vocês acham que seria justo?

S2- No meu entendimento, eu acho que assim, uns 200 pra mim seria justo já. Eu já sobreviveria, sério mesmo, sobreviveria bem mesmo.

S1- Acho que pra mim tinha que ser um salário mínimo. Acho que seria um bom dinheiro , que todo mundo gostaria de ganhar. Pra quem tem um estudo, do jeito que a gente ta aqui, um salário mínimo seria legal.

S6- Pra mim do mesmo jeito um salário mínimo tava bom.

S3- Pra mim depende do lugar, porque aqui em Tauá eu acho que não tem condição de ganhar nem cem reais, mais lê fora, tenho capacidade de ganhar até 1000reaispor que a maioria do pessoal que vai daqui do norte pra SP trabalha mais é em restaurante, então um cara que trabalha em uma cozinha, um ajudante de cozinha já ganha 500 ou mais de 500 reais então um cara que é um garçom é de 1000 pra lê de 800 pra lá, então depende do lugar, né?

S5- Aqui por exemplo em Tauá um professor que é concursado ganha uns trezentos e cinquenta no mínimo e já quem tem faculdade já ganha uns 450, quase 500 reais, acho que é a base, pra uma cidade pequena também que tem poucos recursos.

S7- Eu acho que um salário mesmo pra cada pessoa que trabalha seria o ideal,

P- Vocês acham que vocês que estão em casa de família, esse valor é que seria justo com o nível de trabalho e com a profissionalização .

S8 - Um salário.

S7- Duzentos.

S4- Duzentos pra mim também já tava bom.

S3- Aí vocês que trabalham assim em casa de família não recebem 13º não, né?

(risos)

S1- Aqui tem gente que trabalha, tem emprego é bom e não recebe.

S6- Imagine em casa de família!

S5- Até na prefeitura é mais fácil, porque você recebe 13º, terço das férias, abono.

S1- Quem tem um emprego assim da prefeitura é muito bom, né? Porque inclui tudo.

P – Tem mais alguma coisa que vocês queiram colocar?

S2- Acho que não.

S6- Acho que falamos muito!

P- Então nós terminamos por aqui, obrigada a todos.

GRUPO FOCAL II (G2).

Local: Tauá

Data: 13/12/2005

Pesquisadora (P): Bom, então, vocês lembram que a gente fez aquela primeira parte da pesquisa onde foram feitas algumas perguntas sobre migração. A idéia é saber sobre as perspectivas de emigrar, a idéia de sair ou não da cidade. E o resultado foi o seguinte: 75% das pessoas que responderam, dizem que querem sair de Tauá. Querem ir embora. Nas respostas disseram que a principal causa é a falta de trabalho, mas também 78% disseram que trabalhavam. Eu gostaria que vocês conversassem comigo sobre isso. Quem é que pensa em sair, em ir embora de Tauá. O que vocês acham que faz com que as pessoas saiam?

Sujeito 1 (S1): Quando eu respondi o questionário, tinha uma cidade onde tinham uns primos da minha mãe, que ficava lá pro... em Minas. O que ocorreu é que quando foi em outubro essa prima ligou pra minha mãe dizendo que já iam morar em Pernambuco. Aí não tinha mais como eu ir pra lá. Lá na cidade tem várias oportunidades também, nas lojas as pessoas têm a carteira, trabalham de carteira assinada. Aí ela ligou dizendo que não dava mais.

P: Lá, quer dizer que as pessoas trabalham de carteira assinada. Como é que é a questão do trabalho aqui?

S1: Aqui nessas lojas só quem trabalha mesmo com carteira assinada é quem trabalha na (nome da empresa 1), (nome da empresa 2), (nome da empresa 3). Nessas outras lojas só o que você ganha mesmo por mês, 70 reais, 80... Depende de você também vender.

S2: Mas ainda tem uns que trabalham de carteira assinada e não ganham o salário mínimo. A carteira é assinada com um salário mínimo, mas ganha um valor menor ainda.

S3: Comissões, né? tem que atingir uma meta, uma quantidade x de comissões. Tem carteira assinada, só que não ganha um salário mínimo. Se você for um bom vendedor, só em comissões você pode atingir um salário mínimo. Mas se não for um bom vendedor, não consegue fazer...

S1: Eu também conheço pessoas que trabalham de doméstica que... Há uns tempos atrás estava havendo que... se fosse pegada empregada sem ter carteira assinada, a proprietária da casa ia sendo processada. Aí houve algumas histórias que... Eu conheço uma moça que trabalha... Lá a mulher fez um acordo pra ela quem viesse perguntar se ela trabalhava de carteira assinada, ela dissesse que sim. Mas ela só ganhava mesmo 70 reais. Nem trabalhar de carteira assinada, ela trabalha. Mentira, fizeram esse acordo, a patroa fez esse acordo com ela. Qualquer oficial, alguém perguntar, ela dissesse que trabalha de carteira assinada.

P: Então parece que o problema aqui não é o desemprego, é o valor que é pago pelo trabalho. É isso?

S3: Na verdade, é os dois...

S4: De janeiro até julho...

S3: Afeta tanto uma parte como a outra. Existe algumas opções, certo, de emprego. Não é toda hora que você chegar num comércio desses que você vai arrumar um emprego. Não é assim. Existe algumas ofertas, certo... mas que não dá pra pessoa se manter, só se a pessoa for... Se a pessoa for um arrimo de família, por exemplo, uma pessoa que ajuda nas despesas

de casa, um jovem, uma coisa assim, não dá pra se manter aqui, certo, com as ofertas de emprego que tem. Que tem, mas não é que tem o suficiente, não tem. Agora você tipo estudando, pra se manter, ainda dá, né? aos empurrão...

P: Você estava falando com relação ao desemprego...

S4: Desemprego... Não é fácil não. O negócio é que arranja emprego assim quem tem o 2º grau completo e é difícil ainda! Tem que batalhar bastante!

P: Qual o tipo de trabalho geralmente pra quem tem 2º. grau completo?

S4: Depende, de professor a...

S1: Trabalhar nessas lojas, como na (nome da empresa 1), nessas firmas, só quem trabalha lá é quem tem o 2º. grau completo. E as pessoas que não tem, eles dão assim um tempo determinado pra eles terminar os estudos.

S4: Pra todo emprego eles exigem o 2º. grau completo. Pra quase todos.

S1: Agora só aceitam mesmo o ensino fundamental só quem varre mesmo nas ruas... os varredor de rua.

S3: Esse pessoal que trabalha no comércio, fazendo entrega, eles também não exigem que você tenha o 2º. grau completo não. Mas até pra vender nessas lojas, eles já exigem o 2º. grau completo.

P: Eu queria saber de vocês assim quem pensa em sair, quem pensa em morar em outro lugar, sair de Tauá.

S4: Eu penso. Eu sou de acordo assim, sabe? Se eu não encontrar um emprego que dê pra eu se manter, eu tenho que sair. Não tendo um emprego pra se manter, eu vou ter que sair pra outro lugar, atrás de um emprego melhor.

P: Vocês pensam ir pra onde?

S5: Pretendo ir pra Fortaleza, foi sempre o meu sonho de criança. Meu sonho...

P: Teu sonho é morar em Fortaleza? Por quê?

S5: Eu pretendo continuar estudando, sabe, em faculdade e com certeza em Fortaleza não é assim o melhor lugar, a melhor cidade, mas ela oferece boas condições pra que a gente consiga habilitar a gente mais facilmente.

P (dirigindo-se a outro sujeito): Pensa em ir pra onde?

S4: Eu? Eu sei só que vou... (Risos) Bem, Minas, Fortaleza ou São Paulo. Onde receber oferta pra ir, ta valendo... Eu tenho muitos parentes que moram lá. Eles têm emprego lá.

P: E pra trabalhar em quê?

S4: Pra trabalhar... assim... no comércio.

P: Quem mais pensa em sair de Tauá?

S3: A mesma questão do (nome de S4). Se surgir uma proposta de emprego que dê pra eu me manter aqui. Até porque aqui... Eu amo Tauá, eu gosto muito daqui, eu não queria sair daqui. Claro que se aqui tem faculdade, se eu conseguir passar no vestibular. Não é isso o que eu queria pra mim... mas como todo lugar tem suas dificuldades, né? Dando certo eu arrumar um emprego por aqui, eu quero continuar aqui, porque aqui eu vou estar perto da minha família. Até porque eu tenho muitos tios que moram fora, moram em Campinas. Até se eu tivesse dinheiro, eu poderia ir pra lá. Não dei nenhuma resposta ainda. Justamente porque eu estou

...se der vou tocando aqui...vendo o vestibular...se eu passar...Mas já que não tem muita opção, a que tem, eu vou ver se dá pra mim segurar... porque essa questão da gente... emigrar... é muito complicado. (incompreensível) mas se nada disso der certo eu vou...vou ter que ir embora.

P: Como é que vocês acham que é a vida lá fora? Como vocês imaginam?

S1: No começo não é um mar de rosas, é com muitas dificuldades. Eu tiro porque meu tio foi morar na capital, em São Paulo. Ele dormiu até debaixo de árvore, na rede, lá em cima, embolado. Não é fácil! Ele só conseguiu mesmo morar numa pensão quando começaram a trabalhar porque era muito difícil. O que era difícil lá... é muito difícil também. Agora, eu tenho um primo que saiu daqui, trabalhava de pedreiro. Ele saiu daqui, foi vender com meu tio numa firma. Aí ele saiu. Fez um curso de cabeleireiro, tá num salão lá que é bem freqüentado e agora, até agora ele já conseguiu levantar uma casa de primeiro andar e comprou dois carro já com o dinheiro.

S3: Eu acho que tem espaço, viu, Karla? É... emprego. A vida lá não é que seja fácil não. Quando já se vai com um emprego certo, a pessoa vai ter que... a questão só de se adaptar. Quando não tem nada certo, vai ter que procurar um emprego, vai ter que procurar um lugar... toda aquela questão, né? Muito difícil realmente. Pra quem não desiste, né?... consegue, né? A mesma questão aqui também. Aqui é difícil. Mas pode ser que dê pra a gente... se não chegar onde a gente quer, mas pelo menos na metade.

S1: Mesmo eu fui passar minhas férias lá na minha tia. Lá não é muito, o pessoal lá, quase não via, que é só trabalhando. Não tinha com que eu sair, eu só ia mesmo pra loja de uma outra tia que tinha lá, (incompreensível) Não trabalhava por causa que sempre chegava fiscalização, ficava em cima direto. Só quem trabalhava era quem tinha carteira assinada. Eu ajudava em vigiar pra ninguém não roubar nada. Nem celular, nem nada. É difícil demais, você tem que agüentar desfazerem de você, mesmo não sendo atingido diretamente.

P: Vocês acham que acontece discriminação com o nordestino quando vai como imigrante?

S1: Em São Paulo, eu acho que acontece porque lá os donos de fábrica exploram muito os nordestinos por causa que acham/ que eles são ignorantes que não conhecem os direitos deles... ou que poucos conhecem. Justamente, não conseguem enrolar, porque, quando eu vou comprar qualquer mercadoria, eu olho principalmente a data de validade. Se eu levo pra casa e olho, eu vou devolver dizendo que eu não quero de jeito nenhum. Tem as pessoas mesmo que estão... não querem receber de volta. E você pagou.

S3: Eu acho que não só lá fora acontece essa questão como a gente vive essa questão aqui mesmo na nossa cidade. Tauá é uma cidade pequena, mas em Tauá existe muito isso. Existe muito isso, a questão do preconceito. Existe muito.

P: Em Tauá mesmo?

S3: Em Tauá mesmo. A gente sofre muito com isso. Essa questão de classe social, que é a que mais predomina aqui em Tauá. É racismo da classe social. Então se na própria cidade que a gente vive tem isso, imagine fora, né? ir morar num local totalmente desconhecido que você não tem nenhum tipo de acesso a nada.

P: Quais são os principais problemas de Tauá? Os principais problemas que fazem com que vocês tenham essa visão sobre a cidade, Que é que vocês acham que fez com que 75% dos jovens queiram sair da cidade? Quais são os problemas de Tauá?

S1: Falta de emprego, de oportunidade, primeiro. A distribuição de renda muito baixa. Tem pouca gente pensando que é pobre, mas em casa só possui coisas de... praticamente de pessoa,

bem dizer, rica. Televisão 29 polegadas, DVD, um som grande. E às vezes na casa faltando comida e tudo! Eu tenho uma vizinha que ela às vezes vai lá em casa pedir qualquer coisa pra fazer a mistura pras criança dela. Mas eu ando dentro da casa dela, eu vejo estante, raque, raque, estante, a casa toda com cerâmica, mas num tem nada pra comer, o que é que adianta? Tudo que pega é pra comprar um móvel.

P: Então, quer dizer... É a questão dos valores, né?

S3: O que eu acho... Claro que a gente que mora numa cidade na região que é o semi-árido, tem essa questão da seca. Acontece muito dos jovens do interior ir pra cidade em busca de uma melhoria e isso aconteceu comigo, certo? Mas acho que os jovens são mais desestimulados nessa questão é o relaxamento das autoridades políticas no município. Porque Tauá tem abundância, tem como abranger pequenas empresas que possam gerar pequenos empregos para os jovens. Pra que mantenha eles na cidade. Eu acho que se tivesse um interesse maior por parte dos políticos em termos de trazer benfeitorias pra cidade, iria gerar mais emprego. Então isso iria diminuir, acho que é isso, a falta de oportunidades, a falta de ter a questão... seu primeiro emprego, né? Não tem. Vai procurar fora. Porque as opções que tem na cidade... realmente (incompreensível).

P: E vocês, que é que vocês acham?

S6- Acho que é o preconceito também.

S1- Eu andei observando nessas lojas, as funcionárias são bem arrumadas, tem boa aparência, já tem algumas pessoas que às vezes só porque tem uns quilos a mais não consegue emprego porque é gordo, mas eu acho que nem isso...eles não pensam que não é por não ter como fazer tratamento que a gordura também é uma doença que também tem como reverter com caminhada e tudo, mas não é só isso que resolve, que fazer uma dieta mesmo, com frutas, mas não é só isso que resolve e às vezes a pessoa não tem dinheiro pra comprar frutas, não imaginam que a pessoa também não tem dinheiro pra comprar só frutas.

P : Então, você tá dizendo que está relacionado o desemprego a falta de industria de investimento, mas também tem um preconceito em relação as pessoas, com relação a aparência, o preconceito social e divisão de classe. É isso?

S1- É, com certeza.

P: Muitas pessoas falaram também que o motivo de querem sair era a vontade de quer continuar estudando, fazer uma faculdade, alguma coisa que aqui não tem.

S2: Eu tinha vontade assim de ir pro Crato, ou algum canto onde tivesse a faculdade de história, porque aqui só tem de química e biologia e eu não gosto muito dessas matérias. Eu gosto mais de história, que a gente lê e entende da vida da gente, agora biologia tem que explicar muito.

S5: Até falar de ir embora, de morar fora pra melhorar a vida de gente muita gente quer, mas vamos ver que tem gente que não quer de jeito nenhum ir embora. Agora eu nasci e me criei nessa cidade e não queria ir embora daqui, mas as vezes você saindo você consegue um futuro melhor. ficando as vezes consegue, as vezes não consegue...

S2: É esperança de você ter...conseguir prosperar na vida profissional e o medo de enfrentar a vida lá fora e também de deixar sua família.é muito complicada essa questão

S4: Quando a gente pensa em ir, não sabe se volta. As vezes acontecem imprevistos por lá, chega até a morrer.

P- Você tem medo disso?

S4: A maioria tem...

S2: Com relação a faculdade lá fora, é...seria interessante se tivessem outros cursos aqui, porque aí isso também já ia fazer com que os jovens já não mais tentassem ir embora, nesse caso, pra tentar uma faculdade. Como o que tem aqui é química, biologia e pedagogia a maioria não querem.

S1: Eu ouvi falar que quem vai estudar no próximo ano o terceiro, disse que vai vir um curso de administração pra cá. Acho que é com economia, pelo Cencitec, quem quiser fazer...ouvi só falar, ouvi dizer...

S2: Aí disse que faz. (incompreensível) sair, né? Eu quero. Eu vou fazer química to tentando, se passar no vestibular, vou cursar. Não é meu sonho fazer química, mas é a opção que nós temos aqui, ao nosso alcance e eu passando, talvez eu consiga um emprego aqui que dê pelo menos pra mim me manter até eu terminar o curso. Aí, tem gente que como não se enquadra em nenhuma dessas áreas dos cursos, aí vai embora e você tenta em outro local, mas muitas vezes acontece os imprevistos e você nem consegue, né? Por isso que eu vou tentar me destacar, não era o que eu queria, mas pode ser que isso futuramente possa me trazer vários benefícios.

S3: Como ela falou, acho que é isso, a falta de oportunidade pra que tá querendo chegar mais além, porque muitas vezes ele vai fazer um curso que não serve, mas não é o que ele está querendo, ser (incompreensível) quando chega no final é aprovado, mas não é o que ele queria.

S1: Essa é a questão, né? Sempre há duas decisões a tomar, todas, bem ou mal, irão refletir o resto da vida, né? É a questão da escolha.

S2- E às vezes passa vários anos fazendo o que ele não queria, fazendo só a opção da cidade.

S1- E ainda tem deles que acabam se adaptando e criando um amor por aquilo que está fazendo e outros, não. Faz por fazer ...também essa questão é muito difícil, né?

P- Sobre essa história de fazer o que a cidade oferece, que nem é o que você quer direito, como é isso aqui em Tauá? Parece que há isso com relação ao estudo e também em relação ao trabalho, como é isso?

S1: Eu fiz química, porque no caso só tinha química e biologia, pedagogia já tava lotada. Eu não queria fazer faculdade pra professor. Fiz pra química, mas eu mesma disse pra minha mãe: eu botei química, mas é difícil eu passar na primeira fase, vou tentar...se passar continuo. Não gosto da matéria, mas vou tentar assim mesmo.

S2: Em relação ao que a cidade oferece...mas a questão por dois motivos, certo? por questões, não por querer sair de perto da família, sair pra outra cidade, mas o que leva é isso, o que leva mais gente é ir em busca o que a cidade não oferece. E a gente sabe que também, se a gente tiver uma oportunidade, apesar de não ser o que a gente quer, mas se existe essa oportunidade, o que a gente imagina é o seguinte: como será lá fora? será mais difícil? Será muita a burocracia, será que eu vou ganhar o suficiente pra mim me manter e pagar uma faculdade? Tudo isso é...mexe.

P- Você falou que os jovens às vezes acabam ficando com o que tem na cidade por que não quer ir embora, porque gostam daqui, porque tem a família...o que mais vocês acham que faz com que as pessoas queiram ficar em Tauá?

S3: Porque não querem se separar da sua família.

S2: Por que a gente já ta habituado com o lugar,

S5: A gente já tem uma relação com a sociedade. Deixa de ir, as vezes, com medo de como será lá... se vai, (incompreensível) será que vai ser fácil...

S1: Eu acho que também, querem ir embora daqui por causa do clima, é muito quente, já em outros lugares do nordeste, como no sudeste e no RN é mais frio lá, tem mais possibilidade de

fabrica. Mas eu não vou deixar de viver num lugar quente pra mim viver cheia de roupa.eu gosto é da minha roupinha mesmo leve.

P- O que mais vocês acham que influi para que os 22% queiram ficar?

S1: É a questão, deixa a vida levar, tem meios de correr atrás de seus objetivos, meios de enfrentar as dificuldades. Acho isso. Porque tudo que a gente ...se a gente pensar assim: ah não vai dar certo por causa disso ou daquilo a gente vai acabar.(incompreensível) por meios legais acho que a gente tem que correr atrás dos nossos objetivos. É difícil, é. Muito difícil e muitos também, as vezes nem sabe (incompreensível) apesar da dificuldades que existem em Tauá, mas isso com um salário mínimo em Tauá dá pra viver...né...mais ou menos.por que o custo de vida na capital é bem maior também, quanto maior a cidade, maior o custo de vida. Então, quanto mais ganha, mais você gasta.então acho que arrumar emprego, não é que Tauá não tenha emprego de jeito nenhum, aqui tem...não é muito, mas tem que dá pra pessoa cursar uma faculdade, terminar e fazer um concurso e aí vai assim...então acho que muitas vezes os que vão, muitos desse 22% que querem ficar, uma boa parte é porque tanto faz e uma outra parte acredito que é porque deve ter alguma coisa que dê pra ele continuar aqui. Que de pra ele se manter na cidade

P: Quem trabalha nesse grupo?

–duas pessoas

P:Quanto vocês acham que os jovens que trabalham ganham por mês geralmente? Eles têm carteira assinada?

S2: Eu acho que boa parte ganha de um salário mínimo abaixo.

S1- Bom, o ministério do trabalho anda pegando no pé de quem tem empregado aqui, assim, quem tem três, quatro funcionários, acima de dos, né, por questões...o ministro do trabalho pega muito...mas eu acho que na não são todos com carteira assinada não.

P: Quanto de renda vocês acreditam que seria justo, com o nível de escolaridade que vocês tem hoje e com o nível de experiência profissional que vocês tem hoje, quanto vocês acreditam que dava pra ganhar aqui em Tauá?

S1: 500 reais.

S3: Um salário mínimo, por aí.

S5: Com a experiência que eu tenho dava pra ganhar uns 600 a 800 reais.

S6: Com a experiência que eu adquiri até hoje dá pra ir na faixa de 600 a 800 reais por mês.

S4: Também acho que seja...

P: Dos problemas que vocês estão falando...queria que vocês tentassem enumerar quais são os principais problemas enfrentados pelos jovens. O que falta em Tauá para vocês?

S1: Se tivesse um canto aqui em Tauá onde os jovens justamente nos finais de semana pudessem se encontrar e tivesse uma oficina de artesanato, oficina de esporte, ficar praticando futebol, várias salas com diferentes assuntos,

S3: A questão também da saúde, você é mal atendido.

S1: Pra ir pra o hospital aqui a gente tem que passar no posto da rua primeiro. Na minha rua é aberto de segunda a quinta, sexta feira.(incompreensível) é pra morrer.

S3: A questão da saúde é difícil demais!

S1: É muito precária a questão da saúde aqui em Tauá. Existe o PSF em cada bairro, mas é...entre aspas, certo? Médico aqui não tá mais existindo, nem se conta, nem se fala. Médicos que...médico enfermeiros, certo? Eu acho que até por lei o enfermeiro não pode passar medicamento pra nenhum tipo de paciente, né? E isso aqui em Tauá tem muito esse PSF, a

maioria não é médico formado, tudo enfermeiro e atende no dia que dá certo. O medicamento que eles passam pra pessoa que tá...gripado, que tá com febre ou tipo de diarreia é o mesmo remédio pros três, certo? A questão da saúde aqui é muito precária, a questão do acesso o acesso não é fácil.

P: Acesso a que?

S3: A saúde. Pra você chegar...vai no PSF lá não resolve aí eles mandam pro hospital, chaga lá é um problema maior do mundo. Não volta pro PSF.

S1: Se acontece aqui algum acidente grave, ou se a pessoa quebrar um braço, por exemplo vai direto pra Fortaleza. Se tiver uma crise de apendicite, se já tiver estourado vai direto pra Fortaleza, mas se chegar até lá vivo.

S5: As autoridade deviam se preocupar mais com lazer, porque assim, uma cidade como Tauá, tem vários bares. Invés de tantos bares deveria ter áreas de esporte pra esses jovens.

S1: Era pra ter alguma instituição, pelo menos uma instituição voltada a ajudar os adolescentes de Tauá, por que vejo muito crianças dez, doze anos na rua...tem muito em Tauá também, não é que tenha muita, mas já é um número muito elevado pra cidade.

S3: Mas também esse negócio de violência eu acho que mesmo as crianças não querem... eles mesmos verem a situação (incompreensível) estão entrando na marginalidade cedo, as vezes chega um rapaz 17, 18 anos ta numa gangue, podendo ta procurando emprego. Pode ser até biscate ou fazer cursos, no cencitec tem muito curso grátis

P- Como ta a questão da violência na cidade?

S1: Tá muito grande. A gente não pode mais ficar na calçada por causa que passa uma gangue, querendo matar as outras pessoas na frente da gente, com bala pra qualquer um ver. Na minha rua, o (nome do sujeito) queria matar um rapaz lá do....

S6: O jovem hoje ta muito assim...nervoso! qualquer coisa já estão trocando tiro, muitos entram na criminalidade muito cedo. Não tem um nível de escolaridade, tem aquela questão não é sociável, muitos se revoltam, muitos por não ter oportunidade são revoltados, aí muitos já crescem com a mente pra isso, já ...violência aqui em Tauá, já tá com um número muito alto! Eu acho que deveria ter mais autoridade por parte da própria polícia, porque prendem um hoje e de manhã já ta solto, vai fazer outro crime de novo. Eu acho essa questão muito errada. Essa questão a pessoa mata um hoje, paga uma fiança e tá solto amanhã, ele pode cometer um crime de novo que vai só pagar uma fiança, isso é muito comum, não só aqui em Tauá, mas no Brasil inteiro. Essa questão contribui pra que os jovens façam, porque? Porque não tem punição.

P: Que soluções vocês indicariam para resolver as problemas de Tauá em relação aos jovens? Que dicas vocês dariam pra melhorar as condições de vida dos jovens na cidade?

S3: Gerando mais empregos

S1: Abrindo oficina, como empresa de artesanato porque em Tauá tem muito artesanato bonito

S1: A questão de fiscalização. Acho que deveriam investir em termos de trazer industria pra Tauá por que já ia abrir novas oportunidades pra os jovens e por pouco que seja, mas acomodava mais os jovens. Essa questão de apoio para os jovens, acho que lazer, que o jovem gosta muito de lazer. É...programas sociais deveria ter...programas sociais educativos.

S3: A maioria da violência daqui é feita por menores, como não tem punição pra isso, aí eles continuam fazendo...se tivesse algum programa de educação para aqueles jovens, que tivesse um tipo de lei, eu acho que quando soltassem eles iam ta mais atualizados sobre educação.

P: O que mais? É a questão do emprego, da violência, da educação, com relação à violência, necessidade de uma educação também punitiva, lazer, mais alguma coisa? Apontaram a questão da saúde como um problema também. Mais alguma coisa?

S1: Não. Acho que já foi tudo.

P: Então encerramos por aqui. Obrigada a todos.

GRUPO FOCAL III (G3)

Local: Tauá
 Data: 13/12/2005
 Escola III

P: Pessoal na primeira fase da pesquisa foram identificadas algumas coisas muito interessantes. Nessa pesquisa está sendo feita um estudo sobre migração, da possibilidade de sair ou não do município, desejo de sair ou não. Foi notado na primeira parte da pesquisa que 75% das pessoas tem intenção de sair da cidade de Tauá, entre essas foi verificado que 80% das mulheres pensam em sair, então eu queria saber de vocês o que vocês acham disso. Porque vocês acham que isso acontece?

S1- Eu acho que é pela falta de emprego, assim...porque não tem. A cidade não é desenvolvida e com isso as pessoa migram para outras cidades, cidade melhor que tem emprego, emprego melhor, e também pra estudar, as pessoas saem pa cidade melhor, pra cidade onde tem o ensino mais elevado.

S2- Eu acho que a maioria das pessoas que vão são pessoas que terminam o terceiro ano e as faculdades que tem aqui não são o querer de cada aluno, porque tem poucas aqui.

S3- E muitas pessoas pensam em fazer coisas diferentes não o que tem aqui. Eu acho que já tenho vários amigos que depois que terminam o terceiro ano e fazem faculdade aqui mesmo em Tauá, então já tem milhares de professores aqui em Tauá e não tem emprego pra todos e se tem olhe lá... e é bem ruim! Então as pessoas querem fazer outras coisas, ser mais independentes então saem pra fora, pra ter oportunidade de fazer outro tipo de faculdade, assim que queira e poder trabalhar pra ter experiência, porque aqui, os emprego aqui são muito ruim. Assim fora que nas outras cidades tem industria, pra poder trabalhar é melhor um lugar industrializado.

S1- Em cidades maiores tem mais oportunidade de emprego, o emprego é com bom salário, com carteira assinada e aqui não. É difícil ter assim emprego com carteira assinada. Assinam a carteira, mas você não ganha aquele salário.

S4- Não cumprem a lei.

S1- É a lei que deveria.

S3- A maioria dos comerciantes hoje tem... a fiscalização tá em cima, então eles falam para os funcionários, às vezes eles mandam embora, quando sabe que a fiscalização tá vindo e às vezes ele chama depois. Assina a carteira e vai conversar com o funcionário: olha eu vou assinar sua carteira, com um salário, mas eu não vou pagar suas férias, nem seu 13º, também não vou pagar um salário porque não posso pagar, aí com isso ele faz o acordo lá ou então você vai ficar pra fora, não vão querer mais você lá (....) então a pessoa corre o risco de ficar desempregado, não tem outra oportunidade e acaba aceitando.

S4- Outro dia eu não aceitei assinarem minha carteira!

P- Vamos tentar falar um de cada vez por causa da gravação, ok?

S4- Foi por esse motivo que eu não aceitei assinarem minha carteira de trabalho. Ficar com minha carteira assinada e ganhando outro valor? Não, não aceitei!

S1: E a gente não pode exigir nada do trabalho. Assim, a farda quem é pra dar é a empresa, merenda, vale, o horário de trabalho... a gente não pode é...exigir porque se a gente exigir isso

daí, então “ah você quer isso tudo então não vai ter emprego pra você não, porque tem 40, 50 pessoa atrás do emprego da gente porque não tem muito emprego, aí é o jeito a gente aceitar.

S3- Eu tenho três anos de carteira assinada, a minha carteira é bem legalzinha, recebo minhas férias, meu 13º, agora mesmo recebi a primeira parcela do meu 13º, vou receber a segunda no dia 20, minhas férias eu tiro e quando não tem necessidade, quando não quero tirar, meu patrão compra as minhas férias, mas também emprego bom, sei que não tem muito por aí.

P- Você estava falando sobre ...

S1- Do horário do trabalho assim... devia ser de oito horas, né? Mas tem dia que tenho 10 12 horas de serviço.

S5 - Eu tenho vontade de ter horário. Final de semana eu trabalho dia e noite. Final de semana eu trabalho dia e noite.

S1- Olhe, eu de segunda a sábado eu trabalho... eu entro de 5:30 e saio 5:30 da tarde. De 5:30 da manhã às 5:30 da tarde. E no sábado entro 5:30 e saio 8 ou 9 horas da noite.

S2 E a lei é oito horas!

S1- É. E a gente não pode exigir nada porque a pessoas não tem ...

S5- Mas às vezes depende da necessidade da pessoa, como eu. Eu trabalho em um salão, ne. Salão de cabeleireira. Eu só tenho horário de chegada, de saída eu não tenho. Eu já cheguei a sair 11h da noite. De 7 da manhã a 11 horas da noite.

S2- Pois eu não queria um emprego desses não. Por mais pessoas que tenha esperando seu emprego, mas se você continuar assim também toda vida como você ta fazendo aí não vai mudar não.

S5- Mas é a questão (nome do sujeito) aqui se você for colocar uma pessoa na justiça, dificilmente você vai conseguir arranjar outro emprego (incompreensível)

S3- O trabalhador aqui não é escutado pela justiça. Escutam apenas o proprietário.

S4- Eu mesma trabalho de carteira assinada, mas eu não aquento papas na língua de patrão não. Por mais que não adiante, que aqui a gente nunca tem razão de nada, mas não é qualquer coisinha que o patrão diga que faz eu trabalhar de graça pra ele não.

S1- Eu, meu horário de comer eu não tenho, não. Horário normal de merendar, eu mesmo merendo²¹ 2horas da tarde. Almoço, eu não tenho, só faço jantar porque trabalho demais, não tem almoço na lanchonete em que eu trabalho. Não sei nem como é que eu to resistindo! Trabalho às vezes o dia todinho às vezes sem nem comer, nem beber

S3- Nem dorme direito, né?

S1- Nem durmo direito! A gente não pode exigir nada, diz ele que tem 40, 50 pessoas atrás da vaga da gente. Por isso, não tem...não tem emprego, por isso que a pessoas tem de aceitar.

P- Você trabalha em que?

S1-Numa lanchonete.

S2- Eu trabalhava numa fábrica de ração no interior e eu trabalhava a maioria das vezes a noite. Porque tinha que trabalhar fazendo as rações e entregar pronto no outro dia. Sempre que quando eu voltava do colégio, chagava em casa meia noite e meia uma hora, ia em casa lá comer alguma coisa e trocava de roupa e ia pra fábrica. Eu e meu irmão passava lá trabalhando as vezes até três horas da manhã aí dormia um pouco e oito horas da manhã, sete horas ia lá pra terminar, ensacar, fazer toda a preparação, emplastificar todos e fazer as entregas, quando fosse a tarde, lá pra 4 horas tinha que tá em casa tomar banho e pegar o transporte para vir pra vir pra cá.

S1- Por isso que é difícil a gente ficar por aqui, a oportunidade de emprego aqui é pouco a gente quer sair, quer melhorar o emprego e trabalhar em um lugar que assine a carteira da

²¹ No Ceará a expressão “merendar” é equivalente a “tomar café-da-manhã, utilizada em outras regiões do Brasil.

gente, que cumpra as leis como as leis são, aí é bom a gente se satisfaz, a gente trabalhando num lugar desses.

S3- Se depender disso pronto, se manter sem ser... a gente é que sabe como que é aqui.

P- Tem uma coisa interessante: Todo mundo fala que a principal razão em querer sair de Tauá é o emprego, para procurar emprego fora e em segundo lugar vem o estudo, mas ao mesmo tempo 78% das pessoas que responderam os questionários disseram que trabalhavam.

(confusão de falas)

S5- Assim eu trabalho aqui e tudo, mas eu realmente não penso em sair daqui de Tauá não. E até penso, se um dia eu chegar a cursar uma faculdade e depois que eu terminar minha faculdade ir embora daqui.

S2- Mas você vê que, eu trabalhava com meu irmão na fábrica de ração. A gente ganhava bem pouco lá, talvez chegasse...Tinha mês que nós ganhava por comissão, tinha mês que a gente ganhava mais de duzentos reais cada um. Outros meses não chegava, os dois, resumindo, não dava 400 reais. Pra quê? Trabalhava até a noite, né? Quando o meu irmão foi embora eu larguei a fábrica também e não quis mais trabalhar lá como eu não tava agüentando trabalhar só. Meu irmão foi pra SP trabalhar lá. Lá ele chegou e começou a trabalhar de... fazendo entrega de pão, ganhava 450, só fazendo entrega no horário comum e tudo. Com dois meses que ele tava lá passou a trabalhar na coca e tá ganhando 800 reais. E agora ta com 7 meses que ele ta lá, com dois meses, quase três meses ele já ta ganhando 800 reais. Aí optar por ta aqui, não. Por isso que eu também pretendo ir, pretendo não, já era pra mim ta lá, sabe? Eu ainda não fui porque eu não consegui o apoio do (nome do diretor da escola), não consegui o apoio do diretor. Não deu pra mim viajar, mas se eu passar por média, no dia 2 eu viajo! Já tô com emprego, casa certa, é só viajar.

S1- É até difícil aqui a gente arrumar emprego, se não for a família da gente, pessoal da família da gente que tenha algum emprego, pra gente chegar pra pessoa lá pedindo emprego é muito difícil...ter a pessoa lá pra poder ajudar, né?

S3- Eu acho que 90% dessas salas de 3º ano, pensam em sair por isso. Quase todo mundo, 90% trabalha, mas que esses mesmo 90% que trabalham tem consciência que o trabalho aqui é muito pesado é muita exploração!

S7- Tem muita exploração!

S3- É muito explorado, com certeza! E também não dá pra você sobreviver.

S6- Eu particularmente não penso assim. Eu vejo diferente das outras pessoas, porque geralmente as outras pessoas querem sair daqui pra procurar uma vida melhor. Eu não. Eu prefiro ficar aqui. Por quê? É como se fosse um risco, assim como eu posso me dar bem em outra cidade eu posso não me dar. Vou enfrentar dificuldades, muitas vezes sozinha, sem parente e nada e muitas vezes por causa das dificuldades acaba se envolvendo em tráfico. Esse tipo de coisas. Não é o caso de todo mundo, mas muita gente que vai sair de sua cidade trabalhar em algum lugar encontra muitas dificuldades e acaba...

S1- Mas a gente sempre tem que ter um pensamento positivo. Acreditar... não, eu vou sair pra Fortaleza, não vou sair pra lá porque eu posso trabalhar um mês e ficar desempregado, o patrão vai me mandar embora, a gente tem vontade...

S2- Se você nunca tentar você vai viver sempre aqui ganhando pouco, sendo explorado sem saber como é que é lá fora.

S1- Sofrendo...

S6- Mas pra mim, eu acharia melhor ser humilhada hoje pelo patrão aqui na minha cidade que é até o dia em que eu quiser do que...emprego tem muito por aí...às vezes você trabalha mais

outras menos, mas tem muita coisa pra você fazer, porque em outro lugar é que você tem que...

S1- Mas às vezes você sair fora você consegue alguma coisa e você monta alguma coisa pra você. Você possa mandar nas outras pessoas.

S3- Tem que pensar positivo, pensar negativo...

S6- Não. Não é questão de pensar positivo ou negativo, não.

S2- Mas sempre porque... é necessário ser humilhado, porque se você não quiser mais trabalhar, chegar o dia que você se enjoar do seu patrão, de tanto encher o saco sair fora, você vai viver de quê? Se você tem sua família bem. Tua família vai te sustentar, teu pai, tua mãe, mas como é que você vai ajudar ele a te sustentar? Se você vive sozinho vai morrer de fome? Não vai!

S1- E aqui, o que você ganha aqui não dá pra sustentar você, a pessoa e os seus estudos, então é melhor...

S2- Eu na oficina e ganhava 40 por semana, trabalhava das seis horas...trabalhava das seis as quatro horas. Aí final de semana passava, depois o patrão queria que eu trabalhasse sete horas, aí eu comecei a trabalhar até seis horas e ele queria que eu trabalhasse mais. Só pra ganhar 40 por semana? Só o aluguel da casa eu pagava 40.

P- Aqui em Tauá?

S2- Aqui em Tauá. 160 por mês.

P: Parece que essa coisa da renda, do salário baixo, é o grande problema. Emprego tem, mas é mal pago. Quanto vocês acham que seria uma renda justa para o nível de escolaridade que vocês estão hoje, com o nível de experiência, quanto vocês acham que seria justo receberem?

S1- Eu acho que 350, 400 reais, pra poder se manter.

S2- Um salário e meio seria o ideal.

S3- Depende do seu custo de vida. Depende, do sujeito. Pra pagar uma faculdade, vai duzentos reais todo mês, só a faculdade....

S2- Mas pelo nível de experiência daqui de Tauá muitas pessoas trabalham muito, acham que tem experiência só que se você for sair lá fora você é um pato! Não trabalhou nada você não aprendeu nada. Eu acho que um salário e meio seria bem razoável, pro nível que é em Tauá, com certeza.

S3- Eu acho que pra mim se pagasse uns 500 reais eu taria satisfeito.

S4- Pra mim, se meu patrão me pagasse um salário e a minha hora extra...por que trabalhar o dia e ainda trabalhar a noite e não ganhar hora extra não é brincadeira!

S2- Um salário e meio seria o ideal.

S7- Assim por que minha área mais é ...cursar uma faculdade e me formar, cursar o que eu quero e não posso...tem que trabalhar 300 anos pra poder cursar uma faculdade ...Qualquer dois salário

S6 Pra mim um salário tava bom , embora eu não trabalhe, mas pretendo, ter um trabalho, quando eu terminar, mas um salário...pelo que eu faço eu acho que um salário.

S1- Pro que eu faço, tomo conta de uma lanchonete eu acho que o que eu ganho não é de acordo, não. Porque eu devia ganhar mais, no máximo uns 400 reais porque ficar responsável por uma coisa que é dos outros, sei lá...e pelo meu nível de experiência, que eu sei que muita coisa eu já sei. 400 pra mim tava bom.

S2- Na fábrica que eu trabalho fazendo ração, um salário e meio é o ideal,mas se for analisar não é nem ...Porque eu trabalho numa fábrica que é grande, são várias máquinas, são oito máquinas, elas são ligadas numa corrente trifásica, da ordem que já ta com várias vezes que ocorre da energia dá contato às vezes porque o transformador ...não é muito bom e quando dá

contato lá, ocorre que eu tenho que desligar três chaves ao mesmo tempo, bem rápido. Se não desligar pega fogo e aí eu tenho que sair a mil ou deixar a fábrica incendiar e se deixar, se não desligar a chave é perigoso demais! E se isso acontecer além da fábrica, destrói várias casas que tem perto e outra fábrica que funciona lá, da associação. A responsabilidade é muito grande!

P- Quanto você ta ganhando?

S2- É pela porcentagem, sai menos de 200 reais por mês.

S1- Pois é o mesmo que ele falou. Eu que tomo de conta, sou responsável por uma lanchonete, mas o salário, dá um salário, as vezes dá mais, mas eu acho que não ta de acordo não. A gente tem que ter vale transporte ...É aqui nem precisa tanto,não, mas dá comida, fardamento, por causa que aqui quem tem que comprar é agente mesmo. Aí sai muito do bolso.

S7- Tem que valorizar também o emprego, você trabalha num emprego que você tem comida toda hora. Se trabalhasse num emprego que nem o meu que é só poeira 24 horas. Você saber que corre o risco de daqui a 15 anos 20 anos, tá com câncer no pulmão, você sabe que ta trabalhando numa coisa sem saber o pode acontecer um dia.

S3 – Mas assim, a proteção, não tem não?

S7- Mas não adianta. A poeira lá é 24 horas, então você acha que ...

S4- É bem fininha né?

S1 - Mas eu trabalho onde tem comida e tudo, mas eu não tenho tempo de comer! Eu não tenho tempo de merendar. Minha merenda é 2 horas da tarde.

S3- Eu trabalho no comércio, muitas vezes eu merendo , não almoço, só faço jantar sabe? Eu que sou responsável pelo comércio.quem faz a compra sou eu, quem cuida mais sou eu e meu patrão faz lá é pouca coisa, mais sou eu que tomo de conta . Eu merendo, às vezes a hora de eu merendar sempre é oito horas , mas já aconteceu de eu merendar 11 h , almoçar 2 h 3 horas da tarde também. Às vezes depende do movimento você acaba se envolvendo ali, você começa a almoçar e chega gente, você tem que despachar aí deixa de almoçar e as vezes quando você vai comer não sente mais nem vontade de comer.

S1- É o meu caso. Eu, pode se dizer que o que acontece todo dia. Todo dia tem movimento

S2- Eu trabalhei em SP eu trabalhava com meu pai. Às vezes o movimento tava lotado lá no posto que a gente tava trabalhando, mas quando era hora de almoço, lá pegava seu vale de almoço, seu vale refeição e sair fora e lá ser substituído por outra pessoa.

P- Parece que o grande problema é a questão do desrespeito ao funcionário , baixo salário e desrespeito às condições de trabalho. Agora eu queria que a gente conversasse um pouquinho sobre o que mais é problema em Tauá,quais são os principais problemas pra juventude de Tauá, além dessa questão do emprego. Quais são os outros problemas que vocês avaliam que contribuem, além disso, pra que os jovens queiram sair de Tauá?

S4- Lazer também

S2- Oportunidade

S5-O lazer que tem é...é muito fraco.

S1- Por causa da política aqui também, que se a gente não for do lado do pessoal aqui também fica mais ruim pro lado da gente.

S2- Você não pode optar. Não pode ter sua opinião própria, seus direitos. Cidade grande certo que é quase a mesma coisa, mas aqui em Tauá principalmente. Eu comparo com nosso colégio, aqui muitos alunos não pode ter sua opinião própria. Pode ter, mas você não pode expressar. Se você for expressar você é reprimido se você insistir em expressar você vai receber repressões sobre isso. Eu mesmo já recebi várias repressões sobre o que eu falei, sobre minhas idéias políticas, coisas que é direito meu que eu quis fazer valer meus direitos aí fui

repreendido, fui combatido só é ruim tentar, mas é válido. Aí fora não, em SP mesmo, por exemplo, eu já participei pra fazer protesto e muitas vezes você é atendido e aqui em Tauá você nunca é. Aqui em Tauá só se algum político te ajudar, se não...

S1- Fazer protesto aqui vai pra cadeia!

P – O que mais? A falta de liberdade de expressão, o lazer, o subemprego...

S2- Acho que também o desenvolvimento. Aqui em Tauá se você vive, nasce, cresce, morrer aqui você não conheceu nada, não aprendeu nada.

S4- Outra coisa aqui também é a informática, porque sempre tem que ter, mas oportunidade pra você utilizar, você não tem.

S1- Aqui mesmo no colégio tem, mas oportunidade pros alunos utilizar, tem que marcar hora e ainda tem que batalhar muito pra conseguir. Na cidade não todo tempo ta vendo tecnologia, desenvolvimento e aqui não.

S4- Eu mesmo fiz um curso de informática, aprendi muito, mas já esqueci várias coisas. Como não tenho tempo pra mim tá utilizando o computador direto, vamos supor, aí informática é assim você não decora como a matemática, decora as formulas e vai embora não, a informática tem que ta treinando.

S1 - A gente não tem condições de comprar um computador pra gente e pra gente poder aprender informática tem que ta direto no computador. Se não tiver, a gente esquece. Eu já fiz curso, mas eu sei muito pouca coisa porque não atualizando direto no computador pra poder é...computador a gente tem que ta direto se não tiver acesso ao computador a gente esquece. Eu mesmo não sei quase nada hoje.

S2: Se você não praticar você esquece.

S1- Em Tauá, com desemprego pros jovens, o primeiro emprego pro jovem é difícil. Aí com isso eu acho também em Tauá que muitos jovens tão entrando no mundo das drogas, e na violência, por conta disso também, que pra poder achar seu primeiro emprego o jovem é difícil! Se não tiver uma pessoa para te colocar, uma pessoa da tua família é muito difícil, por isso que eu acho... olhe o lazer influi também nisso, nós não temos lazer, por isso na cidade ta crescendo esse negócio de violência em negócio de drogas, eu acho que é por isso...

S2 - Eu moro no interior e no interior que eu moro, lá tinha muitos carinhas que só vivia sem grana, porque não trabalhava, não tinha condição de trabalhar e agora vive em Tauá, vem pra cá todo final de semana só que muitos deles falam comigo que era uma tristeza sempre que trabalhava muito e quando ia pra uma festa, ia com bem pouco dinheiro. Depois ia pra uma festa era 400 reais 500 reais só que vinha tipos de drogas de fora e eles ajudavam a vender aqui dentro.

S4- Trabalham muito como representante de vendas só que na hora não sabiame a maioria dos representantes políticos não ta nem aí, os prefeitos é só promete que vai fazer fábrica disso, daquilo, tem mais desemprego, os jovens não tem emprego e vai pro mundo das drogas, da violência ...se em Tauá tivesse assim uma fábrica de reciclagem, certo? uma fábrica de investimento barato e que dá muito emprego, uma fábrica de velas, uma fábrica de vassoura, todas as fabricazinhas aqui como investimento em calçado. Tudo. O investimento é pouco a questão do custo e gera mais emprego pra população e os jovens não caiam no mundo das drogas e da violência.

S2- Era mais fácil até pra quem quer trabalhar, ganhava experiência.

P- Só pra concluir agora, eu queria saber que sugestões vocês dariam para melhorar as condições em Tauá pra que os jovens não precisassem sair.

S6- Fábricas. Colocar fábrica de alguma coisa, e que dessem oportunidades para aqueles que não tem, por exemplo, muitas vezes tem alguém que já trabalha em alguma coisa, ganha bem,

mas aí chega uma fábrica nova e só porque lá tem mais oportunidade eles todos vão fazer e tomar a vaga de alguém que já não tinha nada.

S2- As sugestões maiores pra cidade, acho que tanto faz o porte, seja pequena ou grande, é dar emprego. Colocar fábricas, que dá emprego dentro da fábrica e fora. Numa fábrica de reciclagem, tanto vai ter as pessoas fazendo lá a reciclagem dentro, quanto as pessoas trabalhando fora catando sacos, plásticos, as garrafas, ferro velho, pode ser tudo reciclado, né? Essas empresas vêm pra cá de fora. Uma fábrica de velas também, gerava muito emprego, vassoura, tudo o investimento é pouco, agora a questão é que nossos governantes não tão nem aí, é só promessa, promessa, na hora da eleição, da campanha prometem Deus e o Mundo e na hora que ganham não tão nem aí. Não se importam.

S1- Se o nível de estudo fosse assim maior, a gente tivesse mais ...comparação: se tivesse oportunidade de escolher matéria pra gente fazer, se atualizar aqui, mas não tem, só tem pra biologia, química e pedagogia, a gente não pode é...

S4- Você sabendo que depois daquele curso você vai trabalhar

S1- Por isso que tem muito professor aqui que, é oportunidade pra professor ta pouquinho, ae só tem essa oportunidade, se formar pra quê? Aí quem casos que um bocado deles já ta desempregado, se a gente tivesse mais variações de ...

S5 – Como desmembramento das outras ciências é que....mas olhe o curso de biologia e de química você pode muito bem, quando você se formar, você pode trabalhar em outras áreas. Você com o nível superior fica mais fácil de conseguir um emprego melhor, ganho melhor e poder fazer uma especialização...

S2- Eu fiz o curso de empresarial lá empresa que eu trabalhava e tinha várias pessoas que chegavam lá e que queriam fazer, mas eles não deixavam fazer, aí pegavam o nome e diziam: “Bem, vocês tão escritos, tem que aguardar a seleção”, quando a gente chegava lá, tiravam o nome deles e colocavam nós que era ...da empresa e que a gente quisesse. Então eu peguei vaga pra mim e pra três colegas meus e muitas pessoas que queriam realmente fazer não foram nem sorteadas só.

P- Então, o que mais que vocês dão de sugestões?

S5- Que eles sigam as leis trabalhistas

S1- É os empresários que tem aqui não deixe mais a cidade, tem que se envolver porque a cidade, sem investir não desenvolve a cidade não.

S5- Porque é o tipo da coisa, eles investem neles mesmos. Os comerciantes daqui já ficam melhor um pouquinho, já compram uma hilux, já compram uma casa do tamanho não sei de quê.

S2- Tão trabalhando pra isso...

S5 Tudo bem, mas eles já exageraram um pouco.

S4 A secretarias do município, a secretaria do esporte, criasse umas escolinhas, a meninada deixa de estudar pra ir morar lá em Fortaleza em escolinhas, não estudam e nem nada...

S2 Educação melhor, com certeza. Fiscalização na educação também. Porque a educação daqui não é tão ruim, mas falta fiscalização...

S1 A população de Tauá, talvez seja uns 700 e poucos mil, né? Talvez 30 % das pessoas moram fora talvez , acho que é. Uns 30% moram fora, mas é por causa disso estudo e trabalho.

P: Alguém gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

S5: Não, acho que não.

S1: Também acho que não.

P: Então, obrigada a todos pela participação.